



ANTROPOLOGIA SEM FRONTEIRAS

Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas

Cachoeira, Bahia

2ª edição

Fátima Tavares, Carlos Caroso, Francesca Bassi, Thais Penaforte & Fernando Morais



**SABERES E FAZERES
TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS**

Cachoeira, Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR João Carlos Salles Pires da Silva

VICE-REITOR Paulo Cesar Míguez de Oliveira

ASSESSOR DO REITOR Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo



SABERES E FAZERES TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS

Cachoeira, Bahia

Fátima Tavares
Carlos Caroso
Francesca Bassi
Thais Penaforte
Fernando Moraes

2ª edição

Salvador
EDUFBA, 2019

2019, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

PROJETO GRÁFICO Gabriela Nascimento

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL Janaina Spínola dos Santos

FOTOS Lara Perl

FOTOS DO ARQUIVO Carlos Caroso e Leonardo Di Blanda

ILUSTRAÇÕES Felipe Rezende e Luma Flores

REVISÃO Elber Lima

NORMALIZAÇÃO Marcelly Moreira

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

Tavares, Fátima.

Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas: Cachoeira, Bahia / Fátima Tavares ...
[et al.] – 2. ed. – Salvador: EDUFBA, 2019.

190 p. : il. – (Antropologia sem fronteiras)

ISBN 978-85-232-1898-0

1. Quilombolas - Cachoeira (BA). 2. Quilombolas - Usos e costumes. 3. Plantas
medicinais. I. Título.

CDD – 305.896081

Elaborada por Sandra Batista de Jesus CRB-5/1914

Editora filiada à:



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina

Salvador - Bahia CEP 40170-115 Tel. 71 3283-6164

www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO 7

O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DA BACIA E VALE DO IGUAPE 13

TERRA DE DIREITOS

Martina Monilu e Leonardo Di Blanda 15

UMA LONGA PARCERIA DO OBSERVABÁIA

Carlos Cardoso e Fátima Tavares 17

UM COMPROMISSO COM O TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO BAIANO

Tatiana Velloso, Fernando Moraes e Marcelo Araújo 19

CONHECENDO OS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS 21

SABERES E FAZERES TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS 25

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA BACIA E VALE DO IGUAPE 39

PRATICANTES TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS

Kaonge 45

Dendê 56

Kalembá 62

Engenho da ponte 67

Engenho da praia 74

Tombo/Palmeira 78

Kalolé 82

Imbiara 87

Engenho da Vitória 93

Kaimbongo 95

Engenho Novo 99

Engenho da Cruz 103

São Francisco do Paraguaçu 106

Santiago do Iguape 112

Brejo da Guaíba 122

Tabuleiro da Vitória 131

Mutecho e Acutinga 135

MODOS DE FAZER, MODOS DE SABER, MODOS DE SER 141

INVENTÁRIO ETNOBOTÂNICO DAS ERVAS MAIS CITADAS 163

REFERÊNCIAS 185

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Fátima Tavares e Carlos Caroso

Tomamos como ponto de partida e compreensão a questão de saber como podemos conhecer a riqueza e diversidade de conhecimentos e práticas de cuidado em saúde que historicamente têm sido objeto de preconceitos e de políticas de sistemático combate por parte dos poderes instituídos, e, que ainda hoje, são fortemente marginalizados. Mas como fazer isso sem contribuir para sua transformação em exotividade, em saberes etnicamente situados que deveriam ser “preservados” em defesa da diversidade cultural contemporânea? Intenções desse tipo podem ser boas, contudo, devemos ir além das políticas que restringem outras experiências terapêuticas ao domínio da cultura e não dos corpos e do mundo – deveriam essas questões serem abordadas pela ciência!?

Precisamos, então, aceitar bons desafios como esses que nossos interlocutores das comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape, em Cachoeira, Bahia, nos proporcionaram, quando nos sugeriram a realização do estudo que constitui a base desta publicação. Desafio tanto mais arriscado por se tratar de demanda “deles”, oriunda de preocupações com o futuro das formas de cuidar, percebidas em suas vulnerabilidades, mas também da certeza que são modos de viver nos territórios que lhes pertencem e

que, justamente por isso, precisam ser visibilizadas para que o registro seja um elemento de reconhecimento e contribua para sua continuidade.

Da ideia inicial de fazermos um levantamento das ervas – raízes, caules, folhas, flores e frutos – e outros elementos – substâncias animais, carvão, pedras, água, palavras, ciclos lunar e solar, ciclo da maré, dias da semana, horários, pontos cardeais etc. (medicinas amplamente utilizadas no cotidiano daquelas comunidades foi sendo percebida a necessidade de visibilizar não apenas esses conhecimentos, mas também as pessoas que os fazem circular) estes não são apenas terapeutas socialmente reconhecidos como tal, mas muitos outros que neste livro são reconhecidos como “praticantes terapêuticos”. Uma primeira edição desta publicação – não comercializada – teve por foco a distribuição entre os integrantes das comunidades quilombolas. Com esta finalidade seu lançamento ocorreu durante a X Festa da Ostra, realizada no quilombo Kaonge, em Cachoeira, no mês de outubro de 2018.

Durante uma atividade realizada como parte da programação daquele evento, os praticantes terapêuticos puderam se ver nas belas imagens do livro e reconhecer-se uns aos outros nesse processo de construir um patrimônio terapêutico local, assim como compartilhar suas experiências. Esta segunda edição, que agora trazemos a público por meio da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), foi cuidadosamente revisada e ampliada, assim como incluído detalhamentos adicionais em relação aos desafios da pesquisa com terapêuticas tradicionais e às comunidades quilombolas.

A pesquisa foi devidamente registrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) com o número de cadastro A91AA1A. Os pesquisadores envolvidos neste mapeamento das práticas de cuidado também são parceiros das comunidades em vários outros projetos. São professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB): Fernando Moraes, Francesca Bassi e Tatiane Velloso e da Universidade Federal da Bahia (UFBA): Carlos Caroso, Fátima Tavares e Thais Penaforte, sendo os três últimos e Francesca Bassi integrantes do grupo de pesquisa Observatório de Riscos e Vulnerabilidades Socioambientais da Baía de Todos os Santos (ObservaBaía), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vanderson dos Santos e Rosângela Jovelino, moradores do Kaonge, participaram da etapa

da pesquisa em campo por ocasião das visitas às comunidades em vários momentos entre 2017 e 2018. Duas bolsistas de Iniciação Científica no ObservaBaía, Thais Cedrim e Ilma Araújo estiveram presentes na realização de algumas entrevistas e fizeram as transcrições dos áudios. Por fim, também foram realizadas entrevistas com praticantes terapêuticos das comunidades da Imbiara, Kalolé e Tombo, Palmeira, para a realização do Laudo Antropológico, entre 2015 e 2017, pela equipe do ObservaBaía, que à época contava também com os pesquisadores Serge Pechiné e Cristina Pechiné.

As entrevistas com praticantes terapêuticos de Santiago do Iguape e do Kaonge foram realizadas como parte das atividades do Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) “Etnofarmacologia e Terapêuticas Tradicionais na Baía de Todos os Santos”, disciplina de extensão da UFBA, que visitou essas comunidades em março de 2017. Nessa ocasião, participaram das atividades os docentes Thais Penaforte e Fátima Tavares e os estudantes Camila Pimentel da Silva Araujo, Danilo Luis de Jesus Batista, Evany Oliveira Rodrigues, Flávia Mara Henriques Gomes, Ilma Reis de Araújo, Inessa Souza Aragão, Marlene Charlotte Myon, Maurício Souza Nogueira, Mirela Borba, Thais Cedrim, Victória Maria dos Santos Dias, contando ainda com a participação de Iacy Pissolado (doutoranda PPGA/UFBA) que acompanhou o grupo nas viagens a campo.

Enfim, o grupo é extenso e suas atividades compreenderam diferentes momentos de trabalho para que se pudesse reunir e posteriormente organizar o *corpus* de dados que integra a pesquisa e a escritura deste livro propriamente dito, que ficou a cargo dos autores desta publicação.





O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DA BACIA E VALE DO IGUAPE

Ananias Viana¹

Entre os séculos XVI e XX, o Território Quilombola da Bacia e Vale do Iguaçu – Recôncavo Sul do estado da Bahia, destacou-se no processo de colonização do Brasil enquanto centro de formação e exportação de capital. Tal destaque teve como base a economia e o regime agroescravista, utilizando-se de atividades de produção e beneficiamento da cana de açúcar, exploração do fumo e comercialização de negros escravizados trazidos do continente africano.

Neste percurso, evidenciamos a trajetória formativa de grupos comunitários quilombolas que estimula a cooperação e a produção de novos conhecimentos. Como exemplo, temos a formulação de ações que tem por base a troca de saberes, o respeito à diversidade e a construção de ferramentas que muito contribuem para a organização destes povos.

Assim, considerando as tradições ancestrais praticadas até os dias de hoje, incluímos como ponto importante de destaque durante esse processo as iniciativas de preservação e revitalização dos modos de vida e respeito à ancestralidade, como os Saberes e Fazeres Terapêuticos, objeto desta publicação.

¹ Articulador Político Social das Comunidades Quilombolas da Bacia e Vale do Iguaçu.



TERRA DE DIREITOS

Martina Molinu e Leonardo Di Blanda²

Foi num encontro de degustação das ostras da Bacia e Vale do Iguaçu, produto da sociobiodiversidade local que bem simboliza as relações solidárias, a coletividade e sustentabilidade que caracterizam as atividades produtivas do território quilombola, que teve origem o Projeto Terra de Direitos, uma parceria estabelecida entre a ONG Cooperazione per lo Sviluppo dei Paesi Emergenti (Cospe),³ o Centro de Educação e Cultura do Vale do Iguaçu (CECVI)⁴ e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), cofinanciado pela União Europeia.

2 Equipe da Cospe Onlus no Brasil: Diretora Geral e Coordenador Local do Projeto Terra de Direitos.

3 Cooperação para o Desenvolvimento dos Países Emergentes (Cospe Onlus) é uma associação privada, laica e sem fins lucrativos. Desde 1983 atua em mais de 20 países do mundo, em territórios e comunidades locais ao lado de milhares de mulheres e homens, para um mundo de paz e hospitalidade, com mais direitos e democracia, com mais justiça social e sustentabilidade ambiental e para o alcance da igualdade entre homens e mulheres e a eliminação de cada forma de discriminação.

4 CECVI, fundado em 2002, é uma associação civil sem fins lucrativos. Apoia e implementa ações para a defesa e manutenção da qualidade de vida do ser humano e do meio ambiente, através de atividades de educação profissional, culturais e de proteção do meio ambiente.

No intuito de defender e promover a reprodução física, cultural e social das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Bacia e do Vale do Iguape, desenhou-se este processo de registro do patrimônio material e imaterial, que conta com a valiosa colaboração de professores e pesquisadores profissionais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), bem como dos entrevistados, que permitiram a realização do Dossiê Saberes e Fazeres Terapêuticos Quilombolas em Cachoeira, Bahia,⁵ elaborado entre 2016 e 2018, cujo conteúdo serviu de base para esta publicação.

Com o mapeamento dos saberes e fazeres relacionados com as práticas terapêuticas tradicionais, práticas de cuidado, autocuidado e cura-retratados aqui, esperamos promover a valorização da história e cultura quilombola, dentro e fora das comunidades. Como Cospe nos orgulhamos de colaborar para a construção de um mundo em que a diversidade seja considerada um valor.

5 Ver em: www.cecvi.org.br.

UMA LONGA PARCERIA DO OBSERVABAÍA

Carlos Caroso e Fátima Tavares

O mapeamento que resultou nesta publicação contou com a parceria dos pesquisadores filiados ao Grupo de Pesquisa Observatório de Riscos e Vulnerabilidades Socioambientais da Baía de Todos os Santos (ObservaBaía - UFBA). O ObservaBaía iniciou seus estudos nas comunidades reunidas no âmbito do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguaçu em dezembro de 2013.

Naquela ocasião, apresentamos nossas propostas e intenções, ao tempo em que solicitamos autorização para realizar estudos na área. Ao longo desses anos, os pesquisadores do ObservaBaía se envolveram com diversas ações no território, sempre autorizados pelo Conselho, e durante esse processo a demanda por laudos antropológicos foi se intensificando.

Mais recentemente já havíamos iniciado algumas incursões no território buscando conhecer as práticas terapêuticas, quando surgiu a possibilidade deste trabalho em conjunto com outros pesquisadores da UFRB, fomentado pelo projeto Terra de Direitos, da Cospe. Boas parcerias, boa equipe e, esperamos bons desdobramentos para este trabalho!



UM COMPROMISSO COM O TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO BAIANO

*Tatiana Velloso, Fernando Moraes
e Marcelo Araújo*

Com o intuito de atender aos pedidos da Carta de Demandas do Núcleo de Desenvolvimento Quilombola do Território do Recôncavo apresentada durante a VIII Festa da Ostra, na comunidade do Kaonge, em 2016, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), por meio da Pró-Reitoria de Extensão (Proext) e dos docentes do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (Cetens) e do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult), estabeleceu parcerias no âmbito do Projeto Terra de Direitos com o objetivo de desenvolver ações de fortalecimento das comunidades quilombolas, dentre as quais destacamos o trabalho apresentado nesta publicação que traz a identificação e registros dos saberes do uso das plantas medicinais e práticas terapêuticas relacionadas.

Lidar com conhecimentos tradicionais requer um profundo cuidado e respeito, visando proteger o patrimônio imaterial e material das comunidades remanescentes de quilombo, de acordo com a Lei nº 13.123 de

20 de maio de 2015, conhecida como Lei da Biodiversidade, que define em suas normas “o acesso ao patrimônio genético (PG), proteção, acesso ao conhecimento tradicional associado (CTA) e a repartição de benefícios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade”. Um processo no qual acreditamos para preservar os saberes e fazeres terapêuticos quilombolas.

Finalmente, agradecemos a todas as pessoas entrevistadas, que nos abriram as portas e compartilharam conosco seus saberes e memórias.



CONHECENDO OS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

As práticas e saberes de cuidado em saúde dos territórios quilombolas visibilizam formas de viver muito diversas e diferentes daquelas que são encontradas no meio urbano moderno: as dificuldades de acesso aos serviços públicos em saúde, os males, os perigos e as doenças, as interdições e resguardos, as formas do autocuidado, do cuidado com os filhos, parentes, vizinhos, com o território, os remédios, a proteção às pessoas. Essas são algumas, entre as muitas diferenças que emergem e que podem produzir ruídos e incompreensões por parte daqueles que desconhecem sua importância para a organização e continuidade da vida dessas comunidades.

Considerando as dificuldades acima apontadas, adotamos a estratégia de nos manter bem perto daqueles com quem buscamos aprender, com o cuidado de não cair na armadilha dos julgamentos e interpretações, mas sim fazer emergir a riqueza, o detalhe, a diferença. Esta publicação é um resultado parcial da riqueza de nossas conversas com pessoas de todas as 17 comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape, que conhecem as ervas medicinais e, que, em muitos casos, também fazem rezas e/ou já foram

parteiras e/ou cuidadoras mulheres no puerpério e crianças recém-nascidas. São mulheres e homens, jovens e idosos, que nem sempre se autorreferem como rezador/rezadeira, erveiro, terapeuta ou outra autodesignação que explicita a condição de promotores da saúde, razão pela qual neste livro nos referimos àqueles como “praticantes terapêuticos”.

Embora nossos interlocutores não se autodenominem assim, a opção por esta designação vem da sua amplitude, isto é, podemos considerar como “praticantes” não apenas aqueles reconhecidos nas comunidades como “rezadores”, mas também os conhecedores das ervas, que muitas vezes não gostam de dizer que são “especialistas” naquelas práticas. É facilmente perceptível que o conhecimento das ervas é algo muito disseminado nas comunidades, não se podendo afirmar que se restringe apenas a algumas pessoas. Dessa forma, fazendo uso do termo praticantes terapêuticos, também podemos fazer jus aos modos profundamente enraizados com que esses conhecimentos se apresentam nos territórios quilombolas. Com isso queremos enfatizar que, de alguma forma, todos são, uns mais intensamente que outros, praticantes terapêuticos. Afinal, foram os nossos próprios interlocutores que afirmam que mesmo os jovens conhecem plantas e fazem uso daquelas quando se deparam com situações de necessidade. Trata-se, portanto, de compreender saberes disseminados entre todos e que integram os modos de vida das pessoas.

Chegamos aos praticantes terapêuticos fazendo uso da técnica conhecida por “bola de neve”, que consiste em ir “seguindo as pistas” por meio das indicações daqueles que já havíamos entrevistado formalmente ou tido conversas informais, para, assim, ampliar crescentemente a lista dos praticantes terapêuticos, que contemplou pessoas residentes em todas as comunidades. Desta maneira foram identificados o total de 63 pessoas diretamente apontadas como praticantes, sendo que visitamos e entrevistamos 42 destas. Duas observações precisam ser feitas sobre esses números. A primeira é que a lista dos 63 praticantes terapêuticos não é, de forma alguma, uma lista fechada ou definitiva, isto é, não esgota as possibilidades de outros praticantes serem mencionados em novas visitas às comunidades. A segunda questão se refere às condições da pesquisa em campo que não nos permitiram acesso a todos que foram de alguma forma mencionados, muitas vezes por entraves de ordem logística: dificuldades de deslocamento da equipe para as comunidades e descompassos entre a chegada do pesquisador e a presença

da pessoa em sua residência, já que as visitas não foram previamente agendadas com os entrevistados nesta fase do trabalho, em que a descoberta por meio de busca sistemática foi a principal estratégia utilizada na identificação dos praticantes e realização das entrevistas.

Em seguida a esta introdução, no capítulo “Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas”, são apresentados alguns desafios das políticas públicas de saúde para os quilombolas, além de observações sobre os praticantes terapêuticos. No capítulo seguinte, “As comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape”, foram compiladas informações gerais sobre as comunidades pesquisadas: infraestrutura, questões socioambientais e atividades produtivas, com base em levantamentos – quantitativos e qualitativos – realizados pelas ONGs Humana Brasil e Cospe e o Grupo de Pesquisa ObservaBaía. Em “Praticantes terapêuticos quilombolas”, destacam-se aspectos das práticas e especificidades dos aprendizados de cada um, sendo que a ordem de apresentação dos praticantes respeita o processo de certificação das comunidades às quais pertencem: das mais antigas às mais recentes. A seguir, em “Modos de saber, modos de fazer, modos de ser”, apresentamos algumas considerações sobre os conhecimentos dos nossos interlocutores, bem como uma relação das ervas mencionadas e outros elementos terapêuticos, assim como as doenças. Por fim, devido aos limites desta publicação, no último capítulo, “Inventário etnobotânico das ervas mais citadas”, as imagens fotográficas e as informações incluídas compreendem apenas uma pequena parcela da potência terapêutica catalizada nas comunidades

SABERES E FAZERES TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS

As práticas terapêuticas estão disseminadas pelas comunidades quilombolas, constituindo um saber enraizado no território por onde se constroem as diferentes habilidades dos nossos interlocutores de pesquisa, num sentido muito afim àquele explicitado por Ingold (2012) quando aponta para a necessidade de considerar o conhecimento como algo que está no mundo e não apenas nas “mentes”. Queremos indicar, assim, que esses conhecimentos não estão “congelados” ou perdidos numa tradição em vias de extinção, mas, ao contrário, são práticas que se disseminam em muitas direções relacionando pessoas e ambientes e que tornam possíveis as identidades e os corpos no mundo vivido desses territórios.

São conhecimentos que se diferenciam daqueles da biomedicina, mas que também se articulam àquela de formas variadas, podendo complementar ou relativizar certos procedimentos. Mas de modo algum podemos considerá-los meramente como “crenças” sobre doenças, processos e cuidados sem valor qualquer “científico”. (TAVARES; BASSI, 2012) Para o senso comum, e muitas vezes em certos modelos de compreensão antropológicos



ultrapassados, as “crenças” são compreendidas como algo localizado no interior da mente das pessoas. Trata-se de uma visão antiquada da cultura, que considera que as pessoas sentem, ouvem, veem as mesmas coisas do mundo, mas organizam essas “informações” de acordo com suas disposições culturais diferenciadas. Seguindo em outra direção, nossa resposta sugere que as diferenças estão disseminadas pelo ambiente, passando pelas “habilidades” dos corpos e mentes num sentido alargado, para além do cérebro. A cultura não deve ser compreendida como formas de organizar os dados do “mundo” – tido como “fatos” incontroversos –, mas diferentes capacidades de notar o mundo.

Assim, pensamos ser preciso ultrapassar essa compreensão da “crença” – *versus* a “realidade”, que decorre da apreensão assistemática da realidade experienciada pelas alteridades, para seguir o rastro das vidas das pessoas e povos diferenciados com os quais interagimos em busca de registrar o importante conhecimento terapêutico que integra os saberes das comunidades com as quais temos convivido. (INGOLD, 2012) A problematização das fronteiras entre a universalidade da biomedicina e a multiplicidade das práticas e cosmologias não biomédicas sempre esteve presente na antropologia, estendendo-se à própria categoria de terapêutica como “referente-padrão” do que sejam “ações eficazes” em saúde. O mundo que emerge das práticas quilombolas manifesta muitas variações que tensionam a normatividade da biomedicina e que não podem ser reduzidas aos termos daquelas contradições ou mesmo como efeito deletério das condições de produção de populações vulnerabilizadas. Se tal relação pode ser evocada, esta vale para a sociedade da disciplina – nos termos de Foucault – e a sociedade do controle – nos termos de Deleuze, em que as subjetividades já se encontram apartadas do devir e o que é aprisionado passa a ser “o lado de fora”. (LAZZARATO, 2006)

Mas é necessário arriscar pouco mais do que apenas problematizar as fronteiras entre sistemas biomédicos e tradicionais. Precisamos, então, nos afastar do que sejam ideias-conceitos preconcebidos dos encontros de cura, como sugere Machado (2017), e rastrear os agenciamentos sobre todas as coisas que são postas em relação, assim como as interrupções, os interditos que podem intervir, transformar, curar. As comunidades quilombolas de Cachoeira abrem-se para as virtualidades e transformações nos processos de cura; aos sentidos e capacidades geradas no encontro terapêutico em que intervém humanos e não humanos, e não apenas terapêuticas circunscritas à reprodução de corpos (biológicos) e subjetividades. São as receitas que conectam ervas e outros elementos, assim como a observância das afecções corporais e do ambiente, que fazem circular rezas, chás, xaropes, lambedores, banhos e defumações. Mas também as interdições e cuidados na pureza, perigo, poluição e tabu tal como tratados por Douglas (1976), para compreendermos questões relacionadas à “pureza” dos locais de coleta e “impureza”, potencial de contágio dos locais de descarte, entre as muitas nuances a serem consideradas.

Estas referências que são mencionadas emergem como aspectos de grande importância no entendimento dos processos de busca, seleção e coleta das ervas e outros elementos, bem como na preparação dos remédios, e das rezas/benzeções da pessoa; observância quanto ao dia da semana e à parte ou hora do dia adequados para realização de cada um daqueles procedimentos, da mesma forma que da propriedade das condições ambientais, a exemplo das fases da lua, dos níveis das marés; enfim, são as formas pelas quais se faz o mundo dos saberes quilombolas. Afinal, como sugere Latour (2002), o “mundo” acomoda muitas “feituas” possíveis (sejam os fatos da ciência, seja fatos da religião; sejam muitos outros “fatos”). É nessa perspectiva que emergem os destaques de fragmentos de narrativas e/ou situações das nossas conversas, com os praticantes terapêuticos quilombolas dos quais trata esta publicação.

SAÚDE E POLÍTICAS PÚBLICAS

O interesse acerca das práticas tradicionais de cuidados em saúde cresce mundialmente, superando a tendência de reconhecimento exclusivo da utilidade das ervas e outros produtos medicinais para também destacar seus praticantes terapêuticos. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013) Frente a este cenário cambiante, é muito importante que governos e suas instâncias, não apenas sanitárias como também educacionais, atuem de maneira a reconhecer, fomentar e respaldar o que podemos considerar como multiplicidade terapêutica, gerando desafios em torno das lógicas “do cuidado” e “da escolha”, como salienta Mol (2008).

Embora se encontrem ameaçadas desde que consolidou uma ruptura com as políticas sociais que atingem a assistência pública à saúde a partir de meados do ano de 2016, o exame acerca das políticas públicas de saúde no Brasil nas últimas décadas demonstra não apenas sua tendência à democratização e descentralização, como também a crescente setorialização dessas políticas. Desde o final o final dos anos de 1990, o Sistema Único de Saúde do Brasil conta com uma ampla política de atenção básica: a Estratégia Saúde da Família (ESF), um sistema de cuidado em saúde com gestão municipal,

de grande capilaridade territorial. No entanto, essa “expansão” da oferta de atenção em saúde por parte do Estado brasileiro, inicialmente sob forma do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), passando pelo Programa Saúde da Família (PSF) e a ESF, não resultou necessariamente na redução do papel e importância dos saberes e práticas tradicionais; bem ao contrário, esses se transformam, contagiam-se entre si, assumindo novas formas face à crescente demanda por direitos em diferentes segmentos da sociedade, especialmente entre as diversas populações tradicionais. De certa forma, considerando a característica territorializada do cuidado em saúde, a ESF tem que lidar com um contexto de incremento da pluralidade terapêutica. Como evidência desse argumento, é possível afirmar que as pesquisas sobre o cotidiano das equipes de saúde têm apontado a coexistência de redes de cuidado que atravessam e transgridem a territorialização promovida pela ESF. (BONET; TAVARES, 2006, 2008)

Além da ESF, foram formuladas e crescentemente se consolidam nos últimos anos três políticas de saúde em nível federal que afetaram as comunidades quilombolas, embora não se destinassem exclusivamente a esta população: a “Política Nacional de Saúde da População Negra”, a “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares” (PNPIC) e a “Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta” (PNSIPCF). Sobre a primeira política, é importante destacar que o debate em torno da saúde da população negra constitui um “campo” de reflexões e intervenções políticas no qual se entrecruzam questões étnico-raciais, saúde, religiões afro-brasileiras e territorialidade dos quilombos rurais e urbanos. A valorização dos cuidados em saúde no âmbito do candomblé é também uma luta pela sua legitimação social, num contexto marcado por atitudes de intolerância religiosa, particularmente da parte de praticantes de religiões neopentecostais. Em linhas gerais, as disputas que envolvem a saúde da população negra concentram-se em torno da promoção da equidade em saúde, assumindo uma postura crítica ao princípio da universalidade que orienta o Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, diversos segmentos do movimento negro reivindicam uma política de saúde que ao mesmo tempo minimize as inequidades e promova a valorização das terapêuticas tradicionais de matriz africana. Como salientam Maio e Monteiro (2005), a política da saúde da população negra é retomada nesse início de século como política antirracista e de ação

afirmativa que vem fortalecendo identidades de “consciência racial”, com a ajuda da atuação do Estado.

No que se refere a esta questão que há muito constituía uma crescente demanda, no ano de 2006 ocorreu o reconhecimento das práticas tradicionais em saúde pelo SUS, com a implementação da “Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos”. Este movimento em grande parte busca atender às diretrizes da OMS, tendo inicialmente como objetivo a inclusão e acesso da população às práticas de fitoterapia/plantas medicinais, acupuntura, homeopatia e termalismo/crenoterapia. Segundo dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), 29 terapias podem ser encontradas no âmbito do SUS. Embora não enfoque um segmento específico, a PNPIC tem como uma de suas diretrizes o estímulo à pluralidade terapêutica no âmbito do SUS – incluindo, evidentemente, a Estratégia Saúde da Família (ESF).

Ambas as políticas apresentadas – a Saúde da População Negra e a PNPIC – buscam a valorização de saberes e populações tradicionais, mas por meio de processos diferenciados, já que os interlocutores envolvidos nos campos de discussão nem sempre são os mesmos. Em Salvador – e outras capitais brasileiras – as discussões têm sido mais vigorosas no âmbito das comunidades religiosas afro-brasileiras, contudo pouca ou nenhuma atenção tem recebido as iniquidades em saúde que afetam as comunidades quilombolas, como as que ora vimos estudando. Esse quadro não difere muito daquele de outras regiões do Brasil, nas quais se verifica a urgência de pesquisas e ações para a efetivação de políticas diferenciadas em quilombos. (ARRUTI, 2008)

A despeito dos claros avanços que se verificaram no período, no que tange às comunidades quilombolas que se encontram no município de Cachoeira, assim como no Estado da Bahia, essas não são adequadamente consideradas nas políticas estaduais de saúde, deixando a descoberto importantes dimensões das redes de cuidados cotidianos. Na Secretaria de Saúde da Bahia (Sesab), as políticas “diferenciadas” se encontram em Coordenações distintas da Diretoria de Gestão do Cuidado: a) Área técnica “Saúde da população negra” (Coordenação de promoção da equidade em saúde-CPES) e b) Área técnica “Práticas Integrativas e Complementares” (Coordenação de Políticas Transversais-CPT). Ainda na mesma Sesab, na Diretoria de Atenção Básica, se encontra o acompanhamento da ESF. Na Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), está o Grupo Intersetorial para Quilombos

(GIQ), criado por meio do Decreto nº 11.850, de 23 de novembro de 2009, que institui a Política Estadual para Comunidades Remanescentes de Quilombos, composto por 17 secretarias estaduais, sendo que esse grupo inclui um representante da Secretaria de Saúde. Resta saber se essa transversalidade do GIQ poderá abranger tanto as demandas pela melhoria da ESF como pelo reconhecimento da diversidade das demandas em saúde e de cuidados terapêuticos em comunidades quilombolas.

Neste sentido, para além da construção de estratégias que visem a superação de situações de vulnerabilidade e iniquidades em saúde, as políticas públicas voltadas às comunidades quilombolas devem apontar para mecanismos de reconhecimento de seus saberes e fazeres, integrando-os à política nacional de saúde. É inegável que políticas tais como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares propiciam maior visibilidade dessas práticas e as reposicionam enquanto importante componente dos serviços de saúde. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013) No entanto, as políticas ainda são muito incipientes em relação à valorização do conjunto ampliado dessas práticas e sua incorporação e harmonização junto ao contexto biomédico.

SAÚDE E TERRITÓRIO

A relação vital, incorporada nos corpos e no cotidiano dos serviços de saúde e das pessoas assistidas entre saúde e território, atravessa a forma como nossos interlocutores avaliam os serviços públicos de saúde: as transformações implementadas com a “chegada” dos postos de saúde e equipes da ESF, bem como as condições de acesso e características operacionais desse sistema. Assim é que o “tempo de antigamente” contrasta com alguns benefícios atuais que são reconhecidos por todos. No passado, como alguns situam, a “saúde” era um bem distante territorialmente: saúde estava associada ao “tempo das canoas” e ao deslocamento terrestre precário, já que não havia estradas e nem transporte adequado para os necessitados. Não foram poucas os relatos que ouvimos sobre as mulheres grávidas que pariam em canoas

durante o percurso que as levaria a um serviço de saúde adequado para o parto. Como lembra Florisvaldo, do Kalolé: *“Antes, se caía uma pessoa doente aqui a gente botava numa cadeira, amarrava dois paus, um do lado e outro de outro, numa cadeira. Se o doente não tivesse muito grave ele ia solto, mas se ele tivesse grave ia amarrado na cadeira, pra subir a ladeira [...]”*.

Atualmente são observados pontos positivos e negativos na avaliação do sistema público de saúde. Como pontos positivos foram citadas a importância da abertura de estradas; da implantação de postos de saúde; dos agentes comunitários de saúde; e da disponibilização de uma ambulância. Por outro lado, contrapesando essas conquistas, as críticas são direcionadas aos mesmos ganhos, cujas deficiências são inexistência de transporte adequado; dificuldades de acesso aos postos de saúde; insuficiência das “fichas” para atendimento médico nos postos; ambulância frequentemente fora de operação ou não disponível por motivos nem sempre esclarecidos.

A territorialização do sistema público de saúde também traz importantes consequências para as práticas tradicionais de cuidado, entre estas o desaparecimento das parteiras que, no passado não muito distante, eram muito atuantes em todas as comunidades da região: vários nomes de parteiras já falecidas foram lembrados e, algumas de nossas interlocutoras foram parteiras quando mais jovens. Apesar das mulheres atualmente preferirem ter seus filhos em hospitais, o desaparecimento das parteiras decorre também do constrangimento atual das condições da prática desse ofício – dentre outros fatores – sob controle dos médicos, como indicam os relatos dos interlocutores deste estudo.

No entanto, se o ofício do partejar está quase desaparecendo, este ainda não desapareceu por completo, pois as “parteiras de necessidade” ainda resistem no contexto presente, muitas vezes realizando partos em determinadas situações de emergência e inevitabilidade, entre estas na “falta de tempo” para se chegar ao hospital. Assim, a questão da “necessidade” aparece como uma categoria processual, apresentando uma dimensão temporal, territorial – quando não dá tempo – e contextual – considerando as condições e possibilidades do evento. A “necessidade” se presta como argumento que protege, justifica e ampara essa prática.

Em suas narrativas, os praticantes terapêuticos identificam e descrevem uma grande variedade de problemas que podem ser tratados com uso das ervas e outros elementos do seu repertório terapêutico tradicional, das rezas e outras formas de cuidados que fazem parte do acervo de saberes comunitários em saúde. O processo de aprendizado requer intensa proximidade dos praticantes terapêuticos com esses conhecimentos – os elementos, e particularmente das ervas, e as rezas – na forma de um procedimento cotidiano, que pode constituir tanto uma atitude voluntária de alguém que atende a um chamamento para aprender o ofício, ou que reconhece e é reconhecido como portador de um dom ou destinado de cumprir uma missão.¹ (RODRIGUES; CAROSO, 1999)

A constante proximidade dos “outros” com quem se aprende foi apontada como podendo ser de parentes que exercem o ofício de terapeutas – mãe, pai, sogra, sogro, tia, tio, avó, comadre da mãe –, ou de outros terapeutas que se disponibilizam a transmitir seus conhecimentos para noviços – pais e mães de santo, parteiras, rezadeiras e rezadores, curadores e curadoras. Também é possível que o aprendizado se dê por meio de manifestações e transmissão de conhecimento por entidades espirituais, a exemplo de “caboclos”, orixás e outras. Por fim, o aprendizado pode ser com todos, sem quaisquer discriminações, “olhando”, “vendo” e registrando os procedimentos por meio do processo de fixação mnemônica; ou com os mais velhos, uma vez que estes são frequentemente vistos com fonte de saberes ancestrais.

¹ A exemplo do autorrelato de um terapeuta exponencial que “Vê a vida como uma experiência de aflição, como um flagelo, um fardo a ser carregado, uma missão a ser cumprida com a finalidade de obter a purificação espiritual e fazer o bem altruístico, aliviando o sofrimento dos outros, ou nas palavras de Duarte (1998, p. 16) como um “sacrifício de si como acesso ao valor, à proximidade do divino, como o mito do Cristo desde logo radicalmente sublinha”. No caso específico a que nos referimos, a “relação de reciprocidade e dependência entre o curador e os curados”, se dá sob a forma de troca simbólica, uma vez que “manutenção do equilíbrio emocional do curador depende do seu exercício da atividade terapêutica, entendida como um *dom divino* que não pode ser desperdiçado”. (RODRIGUES; CAROSO, 1999, p. 198)

As motivações que cercam o aprendizado são amplamente indicadas como se dando de forma voluntária e, muitas vezes visando a atender uma necessidade prática, tal como será visto no relato das experiências de alguns dos praticantes terapêuticos aqui arrolados. Contudo, são ainda relatadas algumas situações em que o interesse pelo aprendizado também está associado ao reconhecimento de um já mencionado dom, ou predestinação, em ambos os casos estes constituem um patrimônio hereditário, não devendo, portanto, ser desperdiçado, o que leva aqueles que o detêm a desenvolvê-lo em benefício da comunidade. O interesse no aprendizado frequentemente se encontra enraizado na experiência da maternidade: muitas mulheres indicaram que a motivação de aprender a rezar foi para cuidar dos filhos. As formas de cuidado, portanto, fazem parte do contexto mais amplo de “produção de pessoas”, como sugerido por Pina-Cabral e Silva (2013), pessoas em se fazendo nas relações de vicinalidade, numa relação dinâmica entre singularidades – tornando-se rezadores, praticantes terapêuticos – e identidades continuadas tornando-se mães, fazendo os filhos, parentes, amigos.

DESAFIOS PARA O FUTURO

A vitalidade das práticas terapêuticas pode ser identificada no cotidiano dos cuidados em saúde. O uso de elementos da flora local e de suas diferentes partes, tal como raízes, caules, entrecascas, folhas, frutos, flores das plantas, assim como de elementos de origem mineral e animal para formulação de chás, xaropes, lambedores, garrafadas, banhos, emplastros, pomadas, pó secante, colutórios, colírios, diluentes etc., articulados ou não às rezas, são práticas de autocuidado utilizados por mulheres e homens das comunidades, não sendo considerados conhecimentos de domínio exclusivo dos reconhecidos especialistas tradicionais presentes na região. Na concepção de nossos interlocutores, os chás são amplamente utilizados por todos, mesmo quando a pessoa não tem conhecimento do nome da planta sabem como utilizá-la na forma de chá. Os saberes terapêuticos, portanto, não se encontram completamente restritos ou encapsulados no domínio de alguns especialistas, pelo contrário, são compartilhados por praticamente todas



as pessoas de diferentes gerações que compõem a comunidade, sendo sua transmissão garantida por meio deste compartilhamento familiar, vicinal e comunitário.

Apesar da grande disseminação dessas práticas, é importante destacar a existência de marcada preocupação da parte de nossos interlocutores em relação ao futuro desses conhecimentos. Não foram poucos os que destacaram que as principais dificuldades para a garantia da continuidade residem em duas questões principais. Uma dessas questões é representada pelo crescente desinteresse de algumas pessoas no aprendizado, particularmente dos jovens; e, a outra, é a recusa em utilizar esses conhecimentos por parte de membros da comunidade em decorrência da conversão a religiões evangélicas, que demonstram categórica oposição a muitas das práticas tradicionais em saúde.

A preocupação em não deixar esses conhecimentos se empobrecerem, – diminuindo a quantidade das ervas conhecidas, os detalhes dos procedimentos etc. – tem mobilizado iniciativas de revitalização das práticas terapêuticas nos quilombos, que teve como um de seus desdobramentos a própria realização do mapeamento dos praticantes terapêuticos sobre o qual versa este livro. Outras iniciativas identicamente importantes ocorreram no ano de 2017, entre estas uma das atividades da acima mencionada ACCS da UFBA, que organizou uma oficina de compartilhamento de saberes e experiências com a presença de significativo número de terapeutas tradicionais da área. Para dar amplo conhecimento e sinalizar o evento, os participantes na comunidade do Kaonge em que este foi realizado, solicitaram a confecção de um *banner* para sua divulgação e demarcação do local onde ocorreria, tal como pode ser visto abaixo.



Figura 1. Banner da Oficina de Compartilhamento de Saberes entre Terapeutas, Kaonge
Fonte: acervo ObservaBaía (2017).

As transformações sociais que contribuem para a intensificação da vulnerabilidade desses conhecimentos parecem estar, em alguma medida, associadas a dois movimentos. O primeiro destes é o aumento do número de adeptos de religiões evangélicas, que vem impactando mais diretamente as práticas de reza e benção. Neste novo contexto de disputas e crescentes tensões religiosas, tanto as rezas quanto o surgimento de especialistas religiosos – rezadeiras e outros – continuam a existir e surgir novos praticantes, mas em menor intensidade do que ocorria no passado. O segundo movimento é a regulação biomédica de práticas tradicionais, uma espécie de “efeito colateral” da entrada da ESF nas comunidades quilombolas, que tem intensificado o desprestígio das práticas tradicionais: as ervas medicinais são toleradas pelos médicos ou, quando indicadas por eles, são tratadas como “paliativo” ou complemento no tratamento de doenças sem maior gravidade; já as parteiras foram impedidas de continuar com essa prática em favor do que é considerado como “benefícios” e maior segurança do parto hospitalar.

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA BACIA E VALE DO IGUAPE¹

O Recôncavo da Bahia é uma região do país na qual se encontra marcada influência da presença de povos e culturas africanas no Brasil, uma vez que para aí foram trazidos da África milhares de pessoas na condição de escravos, homens e mulheres, sobretudo para trabalhar na produção de cana de açúcar e suas atividades associadas, que experimentou seu apogeu entre os séculos XVI e XVIII. Como resultado desta forma de ocupação e uso do território, veio a ser elevado o contingente populacional negro nesta região, incluindo comunidades remanescentes de quilombos. Estas comunidades se caracterizam pela predominância de uma população descendente de africanos que foram escravizados, em geral vivendo de atividades agrícolas

¹ A ordem de apresentação das comunidades diz um pouco da história de cada lugar, pois, respeita a data de certificação pela Fundação Palmares e está organizada da seguinte forma: Kaonge, Dendê, Kalembá, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Tombo/Palmeira, Kalolé, Imbiara, Engenho da Vitória, Kaimbongo, Engenho Novo, Engenho da Cruz, Engenho São Francisco do Paraguaiçu, Santiago do Iguape, Brejo da Guaíba, Tabuleiro da Vitória, Mutecho e Acutinga.

tradicionais, preservando e dando segmento a manifestações culturais que revelam fortes vínculos com suas tradições ancestrais.

O território onde se situam as atuais 17 comunidades quilombolas da Bacia e Vale do Iguape apresenta características ambientais e geológicas que possibilitaram as condições adequadas para o incremento da indústria açucareira que se implantou no Brasil colonial a partir da segunda metade do Século XVI. (SCHWARTZ, 1998) Essas características, assim como a facilidade de acesso aos mercados externos, o fizeram um importante polo de produção baseada no domínio das elites brancas que exploravam o trabalho escravizado. A despeito do colapso deste modo de produção nos fins do século XVIII, este, o cenário de exploração então criado e fomentado, é, ainda hoje, marcado pela precariedade de políticas públicas adequadas a suas populações, tornando-se, assim, um lugar indelevelmente marcado pela longa história de permanência dos negros escravizados, que entre outros saberes que lhes permitiram adaptar-se às condições adversas oferecidas pela exploração capitalista colonial e sua continuidade até o presente, mantiveram e desenvolveram saberes tradicionais e conhecimentos terapêuticos vivenciados e transmitidos por muitas gerações, o que veio a permitir que fossem herdados pelos praticantes terapêuticos que são reconhecidos e cujas práticas e modos de fazer são apresentados na presente publicação.

As formas de reprodução neste território são profundamente marcadas pelo ambiente em que se exerce as atividades, sendo estes reconhecidos e categorizados como “na maré” e “na terra”. Pode-se depreender que exista diversificação das atividades produtivas, no entanto aquelas enfrentam problemas de baixa produtividade e baixo valor agregado, com a maioria dos produtos sendo comercializada *in natura*, portanto, sem rotulagem que indiquem denominação de origem ou certificação – produção quilombola, orgânico etc. A comercialização dos produtos de origem dos quilombos aqui considerados é rotineiramente realizada em feiras livres ou, por meio de atravessadores que os adquirem diretamente nos locais em que são produzidos, impondo, assim, baixos preços, que não só deixam de remunerar adequadamente todos os custos envolvidos na produção, como reduzem ainda mais a pequena margem de ganhos dos produtores.

Entre as atividades de extrativismo e/ou cultivo nos territórios quilombolas são encontradas a produção de pescados e mariscos, sendo o cultivo de ostras crescente em algumas comunidades, e a feitura da farinha de

mandioca se encontra presente em todas as comunidades; contudo, a produção de azeite de dendê, embora muito abrangente, não se ocorre na totalidade das comunidades. O cultivo de tuberosas, legumes, frutas e hortaliças apresenta grande variação de quantidade e diversificação entre diferentes comunidades. Destacam-se entre os produtos o quiabo, feijão, milho, mandioca, aipim, inhame, abóbora, batata, banana, laranja, amendoim, coco, cana de açúcar, acerola e hortaliças. Entre os produtos resultantes do extrativismo são encontrados jaca, jenipapo, goiaba, araçá-mirim, dendê, piaçava, cipós e licuri, entre outros de menor importância econômica comercial, contudo integrantes da dieta local. Apesar de ter menor significado no tocante à economia de mercado, a produção pecuária, criatório de suínos, aves, ovinos e criatório de abelhas para a produção melífera é crescente.

Com referência às atividades econômicas mais recentemente adotadas pelos quilombolas, a Cospe realizou levantamento sistemático identificando a existência nas comunidades do Kaonge, Dendê, Kalembá, Engenho da Ponte e Santiago do Iguape a presença numérica de algumas destas de “grupos de produção”: cultivo de ostras (com 70 integrantes), apicultura (com 70 integrantes), artesanato (com 35 integrantes) e turismo de base comunitária (20 integrantes), azeite de dendê (258 famílias), culinária tradicional (seis pessoas), pesca (em formação, 36 famílias), viveiro de mudas (em formação, 15 pessoas), audiovisual (24 pessoas), abacaxi (quatro pessoas) e promoção cultural (54 pessoas). Vale ainda destacar que na comunidade do Tabuleiro da Vitória existe um grupo de 22 mulheres que desenvolve atividades de bordados/artesanatos, da mesma forma que ali se encontra o beneficiamento de algumas frutas e raízes.

A precariedade de políticas públicas adequadas a essas populações pode ser facilmente constatada a partir dos dados que resultam do estudo realizado pela Humana Brasil, pela Cospe e pelo ObservaBaía, que apontam para a deficiência de infraestrutura, à exceção da disponibilidade de energia elétrica, que configura o investimento público mais abrangente, já que a quase totalidade das famílias dispõe deste serviço público de consumo coletivo em suas casas. Vale lembrar que a expansão da eletrificação rural resultou do Programa do Governo Federal denominado Luz Para Todos, que integrava o Plano de Aceleração de Crescimento (PAC) iniciado no ano de 2007. No entanto, diferentemente desse serviço público, os demais apresentam grande precariedade. A água é disponibilizada por meio de poços artesianos em

muitas comunidades, sendo que em algumas o abastecimento é feito diretamente de fontes de água de superfície – riachos como ocorre na Imbiara e no Kaimbongo –, com condições de tratamento precárias ou inexistentes, já que muitas famílias não fazem tratamento algum. No que tange à disposição de dejetos humanos, inexistente qualquer esgotamento sanitário, sendo largamente utilizada a fossa negra, o que a longo prazo tem significativo potencial de comprometimento da qualidade do solo e contaminação dos lençóis freáticos. Inadequação semelhante é observada no destino do lixo, sendo aquele predominantemente queimado.

As dificuldades enfrentadas no cotidiano da vida e formas de reprodução dessas comunidades têm um ponto crítico que é representado pela questão da propriedade e acesso a terra: 13 comunidades apontaram tensão ou conflitos territoriais, sendo dez com proprietários, dois com governos – percepção de morosidade – e um com proprietário de grande empresa. As condições socioambientais também apresentam problemas em todas as 17 comunidades que integram o estudo. Apenas quatro comunidades indicam não ter proximidade com plantações de eucalipto – Kaimbongo, Santiago do Iguape, Kalolé e Engenho da Vitória – e somente seis não apontaram problemas de desmatamento – Kalembá, Engenho da Cruz, Kaimbongo, São Francisco do Paraguaçu, Dendê, Engenho da Vitória. Outros problemas ambientais foram mencionados nas comunidades, sendo apontadas como causas as ações de empresas – Enseada Indústria Naval S.A. e Mastrotto Brasil S.A. –; retirada de areia nos rios; rio seco no verão; envenenamento na pesca; alergias resultantes de contaminação da lama dos manguezais.

As condições socioambientais são geradoras de impactos negativos sobre as condições de saúde, que apresentam deficiências reconhecidas em todas as comunidades. A capilarização da rede de atenção básica na modalidade da Estratégia Saúde da Família (ESF) se estende a apenas quatro destas com a presença de UBS em Tabuleiro da Vitória, Engenho da Cruz, São Francisco do Paraguaçu e Santiago do Iguape, nesta última se encontra uma UPA. Existe ainda um “posto satélite” em Terra Vermelha, que atende parcialmente as comunidades da Imbiara e Kalolé. Quase todas as comunidades indicaram que dispõem de agente comunitário de saúde – a exceção foi Engenho da Vitória, mas em nenhuma dessas foi apontada a disponibilidade de atendimento específico para a população quilombola ou mesmo para a

mulher quilombola – nesse último caso, apenas em Santiago do Iguape foi apontada a existência. Esses dados sugerem uma forte percepção de que a rede de saúde pública, embora situada no âmbito da Estratégia Saúde da Família, não responde à especificidade das demandas de atenção à saúde da parte dos quilombolas.

Neste contexto de baixa disponibilidade e tensões com relação à atenção em saúde, o papel dos praticantes terapêuticos ganha destaque e assume grande importância como recurso comunitário em saúde, sendo esses reconhecidos em todas as comunidades por suas habilidades, eficiência e eficácia de suas práticas para promover o bem-estar das pessoas. A apresentação desses terapeutas segue a ordem das comunidades previamente definida, sendo estas Kaonge, Dendê, Kalembá, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Tombo/Palmeira, Kalolé, Imbiara, Engenho da Vitoria, Kaimbongo, Engenho Novo, Engenho da Cruz, Engenho São Francisco do Paraguaçu, Santiago do Iguape, Brejo da Guaíba, Tabuleiro da Vitória, Mutecho e Acutinga.

Tal como vem sendo afirmado ao longo do presente texto, esta publicação tem como orientação e característica preponderante a participação e colaboração entre os pesquisadores e os membros das comunidades visando o compartilhamento de saberes e conhecimentos. Assim é que, como parte do esforço de apoiar e colaborar com a emancipação destas comunidades, e com o fortalecimento das ações de proteção e uso sustentável dos recursos materiais e imateriais do seu território, o Projeto Terra de Direitos promoveu oficinas de Formação de Jovens para o Monitoramento Ambiental dos Territórios Quilombolas da Bacia e Vale do Iguape. Um dos resultados do trabalho formativo é representado pela imagem que mapeia e apresenta alguns elementos presentes no território, sendo um importante instrumento para seu conhecimento, valorização e planejamento e execução de medidas de proteção por meio de educação para a proteção do ambiente e do patrimônio.

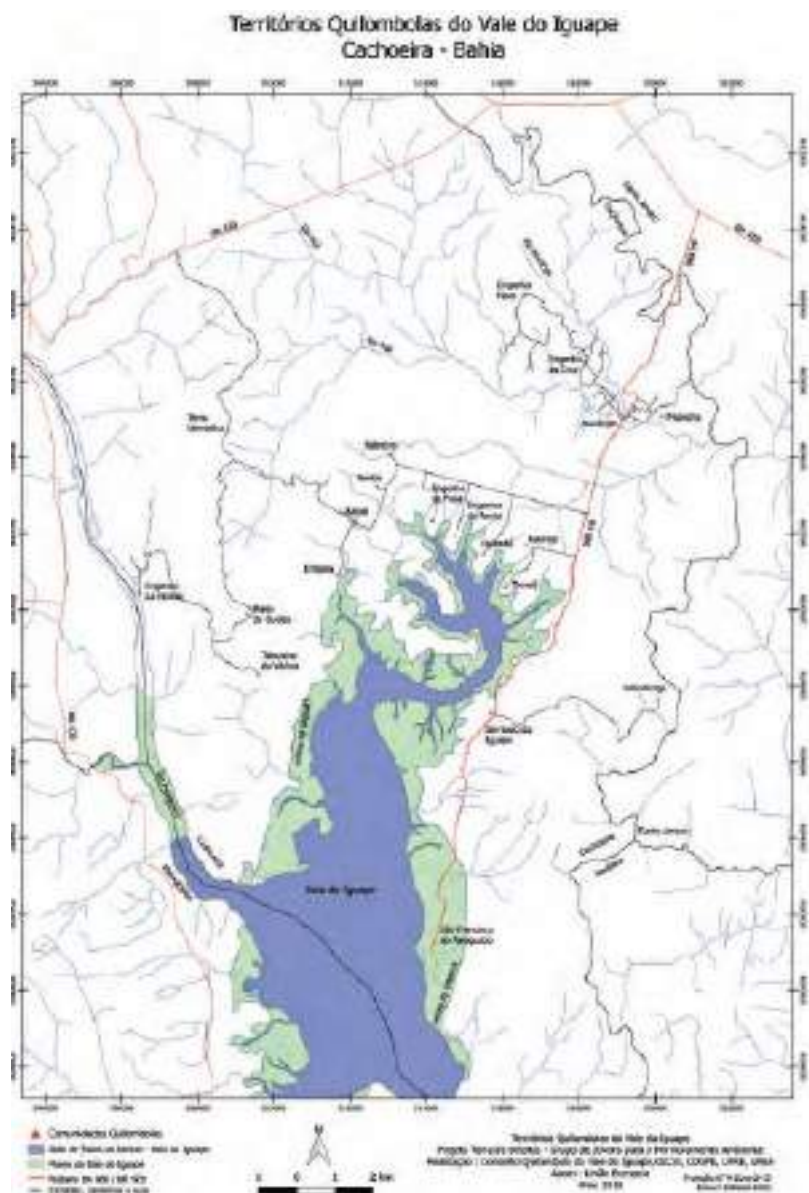


Figura 2. Territórios quilombolas da Bacia e Vale do Iguape, Cachoeira – Bahia
Fonte: grupo de jovens para o Monitoramento Ambiental (2018).

PRATICANTES TERAPÊUTICOS QUILOMBOLAS

- KAONGE

Dona Juvani

Geovanda Viana, Dona Juvani, 63 anos, nasceu numa localidade chamada Sicupema, próxima do Kaonge. Em idade escolar, foi estudar na comunidade de Santiago de Iguape, residindo na casa de sua madrinha. Aos 11 anos foi para Salvador dar seguimento aos estudos. A partir dos 19 anos, depois do falecimento dos pais, retornou ao Kaonge para cuidar dos irmãos mais novos. Casou-se e teve dez filhos, além de ter “criado” vários. Ela foi a fundadora e a primeira professora da escola São Cosme e Damião, situada na comunidade. Líder espiritual do Terreiro 21 Aldeias de Mar e Terra, ela dá continuidade ao trabalho espiritual de seu pai, José Viana, nascido na localidade de Campina e morador do Acupe antes de residir no Kaonge, e que ainda na juventude começou a desenvolver a mediunidade e a realizar curas.



Para Dona Juvani, a mediunidade pode ser uma questão de “hierarquia”, que se constitui na tradição familiar, a exemplo de seu pai, como ela destaca: *“Ele olhava para você se você estivesse precisando de alguma coisa, ele dizia: ‘olha filha você vai fazer isso e isso, você precisa de isso, isso’, ‘tá acontecendo isso e isso com você’. Eu ficava besta, é! Eu ficava besta!”*. Segundo ela, seu desenvolvimento religioso foi iniciado num terreiro em Salvador, mas encontra respaldo na herança paterna, configurando um processo de longa duração, com alguma resistência a assumir o compromisso religioso. Ela destaca como a responsabilidade de cuidar veio junto com o sofrimento: *“O caboclo, ele é assim, me pegava, me jogava, me jogava de corpo e alma, fui por hospital não sei quantas vezes! Pressão palpitando, passando mal, batia a cara na parede e ralava meu rosto na cara na parede... Era pra eu assumir”*.

Enfatizando a importância da cura com rezas e ervas, ela lembra que os mais antigos se curavam dessa forma. Embora considere que alguns aspectos da tradição – as rezas, notadamente – estejam se perdendo, ressalta como suas filhas sabem rezar. Juvani cita as rezas para dor de barriga,

vento caído,¹ uma enfermidade infantil, e olhado (também identificado como mau-olhado):

Elas [suas filhas] sabem rezar dor de barriga porque eu aprendi e eu ensino, elas sabem rezar vento caído porque eu aprendi e ensino pra elas como é que reza o vento caído nos filhos delas. Minha mãe me ensinou. Elas sabem rezar de olhado porque eu ensino. Mas os outros por aí não sabe. Aí vem às vezes e traz os filhos pra rezar, mas não se preocupa de dizer a mim: ‘a senhora me ensina?’ e eu não vou dizer assim: ‘Não, você tem que aprender a rezar’.

Antigamente, como ela nos conta, nos quilombos, o uso das folhas era mais disseminado pois não havia médicos nas comunidades, todavia as folhas estão sendo usadas até hoje: “*Todo mundo usa as folhas pra tudo aqui. Pra fazer chá, pra fazer banho[...] usa folha direto, todo mundo*”. Nossa interlocutora relata histórias da vida familiar: conta, por exemplo, como certo tempo atrás um de seus filhos teve uma lesão na perna que nenhum medicamento de farmácia curou, até que ela sonhou com seu pai, que a guiou na seleção e composição do remédio: entrecasca de aroeira, óleo de amêndoa, pó de fumo. Os relatos de Juvani indicam como a dimensão espiritual e a fé sempre fundamentaram seus atos: “*Não deu oito dias já tava sarado e eu disse pra minhas irmãs: ‘não precisou nada, foi papai que curou’[...] E a fé que cura. Até hoje ele tem a marca, mas foi papai que curou, o espírito. Então são coisas que você não pode [...] Tem que ter a fé, entendeu?*”.

Finalmente, em relação à sua atuação como educadora, Dona Juvani enfatiza que sempre se preocupou em passar para os alunos da escola Cosme e Damião os conhecimentos sobre as folhas: “*Com as turmas de menino da quarta série, eu sempre trabalhava com eles o livrinho de folha de chá... Você tá entendendo? Eu sempre trabalhei isso com eles: traga tal folha, tal folha e tal!*”

¹ Foi uma decisão teórico-metodológica dos autores não apresentar notas explicativas de cada “enfermidade popular”, pois, como será discutido no Capítulo 5, as “traduções” equivocadas entre os termos nativos e científicos são parte do problema que nós queremos contornar. Apresentar uma abordagem detalhada do problema das conceituações nativas de cada “doença” é uma empreitada para outro trabalho.

.....

Dona Nani, de um terreiro de Umbanda, foi a pessoa que quando meu pai morreu eu não sabia nada ainda, foi a pessoa que eu achei. Ela já se foi, ela me orientou em tudo, tudo, tudo... vinha pra aqui pra dar caruru junto comigo e tudo, porque eu não sabia nada. E depois os orixás foi me orientando, me orientando... pra eu chegar no ponto que eu cheguei.

.....

Dona Vardé

Nascida na comunidade do Mutecho, Dona Vardé é o apelido da rezadeira Valdelice Mota. A senhora de 91 anos nasceu na comunidade do Mutecho e viveu parte da sua vida no município de Salvador; no entanto, as dificuldades a fizeram voltar para onde nasceu. Foi aí que constituiu família, tendo oito filhos quase todos nascidos pelas mãos da parteira Toninha, da comunidade do Dendê, que lhe passou conhecimentos da arte de partejar. Dona Vardé também atuou como parteira, mas somente excepcionalmente e com ajuda espiritual (dos caboclos).

Ô minha filha... quando eu fui pegar a primeira filha do meu irmão eu mandei chamar a parteira no Kalemhá... Ele foi pro Dendê e ficou lá esperando, não tava Tonha ... Aí ele veio... menina... Eu fiquei sozinha. Mas como Deus e esses caboclos daqui sempre ajudava a gente eu me peguei com ele. Ela se largava assim... Eu dizia: 'ô menina, faça um esforço', quando eu vi a menina encaixada assim, 'emende aí logo senão eu lhe dou um murro'. Aí ela botou o joelho aqui e fez a força. Quando a mãe dela ouviu chorar, aí eu disse: 'traga um prato branco aí ou uma garrafa, que ela não despachou', aí eu fiz a oração que Toninha me ensinou e botei o prato pra descer.

Dona Vardé relata ainda que quem a ensinou foi a parteira Toninha, o que foi feito por meio de cuidadoso processo de compartilhamento de seus saberes: “Toninha me ensinou. Ela me chamava assim ói: ‘mede quatro dedos da tripa do imbigo, amarra aqui. Mede aqui, amarra. Corta aqui e dobra’[...] eu sei tudo minha filha. E aqui passa o sal olhe e enrola. Mela a tripa que fica aqui em cima, toda de sal. Toninha me ensinou”.



Seus filhos, no entanto, não a deixaram continuar no ofício, por medo das consequências legais que envolvem as possíveis complicações no ofício de partejar. Dona Vardé utiliza as folhas conforme a necessidade: *“Se você tiver um filho e ele tiver com febre... tiver tossindo muito... Você dá o banho da alfavaca e ele queima de febre, depois a febre abaixa. No banho da folha da alfavaca, mas o chá não empata não, o chá puxa o catarro”*.

Sobre as rezas, seu aprendizado se deu com sua avó e também com uma jovem mulher de Acupe, que lhe ensinou as rezas de “vento caído” (sem folhas) e “olhado” (com folhas: corona, aroeira, vassourinha de “mofina”). Posteriormente tornaram-se obrigação espiritual no âmbito da orientação religiosa do Terreiro de Dona Juvani: *“eu era jovem, eu não ligava pra rezar ninguém não. Depois eu fiquei velha... aí chegava uma pessoa aqui com o corpo mole e eu dizia: ‘me dê pra cá’. Aí pegou na linha dos caboclos e os caboclos botou pra eu rezar”*.

Dona Vardé, estimulada pela demanda dos visitantes do turismo étnico quilombola, comenta que intensificou as rezas. Nossa interlocutora é guardiã da receita de um xarope, que lhe foi revelada por sua Cabocla, entidade do panteão religioso afro-brasileiro, vindo a se tornar muito utilizado e seus efeitos benéficos reconhecidos e apreciados pelos membros da comunidade

e por visitantes ali vão conhecer a cultura quilombola. Seu aprendizado, compreendido como um processo de aquisição de novas habilidades, é explicitado no fragmento de narrativa abaixo:

Eu só sabia as folhas pra banho, mas folha pra fazer xarope pra curar o povo eu vim saber de uns tempos pra cá. Pra curar meus filhos eu fazia chá de folha de capim santo, alfavaca, botava pitanga... tudo a gente fazia xarope. A cebola roxa com a palha de alho, com gengibre... tudo eu botava. Fazia pra dar a meus filhos.

No quintal de Dona Vardé é encontrada uma grande variedade de ervas, como ela identifica e detalha os usos:

Folha de alfavaca é para chá, pra banho... pra dormir é bom. Tira-teima usa pra banho de descarrego. Essa aí é mastruz, eu uso no xarope e no chá pra verme. Guiné também pra descarrego. Aqui é rompe-gibão, que eu faço xarope. Eu plantei aí, mas aqui eu só tiro pra fazer quando vem turista que quer representar as folhas... A do xarope eu apanho na mata. Deixo aqui mesmo só pra mostrar. Esse aqui é coentro da índia. Essa daí é carquejo. Essa outra é mendororó, que é um ótimo chá para tirar inflamação. Tem capim santo ali pra chá, é calmante. Essa aí é boldo, pra chá e pra comida. A maria-preta é pra fazer chá e xarope. Essa daí é pinhão roxo, serve pra banho. Olha aí o algodão em cima, para quem está de neném. Essa daí é cordão de são Francisco, serve também. Aí é quitoco, a gente usa pra chá.

O XAROPE DA VARDÉ

Vardé, moradora da comunidade do Kaonge, faz uso de ervas para o cuidado com a família, como chás com folha de capim santo, alfavaca, pitanga, cebola roxa, gengibre e palha de alho. Mas é o seu xarope que ganhou fama para além da comunidade. Essa receita foi revelada e confiada por sua entidade espiritual, por meio de Juvani, líder espiritual do Terreiro 21 Aldeias de Mar e Terra. Assim, Vardé se considera apenas “a fazendeira”, sendo a propriedade da receita da própria entidade, não podendo descrever as ervas que são

utilizadas, apenas as apresentando superficialmente. São necessários alguns cuidados durante a preparação: deve ser um momento de descrição e recolhimento em sua casa, durante sua feitura; também é necessário tomar banho antes de sair para colher as ervas. O xarope da Vardé é indicado não apenas para consumo local, mas sua apresentação foi incluída como “atividade” do Turismo Étnico da Rota da Liberdade, sendo um patrimônio quilombola. Atualmente, a entidade espiritual de Vardé autorizou que sua sobrinha, Pina, também possa fazer o xarope. Nenhuma outra pessoa pode fazer o xarope, da mesma forma que não pode haver qualquer interferência durante sua feitura, sob pena de perda total.

.....

Pina

Ângela Crispina, apelido Pina, é uma jovem professora, marisqueira, apicultora, membro do Conselho Quilombola e guia nos eventos relacionados ao turismo étnico Rota da Liberdade. Pina é filha de Dona Juvani. Segundo ela, seu interesse e envolvimento com as curas pelas rezas se fez de forma espontânea, o aprendizado sendo proporcionado pelos próprios familiares: *“Fiquei desde pequena morando junto com minha mãe, com minha tia Vardé, aí vejo ela fazer... uma faz uma coisa de um lado, a coisa de um outro e não tem como não se interessar pelas coisas. A gente geralmente termina se interessando assim”*.

Pina costuma rezar de “mau-olhado” cujos sintomas ela identifica como corpo mole são o corpo mole, a vontade de dormir e o olho quebrado e “vento caído”, mas deseja aprender outras rezas: “cobreiro”, “pé desmentido”, dor de barriga, “cobreiro”, “pé desmentido” – desconforto no pé –, dor de barriga, “espinhela caída” – enfermidade que acomete dores no peito, mas também pode se estender para as costas, braços, pernas, além de cansaço”. Pina, que é guia nas atividades desenvolvidas na Rota da Liberdade, destaca o interesse dos visitantes em serem rezados, ficando a cargo dos mais velhos a iniciar esses procedimentos. Ela somente é chamada quando a demanda dos visitantes é grande:



Claro, com certeza, eu ainda tenho duas mais velhas [rezadeiras] aqui pra ir adiante de mim, como é que eu tenho que ir assim... maneirando, primeiro as mais velhas, eu tenho aqui que respeitar. Se ela [Vardé] disser assim: 'vai tu!', então eu rezo. Se elas disser, eu tenho que obedecer os mais velhos, então vambora que eu faço.

Pina ressalta também que ninguém pode se negar a rezar, pois trata-se de uma prática de caridade: “Não rejeito reza não, mesmo porque diz assim: ‘o que se aprende a gente não pode rejeitar’”. O irmão caçula, Anderson, aprendeu a rezar “pé desmentido” e ela também reza para “tirar soluço”, que aprendeu com a mãe: “Aí se o menino der soluço assim aí aquele soluço não quer parar, aí a mãe vai e dá água, mesmo assim o soluço não passa aí ela diz assim: ‘reza aí de soluço pro soluço ir pra casa do poço’, aí eu vou lá e rezo... eu aprendi há dois anos atrás”. Pina conta como ela sempre ajudou as irmãs recém-paridas com os bebês delas, assim que aprendeu e rezou muito criança pequena de soluço:

Aí geralmente já vem no processo de ficar mesmo com os sobrinhos, aí nesse processo os meninos sempre dava aquele soluço, aí minha irmã ficava preocupada liga pra mãe, mas não tinha aquele negócio aí ligava e falava: ‘ô mãe como é que reza de soluço?’, mas não memorizava na mente, aí um dia ela ligou e eu falei: ‘como é mãe que reza?’,

reza assim, assim, assim... Aí eu gravei, Rosângela pelo menos aprendeu a reza do soluço. Mas de vez em quando joga... 'vai chega pra lá, vai Pina reza aí'. Aí eu aprendi a reza do soluço.

Pina sempre ajudou as irmãs parturientes e seus bebês, ressalta que gostaria muito de aprender a partejar, mas reconhece que essa prática desapareceu com as mulheres já falecidas das comunidades:

[...] se tivesse eu tenho interesse de um dia eu engravidar, não sei se vai acontecer, mas se eu tivesse eu queria em casa, mas como não tem aquelas parteiras como eu nasci, de confiança eu prefiro ir direto para o hospital. Eu gostaria de ter meu filho em casa, mas como não tem mais aquelas parteiras [...].

CUIDADOS COM RECÉM-NASCIDOS

.....

Se for de dar banho, eu faço aqueles negócios de meus mais velhos, de incensar roupa, enxaguar com água de alfazema, lavar só com sabão de coco, lavar com sabão neutro, é aquela roupa que saiu do hospital, se você saiu do hospital. Na hora que eu vou dar banho o banho das dez horas, das nove e meia, dez horas, aí morna a água, vejo a temperatura, bota o pingo de alfazema, aí dou o banho na criança, enxugo o umbigo direitinho. No meu tempo, a gente foi tudo curado com fumo, tanto que o meu umbigo é bem fundo. Hoje em dia é mais aquele frasquinho... é um iodo [...] um desses negócio aí que vai secando e botando no umbigo, aquele alcoolzinho setenta [...] joga aquele negocinho em cima pra poder não inflamar o umbigo.

.....

Raimundo

Raimundo Jovelino, 66 anos, nascido na região da Acutinga, é casado com Dona Juvani e irmão de Dona Vardé. Mudou-se para Engenho do Meio, Campina, nos anos 1960 para, depois de perder a casa de palha num

incêndio, passar a morar no Kaonge. Não foi com a família que aprendeu a rezar, mas com Dona Nani, liderança espiritual de um terreiro em Salvador, que em determinada ocasião o rezou para curar de uma dor na espinhela.

Embora não seja um costume, eventualmente Raimundo pode rezar de “espinhela caída”. Aprendeu a rezar “de bicho” com uma pessoa em Santiago do Iguape, pela necessidade de não perder os animais que criava, ensinamento este que passou para o seu filho, José Luiz, que hoje assumiu essa responsabilidade. A reza se faz de uma vez só e pode ser efetuada à distância, todavia, para Raimundo é necessário ver o animal:

É só uma vez. Se o animal tá no campo lá, tá com a bicheira... Você viu que tá com bicho... Você trata de fazer o processo e aí pronto. Meu pai sabia e rezava daqui... Ele dizia que rezava daqui a no Acupe e resolvia o problema. Eu nunca rezei daqui no Acupe. Eu sempre rezei aqui pertinho, o animal tá ali, eu tô vendo a posição que é a



bicheira, porque depende também da posição onde é a bicheira, pra você fazer a coisa certa, né? No meu caso eu tenho que tá vendo onde que é. Meu pai, você falava com ele: 'é em tal lugar', pronto. Eu nunca fiz isso. Eu sempre acompanhei o animal. Eu vejo e aí pronto. Cruzeiro e aí pronto. Tá resolvido o problema.

O galho a utilizar pode ser de São Gonçálinho ou de uma folha qualquer, mas devem ser usadas somente 11 folhas, como ele explica: “Se achar um pé de São Gonçálinho assim logo, melhor. São Gonçálinho você tem a facilidade até da folha, você chegou lá, quebrou o galho, tem 11 folhas... tem 11 ou mais, mas você só vai usar 11”. Sobre a razão do procedimento, Raimundo diz não conhecer bem: “A razão é você ter aquele galho de folha na mão e rezou e... que eu não aprendi também muita coisa não. Que eu aprendi também foi rezar o padre nosso, o crê em Deus pai, o salve rainha... não me aprofundei muito em negócio de reza não”. Ele também esclarece que seu pai fazia outras rezas, mas que não lhe foram ensinadas:

Meu pai, ele era uma pessoa que ele rezava assim... se o animal tinha uma bicheira ele rezava... ele não precisava de remédio pra curar, ele rezava no tempo, né? Mas eu trabalhei muito tempo com ele e ele não me ensinou. Não sei se foi falta de interesse meu... ou talvez ele não poderia me ensinar, porque a reza também você não pode sair distribuindo pra todo mundo, pelo contrário. Você sabe, você tem que passar pra uma pessoa.

Raimundo explica que espinhela caída pode provocar dor na “caixa dos peitos”, dor nas costas, cansaço, e pondera que carregar peso pode agravar o problema, podendo voltar várias vezes e que quando isso acontece, é preciso rezar novamente. No entanto, apesar dos desdobramentos serem mais ou menos demorados, segundo ele a reza nunca dá errado: “Reza é uma das coisas que a gente tem que ter muita fé em reza. Eu passei a ter fé em reza depois que eu faço as minha coisa e dá certo, né? Como é que eu não vou acreditar? Se eu vejo um animal com bicho e rezo e dá certo?” Trata-se de um aprendizado que passa pela experiência, como ele afirma: “Porque se nada você sente, você não liga pra nada. Eu aprendi alguma coisa, porque eu senti”.

Para Raimundo, é importante diferenciar “problema de médico” de “problema de folha”, ele mesmo tendo passado, na juventude, por procedimentos médicos (injeções) que não conseguiram curar três feridas nas pernas (“bicheira”). Seguindo o conselho da esposa, Dona Juvani num sonho sobre a cura, ele procurou Dona Nani:

Chegando lá ela olhou o meu problema e passou um remédio pra mim e eu fiquei bom, só usei três dias porque tive que usar. Ai é que eu digo, tem coisa que é medicina, mas tem coisa que tem que ser banho de folha... quanto mais eu tomava injeção mais não resolvia. Ela me passou pra mim, sabe o quê? 'Tome aqui, leve essa pomada Minâncora, passe na farmácia, compre um vidro de Lysoform, passe no mercado, compre um quilo de milho, chegue em casa, lave com Lysoform, passe a pomada, torre o milho e saia pela estrada pedindo 'quem deu rei'.

.....

É bom a pessoa que tem vontade de aprender... Porque a gente não tem que ter as coisas pra gente só, a gente tem que repassar pra alguém, porque senão a gente aqui na Terra é uma passagem, né? É bom a gente repassar aquilo que a gente sabe, porque senão você vai morrer e levar e não é justo você levar aquilo que você sabe, né?

.....

• DENDÊ

Dona Maria

Dona Maria das Dores Santos, casada e mãe de 11 filhos, é uma das praticantes terapêuticas da comunidade. Ela explica que sua habilidade com as ervas é um dom com o qual ela já nasceu, que se manifestou quando começou a “entender das coisas”, contudo o aprendizado se deu com seus pais. Dona Maria lamenta o crescente desinteresse das pessoas pelas ervas, acrescentando que atualmente as pessoas só acreditam no médico. Em busca de explicar esclarecer seu ponto de vista com relação à importância das práticas terapêuticas tradicionais, ela ressalta as características da “espinhela caída” dores no fígado e nas costas, como exemplo de doença que o médico não consegue curar, entretanto tem tratamento adequado da parte dos praticantes comunitários em saúde.



Ao longo de sua narrativa Dona Maria destaca algumas ervas e seus usos terapêuticos, mencionando as folhas de alumã para dor de barriga e fígado; capim santo e alfavaca para gripe, enfatizando que se fizer o chá com adição de laranja amargosa é bom para melhorar o sono; hortelã miúdo para tosse (xarope) na comida, e misturado com outras ervas faz-se xarope; limão verdadeiro e acerola para tosse; mamão e laranja para ressecamento intestinal; São Gonçalinho e cajá para melhorar o sono; mastruz e boldo para dor de barriga. Os procedimentos são variados: alumã, capim santo, boldo e mastruz, São Gonçalinho e cajá são folhas para chás, que são usadas individualmente. Capim santo também pode ser usado com folha de laranja amargosa para a feitura do chá. A alfavaca é misturada com capim santo e com a folha da laranja amarga para feitura de chá. O hortelã miúdo é macerado para fazer suco e tomar com mel ou açúcar. Já o hortelã grosso serve para comida, especialmente o feijão. O limão verdadeiro serve para chá: corta-se os pedaços e se come com mel. Com a acerola se faz suco; o mamão, come-se os pedaços, maduro; a laranja serve para chá, especialmente a casca.

Conforme Dona Maria esclarece, todas as plantas podem ser colhidas durante o dia, mas se houver alguma urgência, pode-se colher à noite. No

seu quintal ela planta capim santo, alfavaca, manjeriço, hortelã miúdo, hortelã grosso, limão e mastruz.

.....

Atualmente Dona Maria receia indicar ervas para as pessoas, porque muitos não acreditam. Como ela explica, *“antigamente tinha nós e hoje não tem interesse e tem muitos aqui que não gostam de tomar chá”*.

.....

Nico

Nilton Antônio Nogueira Silva, mais conhecido como Nico, tem 50 anos, cinco filhos, e se reconhece como curador ou curandeiro. Nico não reza as pessoas com uso de folhas, mas considera sagradas todas as ervas medicinais. Umbandista, ele faz parte da família espiritual do Terreiro do Kaonge. Aos dez anos iniciou-se no ofício por meio do aprendizado com sua avó, que também ensinou seu irmão Carlos Jorge ambos foram criados pela avó. A avó, Toinha, era parteira famosa na região, e foi ela quem inicialmente lhe ensinou os cuidados com o umbigo de recém-nascidos. Ele acompanhava a avó na realização dos partos nas comunidades da região.

Além do cuidado com umbigos, aos 18 anos, Nico aprendeu com sua avó a utilizar as ervas medicinais. São os chás e os banhos, mas também a preparação de lambedores e xaropes, especialmente para curar gripe. Nico atende principalmente as pessoas da própria comunidade e, às vezes, pessoas de outras comunidades quilombolas do Iguape. Ele esclarece que a procura mais recorrente é para tratamento de gripe, “banho de descarrego” e dores de barriga.

Nico relata que existem poucos jovens com interesse em aprender esse ofício, mas por outro lado, participa de iniciativas de valorização desses conhecimentos. Ele menciona os encontros, principalmente no Conselho Quilombola, com outras pessoas que utilizam as ervas medicinais. Além disso, dialoga com seu irmão, Carlos Jorge, sobre esse assunto e também realiza viagens que são oportunizadas para trocas de experiências em outras localidades.



Nico afirma que tem passado seu conhecimento para suas filhas e sua esposa, que demonstram interesse em aprender sobre as ervas medicinais.

As ervas podem ser utilizadas em lambedores (xaropes) para gripe tudo junto, como “composto”, feito com hortelã miúdo (folha), alfavaca (planta), fedegoso (planta), capim estrela (planta), jurubeba (planta) e alho. Outra variação é o lambedor para gripe e febre (composto), cuja receita inclui hortelã miúdo (folha), alfavaca (planta), fedegoso (planta), capim estrela (planta), jurubeba (planta), alho, limão taiti (fruto) e mel de abelha.

Para os chás, ele apresenta algumas variações. Chás para dores de barriga, tais como alumã (folha), arará mirim (folha), tapete de Oxalá (folha), novalgina (folha). Chás para dores de barriga e tratamento de rins, com quitoco. Para pressão alta, ele prescreve chupar o fruto da carambola; chá da folha da carambola; chá da folha de maracujá (qualquer tipo); chá da laranja amargosa. Para pressão baixa a recomendação é leite com sal. Para dor de cabeça o chá de novalgina (folha) é a recomendação; chá de anador (folha). Já para dor de garganta, prescreve gargarejar com a folha do jilozinhodo mato (não pode engolir). Por fim, o banho para dor de cabeça é preparado com folha de cajá (do olho da cajazeira), podendo e devendo molhar a cabeça. O

banho de descarrego é preparado com folhas (tudo junto) de arruda (folha), guiné (folha), vence-tudo (folha), manjerição (folha), alfazema (folha e pode ser também o perfume), alho e sal grosso. Neste banho não se pode molhar a cabeça. Por fim, o banho para dor de cabeça é preparado com folha de cajá (olho do cajá), neste caso é necessário molhar a cabeça.

Nico reconhece a existência de praticantes de diversas religiões na comunidade, destaca a presença de pessoas que se denominam católicas, cristãs (evangélicas) e candomblecistas nas circunvizinhanças, menciona especificamente mães de santo, contudo afirma que todos utilizam as ervas medicinais. Ele considera que a procura mais recorrente das ervas é para tratamento de gripe, banho de descarrego e dores de barriga.

.....

Para todos os procedimentos de chás e banhos e xaropes não existe uma quantidade exata, com exceção do alho – três “dentes” – e do sal – um punhado –, pois é na prática que se determina a quantidade. Quanto à forma de colher as folhas, ele afirma que o melhor horário é durante o dia, menos ao meio-dia. Não se deve pegar as ervas medicinais no “escravar do sol” e à noite. A coleta das folhas é feita na própria localidade, principalmente no próprio quintal, em que se planta manjerição, arruda, hortelã miúdo, hortelã grosso, procedimento para o qual se pede licença por meio de orações.

.....

Edileuza

Casada e com dois filhos, Edileuza dos Santos, 30 anos, é uma jovem reza-deira da comunidade, que atende às demandas por cuidado em saúde por meio de rezas e banhos, conhece e indica ervas para chás e faz lambedores. Ela conta que desde criança, com sete anos, já acompanhava a mãe na coleta e no preparo dos chás com plantas medicinais. Desde então, utiliza os chás para seu cuidado, como também os indica na sua comunidade. Para além dos chás, aprendeu com a mãe sobre os banhos e o preparo do lambedor

(xarope). Aos 15 anos, com a comadre de sua mãe, aprendeu a reza “cruzando a mão” – sem utilização de plantas medicinais – para retirar espinha da garganta. Aos 27 anos, aprendeu com a sogra de sua irmã a reza para curar “olhado”, sendo referência na sua comunidade para este tratamento – a única do lugar a fazer essa reza. Edileuza é católica e frequenta o terreiro de Umbanda do Kaonge. Sua mãe, evangélica, também recorre às rezas e aos chás para os tratamentos. Atende principalmente a comunidade do Dendê, sendo que as pessoas a procuram mais frequentemente para tratar de “olhado”. Ela acrescenta, ainda, que se relaciona com outras rezadoras da comunidade do Kaonge, mas relata que existem poucos jovens com interesse em aprender o ofício.

As ervas medicinais citadas para chá foram mãe-boia, aroeira – chá e banho –, terramicina, quitoco, todas para inflamação; quióiô, para má digestão; alfavaca e coentro de boi, para gripe; canela de “véio”, para tratamento



de pressão alta. Para a gripe, ela prescreve chá (lambedor) de alfavaca (folha), coentro (folha), cebola, limão (o fruto), alho (um dente), e fedegoso (a raiz). Para o mau olhado, ela indica que outras ervas também são utilizadas, entre estas vassourinha de mofina (três galhos), na forma de banho para mal olhado; vassourinha de mofina, usada na reza para mal olhado; banho de vassourinha e aroeira, para tratamento de mal olhado; folha de pimenta, água e vinagre, para tratamento de cobreiro com reza.

Edileuza esclarece que a quantidade dos ingredientes varia conforme seu uso. Para a reza, normalmente são utilizados três galhos da erva; para o chá, recomenda-se de três a quatro folhas de cada erva; para o banho, é adequado cerca de três galhos de cada erva. Ela também indica horários adequados para a reza. Não pode ser no escravar do sol, ao meio dia e a noite; também não se pode rezar quando a maré está alta.

.....

Edileuza destaca alguns detalhes nos procedimentos da reza com folhas: as plantas devem ser utilizadas em três galhos; a reza não pode ser feita no escravar do sol, nem ao meio dia e à noite; por fim, não se pode rezar quando a maré está alta.

.....

• KALEMBÁ

Ana

Ana Lúcia Barbosa, ou simplesmente Ana, não gosta de ser chamada de rezadeira ou benzedeira, indicando que tais denominações implicam um compromisso muito grande com a comunidade: “É um compromisso, assim, pra rezar. É uma obrigação”. Afirma, ainda, ser consciente da responsabilidade de cuidar das pessoas passando orientações de banhos. Há algum tempo – cerca de dez anos – que ela faz uso de folhas, tendo aprendido com Dona Juvani, do Kaonge.

[...] eu ia na casa dela e ela passava banho, passava chá, folha... Então eu ia ali aprendendo. A casa de axé é uma escola. Eu era moderna ainda. Que eu tava com a cabeça toda virada assim... eu cheguei lá na casa dela e ela incensou uma rosa branca, aí daquela rosa branca foi que me salvou, então daí eu fui conhecendo as folhas.

Ana diz ser procurada pelas pessoas do Kalemhá e de outros locais na vizinhança para tomar banho de “folha de descarrego”, dor no corpo, dor de barriga. Ela procura aprimorar seu conhecimento com o líder espiritual do terreiro de Umbanda que atualmente frequenta, que tem costume de sair no mato para mostrar as folhas: “Aí ele mostra que folha que serve pra banho, que serve pra fazer chá, pra banho de descarrego, olhado [...] mufina [...]”.

Ela explica os procedimentos para o preparo e os efeitos de alguns banhos, a exemplo do de folhas de água de levante, para o qual se usa três folhas para preparar, sendo indicada para olhado e para dor no corpo. Arruda,



mirra, palma de rainha também servem para olhado e dor no corpo (o banho também é chamado de “descarrego”). Rompe gibão é outra erva que serve para descarrego, neste caso são usadas quatro folhas por três vezes. O cordão de São Francisco deve ser colhido de manhã, serve para banho e pode-se botar dois/três pés, sendo usado até sete vezes. A folha de tira-teima, igualmente, serve para descarrego, colhe-se de manhã e é usada por três vezes. No repertório de ervas usadas para banho de descarrego, são ainda encontrados vence-tudo, maria preta, guiné, capianga, São Gonçálio branco e tira-feitiço. A vassourinha é utilizada no tratamento de olhado e mufina, corpo pesado, cansaço. O quitoco é usado tanto no preparo de banhos, quanto na forma de chá para dor de barriga e diarreia: *“Pra banho usa um galho e para chá usa quatro folhas pra um copo de água. Para banho usa até três vezes e pra chá usa a até a dor de barriga passar”*.

Ana afirma que, embora seja aconselhável que coleta das folhas ocorra no período da manhã, em outros horários a coleta também pode ser feita, contudo não deve ocorrer no horário de meio dia. Ela utiliza folhas do seu quintal e também vai procurar no mato, muitas vezes guiada por pessoas mais experientes: *“Aqui no meu quintal tem uns pé ainda e quando eu vou pra lá pra cima uma moça lá leva a gente pra mata e vai explicando as folhas a gente, pra quê que serve e pra quê que não”*.

.....

Arruda é para banho mesmo, esfrega na água, depois coa e aí já tá o banho pronto, bota um bocado de folha... bota palma da rainha, bota água de levante da miúda... Palma da rainha também é uma folha pra fazer banho. Tem uma folha que chama mirra, pra fazer banho... Da arruda usa umas dez galhas e toma três banhos, usa à tarde e colhe pela manhã.

.....

Dona Judite

Rezar, fazer banhos, chás e indicar ervas para as pessoas são alguns dos saberes de Dona Judite Nascimento dos Santos. Marisqueira, com 73 anos e mãe de oito filhos, ela gosta de samba, de oferecer caruru, de participar das festas promovidas pelas comunidades do Iguape (principalmente das festas do Kaonge), e de se declarar rezadeira. Considera o seu dom como uma dádiva divina – “*presente de Deus*” – por ter aprendido sozinha, quando tinha apenas 21 anos.

A primeira reza foi feita para seu filho mais velho e aconteceu quando “ajuntava as palavras e formava as suas rezas”. Afirmar ainda que as pessoas não acreditavam que ela fosse capaz, no entanto, a partir de suas rezas aconteceram curas de determinadas doenças e de mal-estar que as pessoas sentiam, principalmente decorrentes de “mau-olhado”.

Dona Judite atende pessoas do Kalembe e de outras comunidades do Iguape; também atende pessoas que se deslocam para a sua comunidade do município de Santo Amaro em busca de resolução para males que a afligem. Ela se relaciona com outros rezadores/benzedores de outras comunidades, notadamente da comunidade do Kaonge – com Dona Juvani e Dona Vardé – e da Campina (Dona Zinha). Dona Judite avalia que muitos jovens não acreditam ou não têm interesse nos conhecimentos tradicionais; pondera, ainda, que existem “*pessoas que não acreditam em Deus e em ninguém*”.

Sobre as prescrições terapêuticas, ela destaca algumas de banhos, chás, rezas. Normalmente para os chás coloca entre três e quatro folhas; alguns banhos precisam de sete galhos, assim como as rezas. Faz, assim, uso de quioiô preto para a cura de má digestão, sendo três a quatro folhas para chá; quioiô de caboclo é usado para banho, limpeza espiritual; da erva cidreira, chá para digestão; do capim de burro é feito o chá da folha para dor de barriga; alfavaca cozida (da folha), é feito o chá para curar a febre; chá de melissa, da folha sem espinho, serve para aliviar cólicas de crianças; das folhas conhecidas como anador e novalgina se faz chá para eliminar dores. Para tratamento de frieira e micose de pele usa-se coentro de boi. Utiliza-se alho para reza contra dor de pescoço, sendo o primeiro dia com guiné; o segundo, com aroeira; o terceiro, com dente de alho. Reza-se para pé torcido com pedra de brita – coloca-se a pedra no fogo após a reza. Aroeira é usada



para tratar inflamação, preparando-se o chá com as folhas. Mandororó, que serve para corrimento e inflamação do útero, prepara-se o chá com as folhas, pode-se também torrar e colocar o pó na parte de feridas externas. Nossa interlocutora salienta que algumas plantas medicinais não são mais achadas na sua comunidade, cita como exemplo a palma Santa Rita (concha de Ogum), utilizada para banho e que atualmente só consegue obter na comunidade de Mutecho-Acutinga – outrora denominada Opalma, por ser sede da empresa do mesmo nome que cultivou dendezeiros e industrializou seu óleo –; e também o cordão de São Francisco, que utiliza para banho.

Ela também apresentou receitas para outros males. Para tratamento de encosto deve-se usar raiz de dandá, folha de andu virgem e folha de mandioca – tomar três banhos para tratamento. Para descarrego, tomar banho em três dias consecutivos. Para encosto de Egum tem de ser usada a raiz do fedegoso, guiné e aroeira. No uso da capianga, a coleta deve ser feita antes do sol nascer, isto é, às cinco horas da manhã – o horário depende do fato que a capianga é considerada “erva santa” –, e preparar banho com folha com sete galhos.

.....

Após pedir licença e fazer uma oração para colher as ervas, Dona Judite esclarece os procedimentos das rezas. Com erva-cidreira, usa-se sete galhos; com folha da guiné, sete galhos, cura-se mufina, que dá corpo mole. Com folha de aroeira, reza-se três vezes em dias consecutivos – dia de sexta-feira é uma reza só para pai Oxalá. Com manjerição e vassourinha se reza de mufina. Sobre os horários para a reza, não são indicados os horários do sol se escravando e meio-dia. Com exceção da palma de Santa Rita, espada de Ogum e cordão de São Francisco, ela dispõe todas as ervas medicinais que utiliza no seu quintal, plantando e cuidando das mesmas.

.....

• ENGENHO DA PONTE

Selma

Selma Silva Santos, 36 anos, tem um filho e uma filha. Considera-se uma “orientadora” das pessoas que a procuram para entender sobre os usos medicinais das folhas para curar os problemas do dia a dia. Ela fala que, na maioria dos casos, as enfermidades são tratadas na própria comunidade fazendo chás medicinais.

Para Selma, o poder das folhas encontra fundamento em sua experiência religiosa, ligada aos orixás, e à importância das ervas como conhecimento compartilhado pela comunidade. Seu aprendizado se deu na convivência com a avó, que era parteira e sabia fazer muitos chás; posteriormente aprendeu mais sobre as ervas com sua mãe e com Dona Juvani. Ela destaca a importância das ervas medicinais na forma de chás ou de banhos – também de descarrego – para as comunidades quilombolas da região, um conhecimento que é partilhado pela comunidade:



Em qualquer comunidade dessas que você for aí, o que passa primeiro, antes de ir ao médico, é as ervas medicinais. É banho de descarrego, é uma palha de alho pra queimar pra defumar, é alho pra cheirar [...] E até mesmo quem não é parente. Se sentir alguma coisa, porque comunidade rural, comunidade quilombola, o pessoal é muito aconchegante, né?

Recentemente Selma teve queimaduras em uma parte considerável do corpo, tendo um conhecido de outra comunidade indicado uma erva que era a mesma utilizada por seu avô, quando incorporado pelo Caboclo Jeremias. Seu relato destaca a vitalidade desses conhecimentos que circulam pelo território quilombola, dos antepassados aos viventes:

[...] eu me queimei aí tive uma fratura... me queimei mesmo, toda. E aí chegou um rapaz aqui que me falou que tinha uma erva que chama neve cheirosa, certo? Do nada ele: 'Selma, disse que tem essa folha, neve cheirosa, é boa pra curar, você torra ela e coloca o pó, cicatriza rapidinho'. Aí minha sogra disse: 'eu conheço qual é'. E eu não sabia dessa história, não sabia. Isso tem o quê, acho que tem uns cinco anos atrás. Aí minha sogra foi e pegou essa folha, torrou e fez o pó, eu coloquei... tipo assim, eu coloquei hoje quando foi no outro dia eu já comecei sentir a queimadura... me queimei toda, toda,

toda... aí começou a cicatrizar. Aí depois minha tia disse: ‘Você sabe que essa folha era a folha que o caboclo de seu avô sempre passava pra curar as pessoas?’. Aí foi que eu vim né? Gente... é assim... é história que você acaba que passando por uma coisa, né? Acaba que se beneficiando de algo que já aconteceu, que era do passado e depois que você vai entender, né? Um rapaz que não tinha nada a ver chegou aqui, me falou dessa folha e aí depois minha tia chegou pra mim e me disse que essa folha era que o caboclo de meu avô usava pra curar as pessoas, pra chá, pra banho, pra tudo[...]

.....

O medicamento dos orixás é as folhas, então quando eles passa algo pra gente, o que eles passam é as folhas. Então por isso essa fê ainda mais com as folhas através dos orixás [...]. Aqui geralmente usa muito isso: ‘fulano, essa folha serve pra quê?’, entendeu? E se a gente sabe orienta: ‘serve pra dor de cabeça’, ‘serve pra banho’, entendeu?

.....

Irá da Ponte

Iraildes de Assis tem 58 anos e é mãe de oito filhos e filhas. Ela também se considera uma “orientadora”. O aprendizado das ervas veio desde criança, observando os mais velhos, sua mãe e, posteriormente, aprendendo com Dona Juvani. As pessoas também a procuram para saber quais as folhas apropriadas para cada tipo de doença, mas já existem diferenças em relação aos tempos antigos, como ela enfatiza: “Às vezes não acreditam, vai mais correndo pro médico, aí eu fico sem saber até o que é que eu ensino”.

Irá da Ponte comenta que atualmente um de seus netos se interessa pelas ervas: “quando ele sente uma dor de barriga, ele mesmo corre pro pé de boldo, ele sai procurando alumã, faz o chá dele... Quando eu vejo, ele já bebeu. Maílson. Ele mesmo faz o chá dele”. Seus filhos também sabem fazer uso de alguns tipos de chás. Segundo Irá, alguns jovens conhecem um pouco das ervas, mas fazem “brincadeiras” uns com os outros em relação ao uso das ervas, especialmente os rapazes. A diminuição da disponibilidade das ervas medicinais decorre, segundo Irá, do pouco interesse em se plantá-las.



Ela menciona algumas ervas seus usos para tratamentos, a exemplo da folha de carambola para pressão alta; tapete de oxalá para mal-estar de estômago e para banho; “tretreque” e entrecasca da aroeira como anti-inflamatório; neve cheirosa para banho e queimadura; boldo, quioiô, alumã, manjerição para mal-estar; água de levante para dor e calmante; manjerição calmante; alfazema de caboclo para chá e banho, calmante. Para dor de dentes ela menciona o uso de “cinza de fogão”: *“A cinza [do fogão] eu costumo fazer pra dor de dente. Eu pego... cozinho a folha do tamarindo, depois que cozinha ela, eu tiro e aí coloco um pouco de cinza, um pouco de sal, pouco de vinagre e bochecho bem”*. Ela esclarece que também se usa as cinzas para curar caxumba, e que antigamente se usava a lama do “purrrão” (pote de água).

VENTO CAÍDO E OLHADO

.....

Vento caído a criança começa a... as fezes dela fica assim que nem ovo, fica desandada parecendo que é uma gema de ovo e fica amarelada. Agora, se não rezar é capaz de vir a óbito. Tem que rezar. Aí

reza, dá chá do algodão, da maçã do algodão... pra poder melhorar. E quando reza tem que pegar aqui no meio, não pode pegar debaixo dos braços, durante os dias que tiver rezando. [...] Fica mole [olhado], só querendo dormir, não tem apetite de comer e às vezes também dá disenteria, mas as fezes é verde, esverdeada. Porque o olhado é assim... se tiver um menino bonito: 'esse menino é bonito', fica todo mundo comentado, às vezes o olho da gente faz com que coloque o olhado no menino, seja bonito, seja feio, porque tem olhar de bonito, tem de feio, tem de magro, tem de gordo, de tudo... se o menino come muito: 'Ave Maria, mas esse menino come, viu'.

.....

Leleta e Marinalva

Júlia Cardoso Almeida, mais conhecida por Leleta, tinha 93 anos à época de nossa conversa, em 2017, que também contou com a participação de Marinalva, 60 anos, sua filha. Leleta teve cinco filhos. Sua irmã, Nêga, era uma famosa parteira e rezadora da comunidade. Leleta reza alguns problemas de saúde e destaca que o uso das ervas também se relaciona com chás, banhos e xaropes. No passado ela costumava rezar benditos para vários santos católicos – Santo Antônio, São Cosme, Santa Cruz – e ajudava na procissão da Festa de São Roque – no Engenho da Ponte – que sua irmã Nêga conduzia com a reza para o santo. Marinalva, que também reza quando há necessidade, pondera que a reza de outras pessoas pode ser mais “forte” que a sua. Para Marinalva, que aprendeu a rezar com a tia, Dona Nêga, a eficácia da reza deve ser compreendida em estreita articulação com as folhas.

Leleta menciona algumas rezas, como a de “pé desmentido”, que é acompanhada por sete pedrinhas na região do machucado; para rezar a erisipela – uma doença grave de pele – é necessário azeite embebido em lã de carneiro ou algodão para colocar no entorno da região afetada – as palavras sendo ditas com movimentos em cruz. Ela acrescenta, ainda, que nunca se deve rezar erisipela com pena de galinha, pois a pessoa rezada estará interdita dali em diante para o consumo deste alimento; para cobreiro, a reza deve ser acompanhada de um ramo de erva embebido em água e sal. Já

para fogo selvagem, é adequado rezar acompanhado de folha de pimenta – contudo ela reconhece que Dulce, do Engenho da Ponte, é quem sabe rezar. Para se rezar olhado, é preciso de folha específica, vassourinha de mofina. A exceção é na sexta-feira, quando se pode rezar com fogo. Marinalva, que aprendeu a rezar com a tia, Dona Nêga, pondera não ter fé na sua reza, acreditando mais na reza de outras pessoas. No entanto, afirma que pode rezar, se houver necessidade.

As folhas para chá e seus usos citadas por Leleta foram melissa e cidreira, ambos calmantes, capim santo – para problema do “nervoso” – manjerição, pitanga (para xarope), ao que Marinalva complementa: “*Pitanga pra gripe. Pitanga, fedegoso, alfavaca.... Mãe-bom que é bom pra inflamação*”. Foi também mencionado o quioiô de chá e de banho, que é o “quioiô de caboclo”, este é considerado “mais forte”, acrescenta. Ao longo da conversa, outras folhas e usos foram lembradas, tal como quebra-pedra (para os rins), alfavaqui-nha de cobra para criança com diarreia, graviola para o controle da pressão e pata de vaca para o controle do diabetes. Adicionalmente, Marinalva se



refere à existência de um pé de “pata de vaca” no quintal de sua casa, sendo as folhas dessa planta muito solicitadas. Para o xarope, Leleta fornece a receita de um que inclui folha de pitanga, folha da costa e da maria preta, raiz do fedegoso, raiz da carqueja, raiz do carro santo, raiz da jurubeba. Sobre o processo de feitura, ela informa que cozinha tudo, acrescenta açúcar e mel. Elas comentam que muitos fazem xarope em Santiago do Iguape, e que existe uma mulher que vende o produto.

Sobre o uso das folhas entre os jovens, Marinalva comenta que: *“alguns jovens se interessam, preferem tomar mais um chá do que ir pra médico. Quem não gosta de médico toma chá”*. Ela acrescenta que seus filhos e netos também sabem consumir várias especialidades de chá. Marinalva diz que toma mastruz com leite de manhã: *“meu primeiro café da manhã é um copo de suco de mastruz”*.

Leleta é católica. Já Marinalva, sendo do candomblé, também costuma usar as folhas para banhos, tais como manjerição, arruda, tapete de oxalá, patchuli, mãe-bona, quioiô, água de levante, rosa branca e vermelha, milho branco, alho. Como ela esclarece: *“O banho da folha depende do que a pessoa quer. Se é pra descarrego... se é banho pra amor usa mais rosa vermelha, um banho cheiroso. Milho branco, se faz banho com a água do milho branco”*. Marinalva colhe as ervas na mata, antes do sol sair: *“à noite nunca se colhe ervas”*, esclarece. Além dos cuidados com o horário, é preciso pedir licença ao orixá para se pegar as folhas.

.....

Na visão de Leleta, para a cura não basta o rezador: *“Precisa ter fé, se não tiver fé pra quê tá rezando?”*. Marinalva concorda e afirma que a eficácia da reza deve ser compreendida em estreita articulação com os procedimentos, isto é, na relação existente entre “as palavras e as folhas”, o que deixa claro ao reconhecer que: *“Não vai fazer efeito não. Tem que dizer as palavras certinhas como é, quando a gente vai ensinar uma reza a pessoa anota. Vai com um caderninho e anota pra não esquecer. Tem que dizer as palavras certinhas como tão ali, senão não faz efeito. É que nem quando o médico dá o remédio errado, vai curar?”*.

.....

Dona Filinha

Maria Francelina da Silva, mais conhecida por Dona Filinha, tem 86 anos, 15 filhos e se autodesigna rezadeira que faz rezas e orações, sabe preparar banhos de folha, faz indicação de ervas e lambedores para os que a procuram. Reza de “vento caído” – faz a reza “com o dedo” – e de “olhado”. Nossa conversa teve a contribuição de sua filha Maria Inês da Silva Santos, conhecida como Neide e que também é praticante terapêutica da comunidade do Tombo/Palmeira.

Dona Filinha começou a se interessar pelas rezas aos 12 anos, quando aprendeu a reza do “vento caído”, com sua mãe e a comadre, sua tia, que também ensinou os usos das ervas. Com a sogra, parteira, aprendeu o ofício. Esses conhecimentos, ela pondera, eram mais valorizados no passado. Dona Filinha se relaciona com curadores do Kaonge, especialmente com Dona Juvani. Além disso, participa do Conselho Quilombola. Umbandista, ela também frequenta a Igreja Católica, participa da “esmola cantada”, evento religioso preparatório da Festa de São Roque do Engenho da Ponte, além de oferecer caruru.

Seu repertório terapêutico inclui uso de malva, da qual usa folhas para banho para secar feridas; mastruz, chá para tratamento de verme; pinhão, reza e banho para combater olhado com folhas; andu, folha para banho e reza para olhado; folha de abacate e de chuchu, para chá ou suco para pressão alta; chá de anador, alfazema, erva doce e novalgina (folhas) para combater dores; mel com gema de ovos para expectorar secreções dos pulmões/brônquios; chá de olho da bananeira prata (cozido) para tratamento de diarreia; chá de erva doce (folhas) para dor de estômago; chá de alfavaquinha (folhas) para dores provocados por gases; chá de folha de brilhantina para dor.

Além das folhas para chás, menciona outras formas de uso das folhas. Para tratamento de febre, banho com folhas de cansação; banho com folhas de “cecú” para febre provocada por nascimento de dente em crianças; erva de Santa Maria para amassar e passar na pele para tratamento



de impingem. Outras folhas também foram citadas para “olhado”: folha de vence-tudo para banho; banho com folha de abre-caminho para mal olhado. A folha da água de levantar apresenta várias possibilidades de uso, tais como o chá, serve que para o coração e o banho da fruta para descarregar o corpo de “olhado”. Para lambedor: capim santo (folha), cravo, gengibre, mel, fedegoso (raiz), utilizado para combater a gripe; angélica, lírio ou acácia são flores que também se utiliza na decoração de altar. Na feitura dos chás, normalmente Dona Filinha utiliza de três a quatro folhas. Os banhos devem ser tomados de quatro a sete dias; as rezas em até três vezes por semana; os chás normalmente duas vezes por dia, ou até ficar curado.

.....

Dentre as dificuldades relatadas na prática terapêutica, Dona Filinha destaca o preconceito e desinteresse dos jovens pelas ervas e rezas, que ela nomeia como “*peças que não têm fé*”.

.....

Seu Lúcio

Lúcio Barbosa, conhecido por Seu Lúcio, é praticante terapêutico da comunidade do Engenho da Praia. Ele, que não se diz curador ou rezador, também pondera que existem muitas folhas que não conhece. Aprendeu com os mais velhos, na vivência, como afirma: *“Tinha os mais velhos que podia passar pra mim e fui ter conhecimento das plantas”*. A necessidade e a vivência conduziram o aprendizado: *“Eu não interessei, né? Mas acontece quando que uma pessoa caía doente, alguma coisa, tinha que dar remédio que eu tô falando, né? Tinha que buscar ligeiro, o mais fácil é erva cidreira, o alumã... é isso aí, não tinha outras coisas, né?”*. Para Seu Lúcio, até hoje a forma de aprendizado é a mesma, como ele explicita: *“Aprendendo com os mais velhos. Tem as pessoas assim sentindo qualquer coisa e vem aquele mais velho que é entendido e fala pra aquela pessoa: ‘tal folha’. Folha, que os mais velhos falava, né? ‘Aquele chá, aquilo outro’. Tá entendendo?”*



Seu Lucio participa da devoção da esmola cantada para Festa de São Roque e ajuda no oferecimento do caruru. Outra festa que frequenta é a oferecida no Kaonge: *“Festa aqui que eu acompanho é a da [...] Geovanda [Dona Juvani]. Todo ano na comunidade do Kaonge e as comunidades tudo acompanha”*.

Seu repertório de conhecimento sobre folhas incluía erva cidreira, usada para purgante; alumã, quioiô, para quando *“você se deu mal com alguma comida”*; arruda, alfavaca, folha da costa, para frieira e inflamação; mastruz – pode tomar com leite –, para verme e tosse; fedegoso, capim santo, para estômago. Para dor de barriga, o alumã; para dor de cabeça, o quioiô. Se alguém o procurar pedindo ajuda, isso se dará por meio das folhas, sendo que algumas delas são bem conhecidas de todos, como ele afirma: *“Essas ervas pra indicar é coisa fácil. A folha do alumã [...]”* As folhas configuram “remédio fácil”, pois tem no quintal de todos, embora atualmente Seu Lúcio identifique um desinteresse pelas ervas. Segundo afirma, também as folhas estão desaparecendo porque as pessoas não se preocupam mais em plantá-las.

A MEDICINA DAS FOLHAS

.....

A arruda e a vassourinha têm várias possibilidades de uso. Ao se lembrar de outra folha, Seu Lúcio completou: *“caçulinha... tudo é remédio, né? Tudo é remédio”*.

.....

O APRENDIZADO

.....

Aprendi vendo. No meu quintal ali embaixo mesmo tem a folha da costa, tem quioiô. Eu não interessei, né? Mas acontece quando que uma pessoa caía doente, alguma coisa, tinha que dar remédio que eu tô falando, né? Tinha que buscar ligeiro, o mais fácil é erva cidreira, o alumã... é isso aí, não tinha outras coisas, né?

.....

Neide

Maria Inês da Silva Santos, conhecida como Neide, é filha de Dona Filinha (Engenho da Praia). Em nossa conversa ela se recorda das antigas práticas de cuidado na gestação, parto e puerpério. Neide teve todos os seus filhos (três) na casa de seu tio, sendo Márcia, esposa de seu tio, quem fez o parto. Segundo Neide, sua tia foi uma parteira conhecida na região. Os procedimentos do parto e evitações no puerpério se associavam a práticas de autocuidado e higiene. Ela explica detalhadamente os procedimentos do parto:

A gente deita, apoia na cabeceira da cama, passa óleo de amêndoa na barriga... aí banha a barriga com algodão, pra dor esquentar, pro bebê nascer ligeiro... [a parteira] pega o sabão virgem, bota na água morna, faz aquela espuma, banha a barriga também, pra dor esquentar pra ajudar a ter [...]

Cuidados e evitações no puerpério foram apontadas por Neide, como tomar banho frio após 15 dias do parto, pois nos primeiros dias a recomendação era de banho quente (de balde), como ela lembra: “Esquentava a água. Aí quando fazia 15 dias de parida pegava dois litros de água e se jogava no corpo, de susto”. O resguardo também compreendia restrições alimentares: “Se eu tivesse um neném hoje [no dia do parto] comia escaldado de galinha de quintal [...] Depois de 15 dias comia uma carne de boi, muqueada, passada assim na... mas as meninas hoje o tempo tá mudado...” Neide comenta, ainda, que o resguardo não compreendia um período fixo, mas variava conforme as tarefas e necessidades do dia a dia: “O resguardo foi... pra abaixar, pra pegar coisa no chão? Um mês. Amarrava a barriga também durante um mês, pra não ficar barriguda. Não varria a casa”.



ANTIGAS PRÁTICAS DE PARTO

.....
[...] eu não sentava na porta, que fazia mal, bebia água no litro, que minha tia encomendava...[não bebia] água na garrafa. Minha tia me encomendava [água mineral], que fazia mal, 'minha filha, não sente em pilão' [...] O pilão que apila o dendê. Que fazia mal, demorava de ter o neném [...] Não sentava em pedra, não sentava em cangalha, não saltava corda de animal que só pare de ano [animal de gestação longa] [...] Não passava por cima da corda, saltar, passar por cima [...]
.....

Ambrósio

Nascido na comunidade do Tabuleiro da Vitória e criado no Kalolé, Ambrósio de Costa Souza, 64 anos, aposentado, é “rezador de várias doenças”. A primeira reza que aprendeu foi de “olhado”, que pode ser feito com

as seguintes folhas: arruda, vassourinha de relógio, corana, folha de andu, folha de pimenta. Posteriormente desenvolveu suas habilidades para curar dor de barriga, dor de cabeça, dor de dente, “desmentidura de qualquer lugar”, “cobreiro”, “fogo selvagem” – uma enfermidade de pele até aprender a rezar também “espinhela caída”.

Ambrósio começou a rezar espinhela caída após ouvir as palavras de Maurício, um rezador de Cachoeira que rezava com um pequeno terço, justamente quando o procurou para ser curado desse problema. Segundo ele: “[...] eu ouvi as palavras e aprendi. E o restante foi a natureza que Deus deu”. O aprendizado se deu na experiência com Maurício e também em sonho, quando teve a intuição de utilizar uma pedra que achou no mato. Ambrósio enfatiza que Maurício não o ensinou: “[...] ele disse as palavras e eu ouvi. E aprendi. Que tudo é força de vontade, né? Que teve o interesse”. No sonho, Ambrósio aprendeu que era preciso rezar primeiro na “pedra” para depois rezar no cliente: “possa ser que teme e já facilita, mas eu peço quando rezo que cada um cumpra seu resguardo”. Ele menciona a necessidade de fazer o “resguardo da pedra”, além de certos cuidados na hora em que o rezador e o paciente forem rezar. Após a reza, é necessário um resguardo de três dias, em que não se pode comer pimenta e azeite, nem ter relações sexuais, montar em animal e nem pegar peso além do peso da pedra. Ele assim caracteriza a espinhela caída:

Espinhela caída é um ossozinho que nós temos aqui, então ele desce, vai descendo e assentando em cima do fígado que vai inflamando, vai inchando... Ele vai arriando e fígado vai inchando, então o médico nenhum consta isso... então quem sabe rezar... que eu tenho uma pedra então rezo primeiro na pedra [...].

Ele aprendeu as outras rezas com sua mãe de criação, que era rezadeira. Ele sabe rezar “bicheira” (de animal), tendo aprendido com o sogro, que trabalhava com o gado; também faz xarope, garrafada e remédio para cobra, feito com a folha da jaca de pobre e alho. Ambrósio menciona um remédio para picada de cobra feito com a casa de cupim de terra/solo: “Cupim, a pessoa tira um pedaço, bota pra cozinhar, bota dois ou três dentes de alho, cozinha, coa... ele fica tinto que nem um vinho. Bota três pingos de gasolina dentro, pode dar de gente a animal”. Ele também faz xarope, para cansaço; faz garrafada, para epilepsia (cuja composição não detalhou). Já sobre a reza de ar de vento, diz que não



quis aprender, pois é complicado. É uma doença que se manifesta de muitas formas e intensidades. Para ele, o aprendizado terapêutico se dá ao longo da vida e pondera sobre a eficácia das rezas, indicando que se não souber as palavras certas, não há resultado: “[...] *tem que pegar da primeira palavra, esqueceu a primeira palavra não vai adiantar que vai dar errado*”.

Zefa, sua esposa, aprendeu com ele a rezar “espíndela caída”, dentre outras rezas. Ela nos convidou a conhecer sua horta e fez menção a algumas ervas medicinais que cultiva: babosa, que auxilia no combater o câncer; noni, que, segunda ela, “cura tudo: câncer, inflamação, qualquer coisa”; folha da amora, que ajuda no emagrecimento; um tipo especial de coco que é medicinal, segundo um médico com quem conversou.

**SOBRE A EFICÁCIA DA REZA, AMBRÓSIO PONDERA
QUE SE NÃO SOUBER AS PALAVRAS CERTAS, NÃO
TEM O RESULTADO ESPERADO**

.....

“[...] tem que pegar da primeira palavra, esqueceu a primeira palavra não vai adiantar que vai dar errado”. Segundo ele, as palavras

têm força, mas também é preciso ter fé nas palavras, pois Ambrósio compara essa “fé” à competência que nós, que fazemos esta pesquisa, depositamos no nosso trabalho. As palavras da reza têm capacidade e precisam ser extraídas da situação de encontro entre o rezador e a pessoa que necessita de ajuda.

.....

- KALOLÉ

Cecê

Maria das Mercês Ferreira da Silva, mais conhecida como Cecê, tem 55 anos, duas filhas. Afirmo não saber rezar, mas tem conhecimento de ervas, assim como outros praticantes terapêuticos que também conhecem as folhas para gripe. As folhas da alfavaca, quioiô e capim santo sempre foram utilizadas por ela para o cuidado com as filhas (para gripe). Além dessas, menciona a flor do mamão, para cólica; o tapete de oxalá, também chamado de “bom pra tudo”, uma folha para vários tipos de dor. Chá de mastruz e hortelã miúdo são indicados para dor de barriga (verminose). Folha de canela, para febre. Ela também usa a entrecasca da aroeira, o processamento inclui o cozimento e a torra; o pó é usado para curar feridas. Com folha de tamarindo também se faz chá, além da maçã da flor do algodão para fazer chá para criança.

Cecê também faz xarope para gripe, para seus familiares, com a folha e a raiz da alfavaca, capim santo, pitanga, raiz do capim estrela e a flor do camará. Em sua receita cozinham-se todos os ingredientes, que são posteriormente coados e, em seguida, a mistura é levada à fervura com açúcar e mel. Esses mesmos ingredientes também servem para fazer o chá e o banho, sendo que nesses casos são acrescidas outras folhas, tais como folhas e raiz de alfavaca, eucalipto e velaminho, este somente é encontrado em terreno arenoso. Segundo ela, muitas pessoas na comunidade conhecem a receita. Em contraste com outros praticantes, ela não reconhece restrições aos

procedimentos de obtenção das ervas e afirma que estas podem ser colhidas a qualquer hora, inclusive à noite.

O conhecimento de Cecê vem de família. Ela aprendeu o uso das ervas com seu pai, Berto Lameu Moreira da Silva, morador do Engenho da Vitória, que por sua vez aprendera com o pai. Como ela esclarece:

Eu fui criada com ele. Até quando ele morreu, há poucos anos aí, eu vivia junto. E ele passou. Ele sempre passava, foi o que eu aprendi foi com ele mermo, essas folhas que pegava pra gente mermo, pra os vizinhos [...]. Algumas pessoas perguntava a ele, porque sempre esses mais velho tem sempre mais entendimento de folha, né? E ele também na casa dele mesmo, ele plantava vários tipos de folha, pra chá mermo. Porque tem gente que não liga de plantar, sabe que serve, mas não liga de plantar [...].



Cecê não teve interesse de aprender rezas porque, segundo ela, havia muitos rezadores nas comunidades: *“Eu me criei junto com um bocado de rezador, aí eu quando sentia alguma coisa já tinha aquela pessoa certa pra ir rezar, sentia alguma coisa tinha aquelas pessoas certas pra rezar, tinha muito rezador antigamente”*.

Atualmente os dois únicos rezadores que ela conhece são Dona Preta, do Alto do Kalolé e Biú, da Imbiara, ambos incluídos nesta publicação. Ela questiona sobre a razão desses rezadores não terem passado seus conhecimentos para os filhos e sugere que a diminuição do interesse pelas ervas também se deve à crescente conversão às religiões evangélicas de grande parte das pessoas das comunidades.

**NA RELAÇÃO COM OS PROFISSIONAIS DO POSTO
DE SAÚDE, CERTO ACORDO TÁCITO EM TORNO
DOS BENEFÍCIOS DAS FOLHAS PARA GRIPE ENTRE
CRIANÇAS**

.....

O chá mermo, chá simples assim a gente dá as crianças e depois quando vai pra lá, a gente fala o chá que deu, né? Eles mermo sabe que sempre tem uns médicos que diz logo, a gripe é curada em casa com chá de folha, e que a gente mora dentro, junto com remédio e não sabe. Ele mermo passa os remédio, passa essas folhas mermo pra gente fazer pras crianças, fazer o xarope, o chá.

.....

Dona Preta

Dona Preta é rezadeira conhecida no Alto do Kalolé, embora, segunda ela, quase não exerça mais o ofício, pois não tem condições físicas, o que também a impede espiritualmente de rezar. Já quando está bem-disposta fisicamente, seu trabalho pode ser intenso: *“Mas quando eu tô melhor... tem vez que eu rezo quase cem pessoas no dia assim, ó! Chega me pedindo pra fazer a caridade, pra rezar”*.



Ela relata que aprendeu o ofício com sua mãe que era rezadeira e parteira e “dava sessão, mas não de candomblé”, pois não era sessão “de azeite”, como ela distingue as diferentes formas de cultos afro-brasileiros: “Era sessão... aquela mesa com a toalha branca, aquelas flores brancas... com aquelas luz rodeadas. A corrente de vela de um lado a outro”.

Dona Preta destaca que atualmente existem dificuldades em dar continuidade à prática do ofício, exemplificando com experiência que teve com um jovem aprendiz:

Aqui teve um rapaz que é sobrinho marido de minha irmã, ele veio aqui pra eu rezar... ensinar a reza a ele num dia de segunda-feira. Mas veio de cabeça cheia, pesada... quando eu acabei de ensinar ele, eu mandei ele tornar a pegar de novo, aí ele pegou, eu disse: ‘tá errado, tem que botar os pés certinhos’. Aí ele... tornei ensinar ele, ele batalhou e disse: ‘ah, eu já tô acertando, chegar lá eu vou rezar outra pessoa’. Quando chegou lá ele esqueceu. Eu falei com ele que era pra ele vim de novo pra eu ensinar, eu digo: ‘ói, eu não vou ficar o tempo todo viva e aqui não tem rezador mais nenhum’. Tem um bocado de menina aí ó, essas sobrinhas minhas tudo aí que falo com elas pra um dia pra eu ensinar, elas que sabe ler aí eles trariam um... como é que chama? Um

papelzinho, uma caneta, sei lá o que for... só elas chegar ó, elas sentava. Agora... pra quem não sabe ler?

A variedade das rezas que sua mãe conhecia pode ser depreendida no fragmento de narrativa abaixo:

Rezava pra santo, rezava pras pessoas assim... minha mãe sabia tudo quanto era reza e eu aprendi rezar... só não sei só o vento caído de menino pra rezar e esse negócio de espinhela que eu não sei. Mas falou foi a do vento que passa. Aquele valente que passa brabo, que a pessoa se urina, se obra, cai torto, aleijado... esse eu sei.

Outras doenças para as quais Dona Preta reza são por ela mencionadas: “Eu rezo amiúda, aquele que dá em perna, que incha a perna. Eu rezo olhado. Rezo dor de pescoço. Rezo o... doença do vento. Rezo dos sete, que é aquele mais [...] e rezo dos 14, aquele que aleija, que cai todo torto”. Dona Preta ainda é muito procurada, como ela mesma enfatiza: “[...] quando eu saio daqui pra fora [de casa] que eu demoro o povo fica doidinho que eu já chegue por causa disso”. São vários tipos de folha que ela utiliza nas rezas:

Eu rezo de vassourinha. Vassourinha santa com... às vezes de corana também... desse fedegoso. É uns que bota umas sementes aqui assim... comprida. Aí rezo dela. Rezo de maria preta, rezo de caiçara, dessa vassoura de alecrim... Mas eu só gosto de rezar mais é com a vassourinha santa.

A eficácia do seu trabalho encontra-se ancorada no poder das rezas e outras habilidades aprendidas com sua mãe. Ela menciona que, embora não soubesse ler, esse aprendizado foi possível no cotidiano. Para cada doença existem procedimentos específicos, como é o caso, por exemplo, da reza para “olhado”, em que ela descreve a oração entrelaçada às folhas, à gestualidade, à direção da maré vazante e ao horário em que é realizado o procedimento.

A reza de olhado é diferente. É assim: ‘Zóio morto segurante hai de botar e levar pra maré de vazante; zóio morto segurante, o olhado tiver de botar pra maré de vazante’. Aí diz assim ói: ‘o que for de gordo, o que for de bonito, o que foi no contar, que foi no deitar, foi no rezar, que foi no comer, que no cabelo, que foi de pai, que foi de tio, que foi de tia, que foi avô, que foi de avó, que foi de parente, que foi de estranho, que foi de

mufina, é de tirar pro mar sem vim'. Aí vai jogando pra maré de vazante, pro mar sem fim. Que às vezes que a maré tá... se a maré tiver vazando e que for uma hora que a maré tiver cheia, é lá pela tarde, só joga pro lado [...]. As folhas joga. Se tiver de olhado. Aqueles galhos de folha isola assim, ói! As folha murcha tudo parecendo que tava em cima da... daquela fumaça de fogo.

• IMBIARA

Biu

Filho de Balbino e Maria, Biu mora em localidade próxima à Imbiara e trabalha em sua roça (arrendada) na Imbiara. Rezador muito conhecido nas comunidades, sua atuação se estende por toda a Bacia do Iguape. Cura “vento caído”, “espinhela caída” e problemas “de espírito”. Sua habilidade, ou o “dote” segundo sua compreensão, já nasceu com ele em decorrência de sua “linhagem”: *“Isso aí já vem dos mais velhos da gente. Aquele pessoal tem uns encante bom e vai passando de um pra outro. É assim. Isso aí é por encante”*.

Aos 13 anos, Biu realizou sua primeira cura numa mulher que viria a ser a sua sogra, na época ela morava no Cacinum. Segundo ele, nessa idade *“já tinha entendimento”*, o que quer dizer que já detinha condições para realizar procedimentos curativos, numa composição que envolve condições corporais, já não era mais criança, e habilidades de aprendizado, os conhecimentos partilhados pela avó, Joana, que também rezava, além da disposição para essa tarefa, adquirida por hereditariedade. Como Biu afirma, esse momento foi crucial para a verificação de suas habilidades: *“Eu fui com o teste da espinhela, passei. Fiz o teste do vento [...]. O teste é a pessoa rezar outra pessoa antes da pessoa ir no médico, pra ver o resultado com aquele serviço, entendeu?”* Para Biu, os efeitos a que ele se refere são fonte de verificação da cura e de sua legitimidade na comunidade: *“Eu tava testando nos... aí o pessoal começou a ver o efeito e...”*

Sua habilidade se constrói na relação com sua avó e com não humanos, como os anjos da guarda, e não apenas no “estado desperto”, consciente: *“Os anjos de guarda vêm e indica tudo como é que faz pra... [E chegam como?] No sonho*

assim e explicando como é que faz e não faz”. O anjo da guarda é um mediador pedagógico nessa relação de cura, como diz: “Só olhando o jeito do que o anjo de guarda explica a pessoa pra pessoa fazer e dar certo”. Essa conexão entre o não humano e humano – no caso, Biu – é que possibilita o acesso ao conhecimento: “Ele chega... tipo esse velho que tá aí ó [fazendo analogia com a ‘concretude’ de um senhor que apareceu no lugar em que transcorria a entrevista]. Aí aplica no ser humano e o ser humano vai sonhar com aquelas plantas, a que pode pegar, a que não pode pegar...”

A habilidade “natural” vem de sua avó, tendo passado para seu pai e posteriormente para ele, que espera dar continuidade com sua filha (que já está com 22 anos). No entanto, ele aponta diferenças entre seu caso e o de sua filha, uma vez que aos 13 anos ele já se encontrava pronto, mas sua filha só poderá ter acesso aos conhecimentos após os 30 anos, porque ela não dispõe da “força” necessária para realizar rezas muito jovem: “Mas eu era com 13



anos, mas com a pessoa informar pra outra pessoa só dá a partir dessa idade [acima de 30 anos] [...] Antes não guenta com o peso não [...]. O peso que... umas pessoas têm, o anjo de guarda forte, outras tem o anjo de guarda fraco e...”

Referindo-se ao procedimento para tratar de espinhela caída, Biu demonstrou como é realizado com um cordão achado no próprio local da entrevista, mostrando como é feita a medição de cada braço, da base do pescoço à ponta dos dedos. Se for constatada alguma variação entre as duas medições, é tomado como confirmação do problema e realizada a reza. Para diarreia infantil – com fezes esverdeadas –, utiliza-se a “maçã” do algodão – fruto e sementes do algodoeiro – com mel de abelha. Também trata de vento caído. Para fraqueza em geral, o procedimento consiste em tomar “Um chá da canela, manjerição branco, a buzina da bananeira prata... isso tudo aí é remédio. Coloca no fogo com mel e açúcar e melhora a situação toda”. Quando o procuram, Biu também receita chás, mas, segundo ele: “só se a pessoa precisar ou diz assim: ‘eu já fui no médico pegar tal remédio e...’. Tem coisa que não é nem de médico e a pessoa vai até pra o médico e se complica. A pessoa pega um chá de folha e se dá mais melhor de que o remédio da medicina mesmo”.

Diferentemente do aprendizado das plantas com sua avó, as rezas foram aprendidas com seu anjo da guarda. Além disso, segundo ele, é preciso ter cautela na enunciação das rezas e os procedimentos que a acompanham:

[...] não pode rezar à toa não, tem que saber pra que é, pra que motivo é, pra não fazer errado. A hora da vela, quantas pode acender, quantas não pode acender. Os horários. Ou se a pessoa tá com o corpo bom ou se tá com o corpo carregado também. Se não saber fazer não funciona não. Isso aí é a mesma coisa de uma pessoa levar uma criança pra uma professora e a professora tentar... como é que faz: ‘essa linha daqui, não passe dessa pra essa. Se fazer certinho num instante o menino aprende’.

.....

Aqui tem todas as plantas aí... Isso aí é a mesma coisa que uma medicina, cada planta dessa que tá aí eles colocam um nome de remédio, num fica em um tipo de remédio só, porque tem doença de todo jeito. A mesma coisa de uma medicina que não é tudo uma doença somente

não. Um já sente de um jeito, outro já sente de outro jeito. Esse é tal remédio, esse é tal remédio... Mas é tudo tirado aí das árvore mesmo.

.....

Elizete

Filha da parteira Maria Luiza, Elizete Sena das Neves, 57 anos, não reza, sendo que as folhas para chás que ela utiliza são conhecidas na comunidade. Seu xarope para gripe, para falta de ar e cansaço em geral, é famoso: não apenas às pessoas da Imbiara conhecem, mas também de outras localidades, como ela destaca. O xarope é feito por encomenda – ela solicita um pequeno valor – e é composto pela entrecasca do juá (do juazeiro); diversas raízes (fedegoso, mata passo, alfavaca); folhas (do quioiô, sabugueiro, água de levante, da costa, da laranja, de café, capim santo, de Maria, de pitanga); além de água, mel, açúcar, cravo e canela, esses últimos itens a pessoa deve trazer.

Elizete aprendeu a fazer o xarope com sua sogra, Benice, que por sua vez aprendeu com a mãe dela. Trata-se, portanto, de uma antiga receita de família. Ela conta que a sogra morou algum tempo com ela e, em razão dessa proximidade, foi vendo como sua sogra fazia e, assim, começou a fazer, como relembra: *“Teve uma vez que eu fiz pra um menino meu [filho], aí deu certo [risos] aí o pessoal começaram a falar pra eu fazer”*.

Segundo Elizete, antigamente havia mais pessoas que rezavam, mas os filhos desses rezadores não aprenderam com seus pais. Atualmente os jovens não se interessam pelas rezas e nem por seu xarope, segundo Elizete, nem mesmo seus próprios filhos. Atualmente, mesmo as pessoas que faziam rezas, nem sempre continuam com essa prática, em razão de motivos religiosos, como, por exemplo, a conversão às igrejas evangélicas. Em certa altura da nossa conversa com Elizete, seu marido, conhecido por Gato, se aproximou comentando que havia comprado uma muda de “muringa” de uma pessoa, junto com anotações escritas sobre as suas propriedades medicinais. Embora Gato diga não entender de ervas, era visível seu interesse pela aquisição.

Sua mãe, Maria Luiza, dava caruru e também cozinhava o caruru para algumas pessoas que ofereciam: *“Aí ela que fazia o caruru desse pessoal, ela que cozinhava, que ia fazer quando tinha um casamento ela ia cozinhar era assim, ela ia,*

só que eu tava pequena não lembro mais". Os dois filhos de Elizete nasceram com a parteira Celina, que aprendeu a arte de partejar com sua mãe, Maria Luiza.

Segundo Elizete, as pessoas utilizam bastante o chá de quioiô ou de bom-pra-tudo, para dor de barriga e outros problemas. O chá e o banho de água de levante são indicados para dor de cabeça. O chá de manjerição é bom para cansaço. Para criança gripada, a receita é banho de quioiô, água de levante e alfavaca africana, para banho e chá. Para caxumba, passa-se cinzas no pescoço. Para sarampo, cocô de boi seco, milho e folha de sabugueiro: amarra tudo num pano e coloca na água para ferver para então dar banho com essa mistura. Para dor de barriga, Elizete indica lírio de Santa Barbara. Ela nos conta que essa planta veio da comunidade do Brejo da Guafba, inicialmente indicada para tratar seu filho:



[...] aí ensinaram a Gato [seu marido], aí deram a folha, aí deram uma muda, eu sei dizer que eu fui fazer o chá direto pra ele, ele melhorou. Não sei que dor era que ele sentia, era do lado, ele ficava ruim com essa dor, aí ficou bom! [...]. Indicou a Gato e ele trouxe, aí depois teve um pessoal de cachoeira que deu a ele a muda da merma folha, ele trouxe a folha, aí teve um rapaz, um coroa que falou a Gato e deu uma muda, só sei dizer que ali encheu, ali tem um bocado ainda [...].

As flores também podem ser utilizadas, tanto em combinação com as folhas quanto separadas:

A flor serve também pra fazer xarope, serve ferver pra coisa, tanto a flor da água do levante quanto a flor do sabugueiro pode colocar no xarope também entendeu? Pode colocar pra fazer chá também e água do levante, por exemplo, aí ó meu cunhado tinha problema de coração e aí colocava a flor da água do levante dentro da água e aí ia dando a água pra ele beber.

A raiz do fedegoso pode ser utilizada para mastigar, crua, para aliviar a rouquidão. Para as ervas do xarope, não se pode pegá-las de noite: “‘Qualquer hora antes do sol se escravar’. Já a entrecasca do juá, é preciso critério na hora de retirar: ‘Tem o lado da pessoa tirar do lado que o sol se escrava, do lado de cima [...] eu fico do lado que o sol se escrava, do lado que o sol nasce não pode tirar’”.

Elizete busca as folhas no mato, com exceção da folha de café, que ela pede à sobrinha, que mora perto de Nonô, que tem um pé de café na sua terra.

.....

Elizete, da comunidade Imbiara, aprendeu a receita deste xarope com sua sogra, sendo indicado para gripe e problemas de cansaço. Para o preparo, ela reúne várias ervas, conforme a lista abaixo:

Erva	Parte utilizada
Juá (juazeiro)	Entrecasco
Fedegoso	Raiz
Mata-pasto	Folha e raiz
Alfavaca	Raiz
Quioiô	Folha
Sabugueiro	Folha
Água de Levante	Folha
Folha da Costa	Folha

Laranja da terra	Folha
Café	Folha
Capim Santo	Folha
Folha de Maria	Folha
Pitanga	Folha

Quadro 1. Relação das ervas utilizadas por Elizete na preparação do xarope
Fonte: trabalho de campo (2018).

.....

Para um litro de xarope é preciso, aproximadamente, de um ‘punhado’ de cada folha, três ou quatro pedaços das entrecascas. A entrecasca de juá não se pode usar muito, pois amarga na preparação final. Na folha da laranja da terra também é importante retirar a ‘veiazinha’ própria da folha. Após fazer o chá com os ingredientes, é preciso coar e voltar ao fogo com mais um quilograma de açúcar, cravo e canela, deixar cozinhando até o ponto de xarope, ‘meio grosso, tipo do mel’. Nesse preparo são necessários dois a três litros de água, até alcançar o ponto de xarope. Depois deixa-se esfriando para acondicionar em local específico.

• ENGENHO DA VITÓRIA

Dona Ana e seu Antônio

Seu Antônio, 59 anos e Dona Ana Maria, 58 anos, são praticantes terapêuticos, mas não se dizem rezadores. Dona Ana lembra que os mais velhos sabiam fazer as rezas, mas já faleceram, como Pedro, um rezador que eles citam como exemplo.

Sobre o conhecimento das ervas medicinais, Seu Antônio aponta uma defasagem geracional entre os mais velhos, os que sabiam, e os mais novos: “Eu acho que não tem mais ninguém desses novatos pra saber, desses pessoal mais antigo não tem ninguém”. O conhecimento das ervas, como explica Dona Ana, vem “dos antepassados, que vai passando de um pra o outro”. No entanto, como verificado em outras comunidades, Seu Antônio também afirma trata-se de



um conhecimento disseminado: *“A maioria das pessoas que mora aqui na região do Engenho da Vitória tem conhecimento”*.

Dona Ana e Seu Antônio citam o capim santo, erva cidreira, pitanga, boldo, melissa, maria preta, velame, mastruz, o olho do arará-mirim, água de levantar, aroeira, alumã, purga do campo (bom para fazer xarope). Embora não rezem, eles destacam a importância de ervas como a “quarana” e a vassourinha para essa prática. Dona Ana aponta alguns cuidados que devem ser seguidos: *“O cuidado que tem é que não pode tirar a planta depois que o sol se escrava, tem que tirar antes. Depois que o sol se põe não pode mais tirar, nem pra fazer chá, nem pra rezar”*.

A experiência no uso das ervas implica em saber reconhecer quando o tratamento não está funcionando e a necessidade de mudanças, como Seu Antônio esclarece: *“Eu acho que aí o chá não é compatível com o que a gente tá sentindo. Às vezes a gente toma achando que é uma coisa e é outra”*.

O chá da pitanga (de oito a nove folhas) serve para gripe, dores no corpo, enfim, para melhora generalizada, e se toma durante três dias, preferencialmente à noite. Chá de maria preta (três folhas) também é indicado para gripe, tomando-se de manhã e à noite (quantos dias durar a gripe). O chá de velame, também usado para gripe, toma-se acompanhado das folhas de

maria preta e do olho do araçá-mirim. O chá de boldo (três folhas) serve para problemas de estômago. A folha do mastruz, também boa para gripe, é ingerida com leite (cerca de dez folhas para um copo). O chá da melissa (cinco ou seis folhas) também serve para problemas digestivos. Com a raiz da purga do campo se faz um xarope bastante apreciado na comunidade. A folha e a casca da aroeira (para banho, quatro folhas e três pedaços da casca) servem para combater a inflamação. O casal colhe as ervas no quintal e em áreas próximas da casa, pois como Seu Antônio indica, “*A região toda aqui tem planta*”. Eles também plantam algumas ervas, mencionam quarana, cidreira, boldo, capim santo, alumã e água de levante.

**O USO DAS ERVAS É UM CONHECIMENTO DA VIDA
COTIDIANA DESSE AMBIENTE, COMO DESTACA SEU
ANTÔNIO**

.....

Eu acho que é porque a gente tem na casa. Eu tô com uma gripe, aí eu pego três folhinhas aí de velame, três folhinhas de maria preta, três folhinhas araçá mirim e durante três dias o corpo vai melhorando, né? A gente sente uma melhora logo, melhor do que remédio de farmácia.

.....

• **KAIMBONGO**

Dona Joselita

Dona Joselita e seu esposo são os moradores mais antigos da comunidade do Kaimbongo. Ela e seu filho Renato reconhecem vários moradores como praticantes terapêuticos: indicaram rezadores, conhecedores de ervas e do remédio para picada de cobra. As ervas medicinais de uso mais disseminado na comunidade são: purga do campo, raiz da jurubeba, raiz da maria preta, alfavaca, maricotinha, folha de acerola, hortelã grosso, que podem ser



utilizados como xarope para gripe. Uma receita utilizada para crianças que cansam – portadoras de asma – associa o próprio inseto, cupim branco, a estrelinha do mar e cavalinho do mar. Para virose pode-se fazer chá e banho com folha de Santa Rita, folha do café, folha de pitanga, folha de maria preta. O chá de canela de velho, da folha de araçá-mirim, com maçã da bananeira serve para diarreia ou dor de barriga. A raiz do “babatenã” também produz uma garrafada indicada para inflamação na próstata, que leva também a entrecasca ou raiz de jatobá, a raiz de melissa, candeia branca, “titara” e raiz do cansanção. Usa-se vassourinha, vassourinha de mofina ou folha de quarana para as rezas. No entanto, segundo Renato, em algumas situações é necessário o auxílio médico:

Por exemplo, a pessoa tá sentindo uma dor de... a pessoa quando tá com uma gastrite, quando ela ataca, quando começa a pessoa sentir uma dor que ela incomoda demais é porque ela já tá passada, aí tem que ir pro médico pra poder o médico passar um remédio pra aliviar aquela dor e a gente continua, quem tiver com... continua usando o remédio caseiro, por exemplo, a canela de velho, o babatenã, a resina da amescla, tudo isso é bom pra cicatrizar.

Uma garrafada famosa, produzida na comunidade, é o remédio para picada de cobra. Esse antídoto artesanal constitui o produto mais famoso, cuja fórmula remonta de longa data. Segundo Renato, sua mãe, desde que “[...] começou a se entender como gente, já conhecia e já sabia que existia”. Ele afirma que em outras comunidades a preparação desse antídoto pode ser diferente da confeccionada no Kaimbongo, que leva jaca de pobre, batatinha teiú, cipó de cainana e bucho de paca. Conhecido, segundo nossos entrevistados, como “*remédio pra combater bicha do chão*”, esta receita foi repassada pelos mais antigos moradores e se mantém preservada, servindo tanto para humanos quanto para animais. Segundo nossos entrevistados, quanto mais rápido o remédio for administrado maior chance de sucesso terá. Caso não seja possível tomar imediatamente, é necessária a aplicação de um torniquete no local da picada para evitar a disseminação do veneno até a providência do antídoto que integra a farmacêutica tradicional no combate à peçonha de cobras e serpentes, cuja distinção não é feita no local. Os mesmos ingredientes do remédio também são utilizados para o banho, que potencializa os efeitos contra a picada de cobras e serpentes. Além do remédio ser administrado, Dona Joselita explica que a cura para a picada de cobra depende de um resguardo de sete dias, sem contato com pessoas estranhas à casa. Apenas familiares que estão cuidando do doente podem se relacionar com ele. Renato apresenta os detalhes dos cuidados necessários

Se a pessoa for picada pela cobra e demorar muito pra tomar o remédio, em tudo que ela tiver sentindo dor e às vezes incha o lugar, aí a pessoa tem que tomar até desinchar e a pessoa parar de sentir dor; a pessoa vai tomando uma ou duas vezes no dia e fica num lugar resguardado, que nem todo mundo pode ficar olhando, nem todo sangue combina, que ela [a picada de cobra] é muito contagiosa.

Rezas não são utilizadas como complemento ao tratamento das picadas, mas destinadas a fins específicos como dor de cabeça, mau olhado, pé desmentido. Hoje em dia, como a presença de cobras é menos frequente, a procura pelo remédio não é tão constante quanto em outros tempos, o que exige certos cuidados com a concentração dos princípios ativos para a manutenção do seu efeito quando o antídoto for requerido.

Joselita e Renato, do Kaimbongo, descrevem uma receita de remédio para picada de cobra bastante utilizada na comunidade. O remédio é composto por uma mistura de aguardente de cana (cachaça comum), folhas da jaca de pobre, cinco ou seis batatinhas de teiú, cipó de cainana e bucho da paca. Colocam-se todos os ingredientes em infusão na cachaça e deixa guardada para apurar o efeito. Não é necessário coar, consumindo-se apenas o líquido, uma xícara de café, uma ou duas vezes ao dia. Se o remédio for guardado por muito tempo, pode perder seu efeito e, por isso, é necessário “reforçar” o remédio adicionando mais cachaça, batatinha de teiú, cipó de cainana e jaca de pobre.

Aliado à administração do remédio, é imprescindível o “resguardo” do paciente. Joselita e Renato explicam que vizinhos e familiares não devem ficar olhando nem perguntando sobre a situação do paciente uma vez que “*nem todo sangue combina, que ela é muito contagiosa [a picada de cobra]*”. A pessoa deve ficar em um quarto separado, sendo cuidado pela pessoa que ofertou o remédio. Até o banho, se possível, deve ser realizado no quarto, em separado, sendo “reforçado” a água do banho com a utilização da folha de jaca de pobre. A banha do Teiú também auxilia no tratamento, a banha do animal é frita, e o óleo resultante deve ser aplicado no local da ferida para ajudar a desinchar.

Isso é antigo, viu? Desde como eu entendo como gente. Esse remédio pra combater a cobra, eu acho que ela que é minha mãe, quando ela começou a se entender como gente, já conhecia e já sabia que existia, então ele é preparado assim: aguardente de cana, que chama cachaça comum, a folha da jaca de pobre, a batatinha de teiú, o cipó de cainana e o bucho da paca. (Renato, filho de Dona Joselita)

Antônio

Samba e caruru oferecidos regularmente por sua mãe são as preferências de Antônio Teles da Paixão. Contudo, ele enfatiza que esses festejos devocionais têm diminuído devido à mudança de religião de várias pessoas da comunidade. Antônio aprendeu a rezar com a sua mãe e considera a reza como uma responsabilidade.

[...] e aí eu fui usando aquilo ali e aí eu fui aprendendo e hoje existem inúmeros tipos de reza, mas eu aprendi pouca coisa... Eu tento ajudar da melhor maneira possível. As vezes a pessoa está com olhado, as vezes torce o pé e que chama aqui de desmentido, aí eu rezo de olhado, desmentido, dor de cabeça essas coisa. Rapaz, até que eu não queria isso, porque é muita responsabilidade, e a gente tem que estar sempre disposto a ajudar as pessoas.

As pessoas da comunidade são prioridade para receber seus cuidados, mas esporadicamente reza pessoas de fora, geralmente parentes que moram em Salvador. Ela conta que, percebendo que a pessoa está com “olhado” – pela aparência triste e pelo desânimo – toma a iniciativa de rezá-la. Enfatiza que junto aos cuidados que os banhos e as rezas impõem, para se ter eficácia – momentos de coleta das ervas, da reza, resguardos, etc. – deve-se ter fé. Ele conta como iniciou esse processo:

Aí, quando foi um dia lá eu comecei esse negócio de reza em casa mesmo. Com Anderson, eu vi ele lá cabisbaixo e triste, eu disse: ele está com olhado, eram os sintomas que a minha mãe dizia. Está triste, só quer dormir, não levanta. Já que minha mãe rezava, as palavras, eu sei quais são, aí eu vou fazer. Aí eu rezei ele, no outro dia ele já foi pro trabalho, não estava comendo, já começou a comer eu disse, era olhado, e aí foi passando de um para o outro, os parentes, netos, fui rezando, foi dando certo, o pessoal me procurava pra rezar e aí eu estou nesse negócio até hoje.

Antônio afirma que não sofre preconceito pela sua atividade de rezador. Quando relata sobre adesão dos jovens a essas práticas de cura, faz

algumas ponderações: “Tem jovem que não acredita. Às vezes a gente diz, tu está com isso aqui, vai lá em casa que eu vou rezar. Muitos acreditam e outros não”. Ele localiza muitas ervas na mata, mas pondera que no passado era mais fácil encontrá-las. Recentemente percebeu uma degradação do meio ambiente no local onde mora, desmatamento e a consequente seca de uma nascente na comunidade.

No tocante ao conhecimento das ervas e outros elementos que são utilizados nos processos de tratamento e cura, nosso interlocutor menciona que a erva doce é usada para dor de barriga e dor de cabeça; o alumiã e o boldo, para dor de barriga; a folha da costa é para frieira. Prossegue sua narrativa dando outros detalhes sobre chás e banhos:

Fava de sapo, o que é que faz com ela: pega elas passa no copo na quentura, ela vai afinando e sai um caldozinho, quando estiver quente coloca em cima do lugar. Cajueiro,



o entrecasco, é para banho em mulher que teve menino e ficou com algum problema. Doril serve pra qualquer tipo de dor. Comigo-ninguém-pode serve pra mal olhado. Juntando esses três dá um banho. A erva doce coloca pra cozinhar dois ou três minutos já pode tirar, é pra fazer o chá com a folha. O alumã se você quiser faz cozido e se não quiser esfrega na mão sai o caldo da folha. Com o boldo faz chá de folhas, a folha da costa pega as folhas e lava elas, o alecrim também é chá de folhas, a vassourinha serve pra banho. Você pega ela esfrega as folhas nas mãos, ela vai soltar aquele caldo bem verde daí você deixa num pote passando uma hora mais ou menos, serve pra mau olhado.

Já em relação aos cuidados para que os banhos e as rezas tenham plena eficácia, algumas considerações são colocadas: “Se o sol se puser não reze mais. Tem que tomar os banhos antes do sol se pôr. Quando tomar o banho não pode sair mais, passar debaixo de arame nem pensar, não se passa em encruzilhada. Os banhos têm que ter muito cuidado com eles, porque às vezes não vai fazer efeito por não ter o devido cuidado”.

A despeito da grande importância que tem os cuidados para os resultados positivos do tratamento, adicionalmente a estes é preciso que as pessoas tenham fé para obter a cura, tal como evidenciado no fragmento de narrativa abaixo:

Eu costumo falar com as pessoas que o que cura às vezes não é o chá, é cuidar. Igual as rezas, que as vezes tem gente que chega lá em casa vai desacreditado, as vezes nunca rezou, mais depois de tanta reza e viu que valeu a pena, volta novamente, vira freguês. Então de cara eu digo que cura é a fé, sem fé fica mais difícil.

Antônio adverte que a eficácia se perde quando não se respeitam certos cuidados, comportamentos e procedimentos que são recomendados para cada situação:

Como eu lhe disse no caso do banho, eu lhe passo, você toma um banho desses e faz o contrário daquilo que eu indiquei, já fica mais difícil. Se saiu, se você tomou o banho saiu, passou debaixo do arame, passou numa encruzilhada não vai fazer efeito. Se você levar as folhas pra casa para fazer o chá, não deixe que cozinhe demais, não vai fazer efeito se não for pra cozinhar demais. Se eu digo: pode deixar cozinhar demais até sair aquele gomozinho, pode deixar até cozinhar bem. Se você não deixar cozinhar bem, não vai fazer efeito. Tudo tem um limite.

É importante também que seja observada a quantidade de cada componente a ser usada para que seja obtido o efeito desejado:

Todas as folhas de chá são poucas que se usa. O alumã, por ser uma folha amarga, uma ou duas folhas é suficiente. O boldo por ser uma folhinha bem pequenininha, coloca dez folhas. Folha da costa pra frieira, uma folha só. Alecrim, três folhas por ser larga e grande. Vassourinha se reza com três folhas, pra banho tem que ser umas dez ou 15 por aí. O doril coloca duas folhas. O entrecasco do cajueiro branco, a depender do tamanho é pouca coisa, um pedaço de um palmo tá bom.

No que se refere à regularidade de uso dos procedimentos recomendados, devem ser observadas a frequência e o período do dia para que sejam tomados os chás e banhos:

Todos os banhos são três vezes só. Todos os chás é o mesmo tempo de tomar, o da erva doce usa três vezes e na hora que for deitar. Chá é sempre à noite ou na hora que precisar também. A gente, se está com a dor, não vai esperar a noite chegar pra tomar, não é? Toma o chá na hora que estiver com dor. Agora, os banhos é sempre pela tarde e toma três vezes e três dias no entardecer.

Por fim, Antônio lembra que para reza de olhado faz uso de vassourinha; já a torção, ele reza usando três torrões de barro. Lembra ainda que costuma plantar vassourinha, boldo, alecrim, alumã e doril, além de várias outras ervas que compõem seu repertório de uso terapêutico.

.....

Erva doce, alumã, boldo, folha da costa, alecrim, vassourinha de mo-fina, são tantas até a folha do araquá-mirim serve pra dor de barriga, são tantas que se eu entrar nas matas trago mais de vinte espécies. O cajueiro branco serve para diversas coisas, o entrecasco que é uma coisa que fica entre o tronco e a casca do caju. Tem doril, uma folha vermelha, comigo-ninguém-pode, eu conheço muitas, mas agora saiu da mente.

.....

• ENGENHO DA CRUZ

Zé Pixani

Zé Pixani, apelido de José Santana Ferreira, morador da comunidade do Engenho da Cruz, não se considera um rezador ou um curador, mas um homem comum, como ele afirma. Seu conhecimento das folhas é grande, mas ressalta que outras pessoas também as conhecem, isto é, são conhecimentos disseminados e não restrito a certos especialistas: *“Porque quase todo mundo daqui da roça sabe. Daqui da nossa redondeza, quase todo mundo sabe, por exemplo, com uma folha que serve pra fazer”*. Apenas as pessoas da cidade ou parentes que já não vivem na comunidade é que recorrem mais sistematicamente aos seus conhecimentos, pois não têm mais familiaridade com as folhas que outros moradores.

Seu José aprendeu desde cedo, como ele afirma, *“quase do meu nascimento”*, vendo a prática de seus avós e, mais tarde, já começou a praticar. Como ele lembra: *“Eu fui fazendo, como diz a história, uma hora dá certo uma hora ver também não dá, espera mais um pouco”*. Na sua narrativa destaca-se a prática cotidiana que se atualiza nas difíceis condições de vidas:

Esse conhecimento é depois de meus seis anos que eu fui tendo entendimento, aí então qualquer problema que tinha... porque naquele tempo se existia médico era totalmente pra turma da cidade que aqui na roça quase sempre todo mundo era curado com folha, por exemplo, o cara tomava um corte, aqui na roça fazia o que, pra o cara? Quem sabia rezar era reza, agora quem não sabia botava o que: nódia de banana, que os médicos dizem até que é perigoso, pra estancar o sangue. Conheço uma folha que chama mandororó, que lá tem muito, é pisar e botar com sal, também é bom, tudo isso é o que a gente fazia.

O conhecimento das folhas já não é o mesmo do passado: *“Então a turma tá acreditando mais nos médicos de que próprio numa folha que a gente sabe que é pra aquilo”*. Essas mudanças trazem consequências para as formas de lidar com problemas cotidianos de saúde, que são precocemente levados ao médico: *“[...] os mais velhos tinha, acho, mais um pouco de experiência, não sei mais o que era,*

então teve uma vez que eles notaram o que o menino estava sentindo, ia lá fazia aquele chá, com pouca hora o menino tava melhor. E hoje não, qualquer coisinha que o menino ou adulto sente e vai correr logo pro médico”. O conhecimento do cotidiano, no passado, contrasta com o aprendizado formal, como ele explica: “[...] tem muitas coisas que muitos mais velhos do que eu que sabia e aprendeu que hoje a juventude nenhum... Tudo hoje só quer se confiar através disso aí, das escritas”.

Além das folhas, as rezas também vêm diminuindo em decorrência do aumento do número de evangélicos nas comunidades: “Hoje a maioria tudo, não eu, a maioria é crente não acredita nem reza”. Para as rezas, é preciso acreditar, ter fé, como no caso de uma torção – “desmentidora”, como é conhecida –, que pode ser curada por uma mulher que tenha tido filhos gêmeos, conforme ele esclarece.



Que no meu tempo, quantas pessoas existiu aqui que sabia rezar... dor de cabeça, tanto dor de cabeça como, por exemplo, o que a gente tá sentindo agora como aquela que a gente sente quando começa uma friadagem, que trata dor de cabeça de sereno. Tem é duas maneiras de rezar a do vento, vento caído, a tal do vento é a tal doença que a gente trata hoje o derrame, que trata infarto.

Várias folhas foram citadas por Seu Zé Pixani. Para gripe, recomenda erva de Santa Maria – serve para xarope, chá, lambedor, banho –, fedegoso e folha da costa, folha de novalgina e anador, cana de macaco – que também serve para vermes – e batatinha. O alumã tem vários usos também: “*A dor de barriga a gente usa a folha pra fazer o chá. Pra garganta se faz o banho do entrecasco, pra gargarejar*”. Para febre e dor de cabeça, folha de pitanga. Quebra-pedra, para os rins. Para dor de barriga, olho da araquá-mirim (cozinhar ou mastigar) e a folha Santa Rita, também conhecida por casadinha. Boldo e carqueja para males no abdômen. Para inflamação, a malva branca (para cozinhar, para se banhar ou torrar e transformar em pó). Para cortes em geral, o mon-dororó (macerado, puro ou com sal). A semente do fedegoso pode ser torrada, aliviando a constipação na cabeça.

Para se fazer os chás, a quantidade utilizada depende do tipo de folha em questão. Algumas são um punhado (as folhas), ou para as maiores, costuma-se colocar três ramos (ou pés), sempre em número ímpar, ele esclarece. Para se fazer xarope, pode-se ter receitas com várias folhas, mas também se faz com uma única folha, como o xarope de folha da costa, para gripe, indicado por nosso entrevistado.

A coleta das folhas deve ser realizada durante o dia, “*antes do sol se escra-var*”, uma expressão bastante comum nas comunidades. Mas de manhã é ainda melhor, tanto para as folhas como para as rezas: “*O certo é colher cedo como o que a mente levar, que tem rezas que muito gostam de rezar logo no sair do sol. Porque quando o sol tá terminando que ninguém quer mais saber de rezar*”.

A prática implica em experimentação, inclusive para um mesmo problema, o que pode dificultar a avaliação das folhas adequadas. Esse é o caso, por exemplo, de problemas de diarreia, que podem ser tratados com diferentes folhas, como ele explica:

Por exemplo, está sentindo uma dor de barriga, sempre tem com diarreia, talvez você tome o chá da carqueja e não passe e nem para de obrar. Faz da folha de Santa Rita e não para, faz do boldo, que também é bom, às vezes não para. Aí você fica indeciso sem saber qual é, acaba no meio de tanto quando vai parar não sabe qual foi.

.....

Mas não é bem curar que tudo é a fé, que tudo que a pessoa faz com fé ele consegue, quando a coisa é muito grave, devagar, devagar, mas um dia a gente chega lá. Igualmente é como sorte que muitos dizem que não existe e eu ainda fico em dúvida, porque eu acredito que existe. Que é as duas coisas que eu acredito e não sei qual é dos dois mais poderoso o acerto ou sorte, mas eu acredito.

.....

• SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU

Rabicó

Crispim dos Santos, conhecido como Rabicó, 43 anos, é praticante terapêutico reconhecido na comunidade. Sua família reside no lugar há várias gerações. Rabicó aprendeu a conhecer as ervas como seu pai e Seu Tolé: “Com Seu Tolé eu aprendi mais as plantas de matas e com os meus pais eu aprendi mais as plantas caseiras por perto”. O mentor, Seu Tolé, aprendeu com os pais dele. Além das ervas, Seu Tolé também conhecia uma reza que fazia na lua nova: “[...] quando a lua saía por baixo, ele pegava duas moedas e rezava, ele me ensinou um pouco mas eu tentei formar e não aprendi. [...] Ele rezava na lua nova e dizia isso aqui é pra espantar o olho mal de cima dele e da família dele”.

Para Rabicó a convivência com Seu Tolé foi decisiva no conhecimento das ervas e também no desenvolvimento do interesse e familiaridade com a mata, conforme explica: “Às vezes eu ia na mata mais ele e as vezes ele me indicava e eu sabia aonde era, a mata lá eu conheço como a palma de minha mão. Eu conheço a mata como o quarto da minha casa”. Para se colher as folhas na mata

é necessário “pedir licença”: “[...] apesar das pessoas não considerar é preciso pedi licença pra entrar, cortar e tirar ela, tudo tem o dono. Tudo isso tem que ter respeito”. Seu conhecimento faz parte da história de seus antepassados e que, de certa forma, se presentifica por meio das suas habilidades:

Eu tenho vontade de aprender, de preservar o que os meus antepassados me ensinou, alguma coisa tem quando a pessoa tem esse conhecimento. Vem de tradição e essa tradição eu não deixo cair, mas para manter uma tradição dessa é preciso ter cabeça e noção do que está fazendo [...]. Eu herdei de herança pela parte da minha avó, pela parte de meu pai. Ela tinha dom da índia Paraguaçu e ela foi de uma família de indígena. Pela parte da minha mãe foi mais de escravo. Tem tudo a ver com o dom de indígena.

Sobre as folhas, raízes e outras formas de cuidado, Rabicó enumera muitas possibilidades. Manissaba, fruta escura, serve para princípio de derrame



e Acidente Vascular Cerebral (AVC): *“Torra ela na brasa, tenta fazer ela um pó pra tomar um chá. E as vezes faz um chá com três bolinhas dela, se puder comer a fruta come, porque ela é meia amargosa”*. O chá da folha do abacate branco serve para reduzir colesterol e pedra nos rins; entrecasca do cajueiro branco serve também para baixar colesterol. Entrecasca da jurema e do babatenã servem para cicatrização e reumatismo. Pau ferro misturado com barbatimão são bons para a próstata. Amescla de pau e amescla de rama têm várias utilidades, inclusive para mulheres grávidas:

A pessoa tá com o corpo pesado, com muita dor no corpo, reumatismo, coluna a amescla de rama. Já a de pau serve pra sinusite, ela tem uma resina, ela é muito branca. A resina serve pra sinusite e muita dor de cabeça, a mulher que está gestante que não pode tomar remédio, ele é um santo remédio pra isso. Hoje tem a tecnologia aqui que está mais avançada, mais na mata não existia esse lance de tomar remédio, elas tomavam defumador as mulheres. Misturava o velaminho branco da mata com essa amescla de pau e dava um defumador.

O xoxô é um subproduto do preparo do azeite de dendê e a receita mencionada por Rabicó, de São Francisco do Paraguaçu, é famosa. Trata-se de um óleo feito a partir do caroço do dendê que pode ser utilizado para limpar a pele. Segundo Rabicó, as mulheres também utilizavam o xoxô para pentear cabelo e trançar cabelo além de ser matéria-prima para o preparo de sabão. Utilizado na medicina tradicional como cicatrizante, especialmente para as pessoas que se cortam nas matas da região, pode ainda ser acrescentado a ele, a entrecasca da biriba ou a folha do pau de leite para potencializar seu poder hemostático e cicatrizante. Essa receita aplica-se tanto ao uso em humanos quanto a animais.

Folha da biriba, ou do pau de leite, serve para estancar o sangue. Para curar bicheira de animal (boi ou cavalo), Rabicó explica que existe uma técnica que ele chama de “curar no rastro”, que é a seguinte: *“[...] animal brabo demais que não deixava ninguém apanhar, ele sai a gente pega o rastro dele com uma foice ou facão, vira o avesso, pega duas folhas em cruz [folha pequena ou capim] e bota, o bicho cai todo. Dois dias o bicho cai todo e já tá cicatrizando”*.

Alecrim e a canela de velho servem para problemas de garganta. Araçá-mirim e banana verde, para disenteria. Purga do campo, para os nervos e

inflamações: “Ela é muito sadia pros nervos, pra comer ela ou tomar o chá pros nervos, pra gripe”. Batata de teiú, para mordida de cobra: “A batata de teiú tem que misturar com cachaça porque a pinga sempre é boa pra mordida de cobra, entendeu?”

Folha de cajá (com leite) ou do suspiro de cachorro, para machucados em geral. Folha do mangue, bom para conservar os dentes e para dor de barriga. Malva branca, para desinchar. Vassourinha, para rezar e para tosse de criança, cecê, para aliviar incômodos causados por nascimento de dente em criança. Alfavaquinha, para febre em criança, colocando-se debaixo do travesseiro. Aroeira, bom para cicatrizar e desinflamar. Folha do tamarindo, para dor de dente. Algodão de seda, para hérnia de disco. Rabicó se preocupa com o desaparecimento das ervas, mas, segundo ele, em sua comunidade há controle desse processo:

Só que lá graças a Deus a gente não sofre muito esse problema de desmatamento e pela união a gente cola em cima e denuncia. A gente tem que fazer a nossa parte, não deixar que desmate a nossa mata, porque se desmatou a mata, desmatou uma vida. A mata é vida, a água é vida. Principalmente a gente que tem que ter sobrevivência e precisa da água e da mata. E aí a gente não pode deixar acabar a nossa mata e dali a gente tira o nosso alimento, tira a nossa cura e tira tudo.

.....

Eu sou pescador e agricultor, mas eu gosto muito da mata e na mata eu tenho paz, tenho tudo. Tem problema que até com as árvores a pessoa conversando e com o rio, a pessoa se sente melhor e os problemas vai embora. De manhã cedo se você chegar na beira da maré, você sente ela respirar. Você vê o suspiro dela, porque quando ela tá irritada sente aquela ventania e quando é de manhã cedo ela tá calma, você vê ela respirando. E a água na mata você também vê, pela queda d'água você sente. Aqui nas árvore da mata você sente a presença mesmo de fazer parte da sua vida.

.....

Ri

A praticante terapêutica conhecida por Ri, apelido de Arilene Sanches Ferreira, tem seis filhos, é rezadora de olhado, cobreiro e vento caído. Ela aprendeu a rezar com sua tia, Lucila, quando ia visitá-la, como ela explica:

Eu dizia assim: ó minha tia eu estou com uma menina lá de cobreiro, ela dizia: então eu vou rezar a menina, mas aí você vai aprendendo pra depois você está fazendo quando sua filha estiver de olhado, de ventre caído e de cobreiro [...]. Aí você já vai saber de tudo um pouco. Mas nem todas que eu sei, as vezes não rezo. Tem gente que diz assim, dá pra você me rezar de vento caído? Ah, fulana, tem horas que as vezes eu rezo, mas tem outras horas que estou com a pressão as vezes alta. As vezes estou sentindo alguma coisa aí não dá pra rezar, quando estou boa aí rezo.



Ri já era mãe quando aprendeu essas rezas, cuja motivação foi justamente o cuidado de suas filhas: *“É tanto que hoje minhas filhas nenhuma sente disso, olhado, ventre caído e cobreiro, depois que eu passei a fazer esses negócios. Eu rezo mais, rezo os de fora”*. Além das rezas, as folhas também foram ensinadas por sua tia e outras pessoas mais velhas: *“Com as pessoas mais velhas, a finada Luiza, tem minha mãe, elas todas me ensinaram. A gente hoje tá com elas ainda no mundo e depois como vai ser, é por isso que preciso aprender de tudo um pouco”*. Mas o conhecimento das folhas também se dá em sonhos, como em problemas que teve consigo, com sua sogra, com uma de suas filhas e com seu marido: *“De sonhar já sonhei, mandando que eu pegasse umas folhas e fizesse o chá e aí tanto bebesse como desse ao meu marido, [...] aí dizia assim: vá no mato, pegue a folha purga de campo e guarda-sereno junto faça o chá e dê a ele, eu dizia a ele bote os dois juntos, faça o chá e pode beber”*.

Além das rezas, ela conhece as ervas e gosta de *“ir pro mato”*, junto com seu marido. As ervas que costuma trazer são: purga do mato, mãe-boia, maria preta, quioiô, arrozinho, maricotinha, guarda-sereno. Essas são ervas para fazer chá, xarope e lambedor, que Ri indica para gripe, mas, segundo ela, muitos preferem ir para a farmácia: *“É praticamente todos esses xaropes que vende em farmácia, a gente as vezes tá com as ervas e não sabe que é bom. Tá gripado e vai pra farmácia. Tem o chá do quioiô que é uma maravilha, tudo é bom”*.

Para fazer o lambedor para gripe: purga do campo, pitanga, mãe-boia, quioiô, mastruz, fumo brabo. Cozinha-se as folhas, acrescentando mel, cravo e canela em pau. Já as folhas da purga do campo, mãe-boia e guarda-sereno, separadamente, são ótimas para inflamação. São muitas as possibilidades terapêuticas das folhas que se pode colher no mato, como ela enumera: *“Até o cansaço do branco é bom pro xarope. O capim santo, o quitoco, que o chá é bom pra figado. Tem o tapete de oxalá, o chá é bom pra rim pra figado, pra baço. Tem várias folhas e se eu for conversar com você vou levar um dia completo”*. Mãe-boia e mastruz, *“mãe-boia e a maria preta, são duas folhas quase iguais, ali você pode fazer o chá junto. Serve pra infecção urinária”*. Mastruz também é indicado para alívio de *“pancadas”*, e pode ser ingerido com leite ou na forma de chá, bom para problemas de verminose. Maxixe cru também é indicado para verminose.

.....

Você pode correr mil mundos, se não tiver fé naquilo, não fica boa. Pra chá, xarope faz até lambedor pra gripe. É praticamente todos esses xaropes que ele vende em farmácia, a gente as vezes está com as ervas e não sabe que é bom. Está gripado e vai pra farmácia. Tem o chá do quioiô que é uma maravilha, tudo é bom. ... Tem a pulga do campo, pitanga, mãe-bona pra colocar junto, tem a raiz ou a folha do quioiô, tem a folha do mastruz, tem o fumo brabo ...Tudo isso é folha, aí você cozinha todas elas juntas coloca o mel, o cravo, a canela em pau, e faz um lambedor pra gripe. E aí ele separado a pulga do campo e o guarda sereno é ótimo pra inflamação, a mãe-bona é pra inflamação e infecção. Tudo isso é bom.

.....

• SANTIAGO DO IGUAPE

Dona Estelita

Aos 78 anos, Dona Estelita, ou Fiinha, como também é conhecida, é rezadeira em Santiago do Iguapec. Quando ainda morava na cidade de Umburana, no sertão baiano, aprendeu a rezar com uma senhora chamada Dona Maria, de apelido “Maria Guerra”, “*porque ela sabia todas as rezas, não sabe?*”. Ela nos conta como se deu esse encontro:

Aí eu cheguei, eu tava com dez anos: ‘ô Dona Maria, a senhora me ensina a rezar?’, ela disse: ‘E você me promete se você rezar qualquer pessoa não cobrar?’, não chamava centavo naquele tempo não, ‘não cobra nem um vintém?’, eu disse: ‘eu não cobro não’. E ela me ensinou, as rezas que ela sabia, ela me ensinou.

Seu interesse em aprender se deu: “*porque eu achava bonito ela [Maria Guerra] rezar o pessoal e o povo agradecia a ela e dizia a ela que tava melhor, que ficou boa. Aí eu gostava*”. As rezas ensinadas foram: “*olhado, dor de pontada,*



ventosidade e rezar de a pessoa desmentir o pé [...]. De peito aberto... que é quando a pessoa tem aquela dor que responde nas costas, né?”. As folhas utilizadas nas rezas são arruda, vassourinha de relógio, vassourinha de mofina. Dona Estelinha começa, então, a recitar a reza de olhado:

Maria que mau olho te olhou? Que olhado te botou? ‘Com dois te botaram e com três eu te tiro’, três é o ramo, não sabe? Três ramos. com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Aí quando termina com as três folha, aí diz: ‘Maria, quem te botou esse olhado? Se foi de gorda, se foi de magra, se foi de feia, se foi no trabalhasse, se foi no comesse, se foi no dormisse, se foi no levantar. Bote esse olhado nas ondas do mar sagrado’. Assim ela me ensinou, né? Aí quando acaba de rezar as três vezes a gente... aí chega a reza, Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria e oferece o santo que a gente deve oferecer.

Outro desconforto que ela saber rezar é o da “ventosidade”, “aquela dor abafada por dentro”. A reza é a seguinte: “‘Ventosidade só é nuvem, nuvem a claridade retira essa dor da ventosidade com as três pessoas da Santíssima Trindade’. Ela me ensinou. Ela rezava três vezes, depois rezava o Pai Nosso, Ave Maria”. Para “vento caído”, quando a criança apresenta uma protuberância no peito, ela ensina o procedimento: “Eu boto ele [a criança] assim no meu colo e rezo: ‘Cristo nasceu, Cristo morreu, Cristo ressuscitou, vento caído se levantou.’, aí eu vou rezando, rezando, rezando... três vezes... aí ele fica bom. Assim as mães diz, que ficou bom”. Para impingem, pequenas irrupções na pele, “o impingem é com a folha, não sabe? ‘Impingem rabicho, sai-te daqui que os porcos e as porcas anda atrás de ti, a água do monte tá contra ti’. Reza três vezes, aí reza o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria e oferece aos santos [...]”. Para curar fogo selvagem e cobreiro, também problemas de pele:

‘Comade malarde, que é que arde comade? Fogo selvagem. Com que curará comade? Com cuspe da minha boca’, aí encosto três vezes, ‘e água fria e três Ave Marias’. Quando acaba de rezar tem que rezar três Ave Marias e oferecer. E o cobreiro é: [...] ‘eu fui pra Roma com a romaria, rezando cobreiros e cobrarias, com ramo verde e água fria com poder de Deus e da Virgem Maria’. Isso tudo Dona Maria me ensinou, Deus que dê o descanso eterno a ela.

Dona Estelita ressalta que esses problemas de pele devem ser rezados em sequência: “O fogo selvagem é porque nasce assim uns caroços e fica todo vermelho. Aquele lugar fica tudo vermelho e então ali a pessoa tem que rezar de impingem, rezar de cobreiro na mesma hora e depois rezar de fogo selvagem, que é pra aquele vermelhão acabar”. Além de rezar, é preciso oferecer as rezas para os Santos: “[...] aí pode ser Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, aí ofereço a Nossa Senhora do Carmo, Santo Antônio... pra eles todos ajudar pra aquela pessoa ficar boa, né?” Para problema de “pé desmentido”, a reza evita que o local fique inchado: “‘Com os poder de Deus, de São Frutuoso. Eu te rezo, eu te curo’, mas é com um pedacinho de pano em cima do lugar que tá doendo, que tá desmentido, e com agulha e linha, né? ‘Com os poder de Deus, de São Frutuoso. Eu te rezo, eu te curo. Carne quebrada, nervo torto, osso rendido’”.

Dona Estelita oferece dois carurus, um para Crispina e Crispiniana e outro para Cosme e Damião, ambos no mesmo dia, em dezembro. Como ela

explica: “É assim... eu boto sete meninos, Cosme e Damião. Depois que termina ali, botava sete menina, Crispina e Crispiniana. Na mesa, boto pipoca com queimado, refrigerante. Bebida forte não, é só pipoca, queimado e refrigerante”. Sobre a data em que oferece o Caruru, já que preponderantemente a obrigação é cumprida no dia 27 de setembro, ela esclarece: “Eu dou em dezembro, porque a primeira vez eu dei foi em dezembro. Então eu procurei saber... o importante é o caruru. Não tem nada de data. O importante é dar o caruru”.

.....

Qualquer folha serve [para rezar]. O que tá valendo é a reza. Porque tem que rezar, ói. Assim. E pra rezar assim tem que ser com a folha.... os quintal agora tá ficando pequenininho. Agora aí no quintal eu tenho um pé de abre caminho que eu tô conservando ele que é pra quando chegar uma pessoa, eu rezar com o abre caminho. Que é pra abrir o caminho da pessoa.

.....

Dona Sinhá

Ilza da Costa, de apelido Sinhá, tem 84 anos e é rezadeira. Nascida no Kalolé, chegou a morar em Salvador, fazendo trabalhos domésticos e cuidando de criança e já adulta veio para Santiago do Iguape. Não casou e nem teve filhos, sendo muito dedicada à vida comunitária da Igreja Católica, onde aprendeu algumas formas de cuidado, como a argila terapêutica, conforme explica:

[...] meu trabalho é da igreja pra casa, que eu sou muito coisa com a igreja, trabalhei na Pastoral da Criança aqui, também levei muitos anos. Depois que teve o posto de saúde e acabou com a pastoral. Mas é um trabalho muito bom, aprendi muito. Aprendi a fazer xarope pra adulto e pra criança, aprendi a fazer a argila do barro. [...] Pra enfermidade, pra passar se tiver uma dor no pé, uma ferida, dependendo da ferida se cura. [...] Se a enfermidade for muito profunda não bota em cima da enfermidade, bota ou com um jornal ou com um pano bem fininho, bota em cima e bota aquela lamazinha. Tem muitos que faz já com uma folha. Quer dizer, aroeira é uma folha, e a malva branca. Eu deixo puro mesmo. Aí bota, quando seca aquela massa aí já tira, já joga fora.



Ela aponta a antiguidade e a familiaridade das rezas: “Isso do barro [argila terapêutica] eu aprendi na pastoral, mas as rezas foi meus antigos que me ensinou”. A avó paterna sabia muitas rezas, mas ela conta que aprendeu com a tia de seu pai e outras pessoas próximas, como a reza de “olhado”, que aprendeu com a tia, “de cabeça”, como diz: “Aprendi as palavras, eu não sabia ler, naquele tempo eu não sabia, mas eu aprendi de cabeça, mesmo que os avôs da gente não ensinava a gente a rezar? Fazer o sinal da cruz? Pra deitar e acordar? As coisas que me ensinava eu aprendia logo”. Aprendeu a rezar na juventude, segundo ela, porque gostava: “Eu gostava, já minhas irmã não gostava. Até hoje eu gosto, até hoje se a pessoa chegar aqui e me pedir pra rezar, o que eu sei, eu rezo, eu não nego não”. Refletindo sobre seu aprendizado, destaca a criatividade na reza: “Eu já ensinei algumas pessoas, mas em tudo que você bota em prática você já vai botando mais coisa que aquilo já vem já na tua mente, mas coisa pra você botar, eu já sei mais coisa do que quando me ensinaram rezar [...]”. Ela nos conta uma situação em que foi “pega” de olhado:

Foi de repente. Que eu sai boa, quando eu cheguei quase que eu não chegava em casa, me deu uma dor nas costas e aí pronto, e vamo a dormir, dá uma soneira que você

dorme e acorda e aquilo. Aí só que minha irmã conheceu e mandou chamar essa pessoa que me rezou, que hoje já morreu, que Deus dê a luz eterna, aí foi chamar ele, me rezou, passou.

A reza de olhado pode ser feita com aroeira, São Gonçalinho, vassourinha ou guiné, sempre com três ramos e com sol ainda, de noite só em caso de emergência. Diferente de outras rezadeiras que rezam três vezes seguidas, Sinhá reza uma vez de “olhado”, seguindo o aprendizado que teve. Ela também reza de engasgo e erisipela (vermelha).

.....
Eu não aprendi assim da pessoa copiar e me dar não, eu aprendi daqueles mais velhos que já se encontra lá na casa de Deus, não é? Que já morreu muita gente com muita coisa boa, que levou e não passou pra ninguém e eu sempre fui muito curiosa, desde pequena, eu sempre fui muito curiosa.
.....

Toinha

A rezadeira Toinha, 68 anos, é muito conhecida na comunidade, sendo Antônia de Jesus seu nome de registro. Ela nos conta que “[...] o pessoal chega aqui pra rezar, me pede e eu rezo”. Os problemas de saúde que Toinha reza são: “olhado”, “vento caído”, “espinhela”, cobreiro, “ventosidade”, erisipela (“vermelha”), soluço, dor de cabeça, dor de dente, além de fazer xaropes em quantidade considerável para todos que a procuravam, mas atualmente já não tem mais a mesma disposição.

Nascida e criada em Santiago Iguape, onde sua família é residente há várias gerações, ela conta que aprendeu a rezar “com os mais velhos” e tios, vizinhos, amigos – depois de já ser mãe, destacando que tinha curiosidade para aprender: “Quando eu comecei a ter filho, meus filhos ficava doente, eu aí aprendi a rezar meus filhos”. Toinha conta que o aprendizado fica mais fácil diante da necessidade de cuidado com os filhos (teve seis filhos): “Porque achava ruim pedir ao povo. Aí eu pedi pra poder rezar meus filhos, aí nisso eu rezo o povo. Tem dia

mesmo de fazer fila aqui pra rezar". Para aprender a rezar, ela afirma não ser necessário ter uma habilidade especial ou um dom, basta aprender as palavras: *"Só força de vontade e gravar [as palavras]"*. Ou ler as palavras. Ela lembra alguns cuidados de quando teve seus filhos: banhava-se com "água inglesa" (adquirida em farmácia), pedra hume ou aroeira. Também havia resguardo de alimentos como galinha, sendo que só podia comer "carne moqueada"; tinha que ficar em casa por 40 dias.

Além das rezas para problemas de saúde, ela também sabe "rezar beneditos", orações para os santos de devoção São Roque, São Cosme e Damião, Santa Bárbara, Nossa Senhora das Candeias, São Crispim e outros, que aprendeu antes de casar e sabe rezar "de livro", por escrito. Para espinhela caída, ela explica: *"Só dor no peito. Aí eu meço com um cordão"*. Após fazer a reza, coloca um emplastro "salompas" na região, uma inovação recente na sua forma de tratamento: *"Eu agora dei pra botar porque eles pegam peso e torna*



a cair e botando a salompas fortalece”. Para “olhado”, retira três galhos de alguma erva do seu quintal, preferencialmente a vassourinha, pede permissão a Deus e faz a reza, que deve ser de dia, contudo, não dispondo da folha considerada apropriada, esta pode ser substituída por outras: “[...] no quintal não acho vassourinha, com vassourinha é que reza. Não acho, aí na hora eu pego qualquer folha’.[...] A vassourinha é melhor, agora eu quando quero rezar e não acho a vassourinha, que o sol matou as vassourinhas no quintal, eu aí uso velame. Que tem o pé do velame, eu vou lá, pego e rezo”.

Para “vento caído”, além da reza, outros procedimentos são necessários para que esta tenha a eficácia esperada: “A gente mede os pés. Aqui ó. Aí quando tá maior do que o outro é que tá caído o vento. [...] Não, vento caído a gente reza aqui puxando os dedos, puxa o dedo da mão, puxa o dedo do pé, depois aí reza aqui e aí vira do avesso, reza nas costas, aí pega o pezinho, aí bate três vezes aqui ó [...]”.

Já para o tratamento de pé desmentido, Toinha diz: “Eu rezo com uma pedra. Pega uma pedra e vai cruzando no lugar e vai dando as palavras”. O tratamento para dor de cabeça de sereno exige que a reza seja feita com um copo d’água sobre a cabeça da pessoa; já para outro tipo de dor de cabeça “do sol” apenas a reza é suficiente. Toinha não reza “ar do vento”, que ela descreve como: “A pessoa se entorta toda. Derrame”. Finaliza por explicar a razão de não ter aprendido dizendo: “Eu não quis aprender não que é muito pesado”.

As ervas que ela utiliza para chás são: pitanga, fedegoso, alfavaca, capim santo, maria preta, para gripe; assa-peixe, quebra pedra, para os rins; papá-nicolau, para fígado; melissa e cidreira, para o coração; amescla, para espi-nhela caída e estômago; aroeira, para inflamação. Além das folhas, outras partes da erva podem ser incluídas no preparo, tal como entrecasca, caules e raízes, tal como ela reconhece: “Quando eu faço chá eu faço com raiz, com tudo”.

.....

Quando eu conheço, assim, todo mundo conhece, porque aqui um passa pra o outro. Não tem segredo nenhum. ‘você tem essa tal folha?’, quando quer a gente vai nas casas pedindo, que aqui ninguém vende folha. ‘A vassourinha é melhor, agora eu quando quero rezar e não acho a vassourinha. Que o sol matou as vassourinhas no quintal, eu aí uso velame. Que tem o pé do velame, eu vou lá, pego e rezo’.

.....



Rosinha

Dona Rosinha, de nome completo Rosa de Vieira dos Santos, teve dez filhos e, aos 72 anos, continua rezando na comunidade. Nascida e criada em Santiago do Iguape, sua família mora nesse lugar há gerações, como ela diz: “Foram enterrados aqui”. Dona Rosinha sabe rezar alguns problemas, mas diz ser preciso ter fé: “Eu rezo olhado, cobreiro, rezo caroço no corpo. Se a senhora chegar aqui com a coroagem no corpo eu... rezo três dias pra sarar. Se tiver fé na reza, sara. Se não tiver nem venha. Eu digo logo: ‘se tiver fé sara, se não tiver não sara’”.

Dona Rosinha já era adulta e casada quando aprendeu as rezas que hoje ainda guarda na memória com os mais velhos, todos já falecidos, especialmente com Francisca e Neném, rezadeiras a quem ela levava seus filhos, como comenta: “Já levava muito menino pra ela rezar de olhado, coceira. Ela disse: ‘olha minha filha eu tô ficando pra idade, não vou aguentar rezar mais, eu vou lhe ensinar’. Aí eu aprendi. Uma morava aqui perto de mim e a outra lá pra cima. [...] Ela que me pediu pra me ensinar, se eu queria aprender. Eu disse: aprendo”.

Na sua forma de praticar a reza, Dona Rosinha diz que gosta de falar somente para si, sem ninguém escutar. Acrescenta que não quer mais ensinar

aos outros, pois a responsabilidade é grande nesse ofício. Ela menciona como exemplo o caso de uma mulher que queria aprender, cuja irmã era rezada por Dona Rosinha: “Mas é muita coisa pra botar no papel, as palavras de Deus, não cobro nem nada. [...] Que eu não ensino não, que nada, eu copie aqui pra uma menina, ela não aprendeu. Rezar reza errado não dá. Ela não aprendeu eu dei a ela a reza do olhado”. Dona Rosinha é muito assertiva em relação ao cuidado com as palavras que devem ser seguidas à risca: “Sempre é a mesma. Não pode mudar não, no fim da reza ainda rezo o Pai Nosso todo. Demoro rezando”.

No aprendizado com as antigas rezadeiras, ela ia escutando o que elas rezavam, diferente da sua forma de fazer a reza: “[...] elas rezavam alto, eu ouvia, [...] saía do coração delas. Eu mesmo não rezo alto pra ninguém ouvir. Sai do meu coração, eu não rezo alto”. Além de murmurar as palavras da reza de olhado, como ela explica: “É, só rezo pra mim, [...] só sai do coração pra pessoa [nem a pessoa ouve?]. Não. Não é pra ouvi não”. Dona Rosinha também não faz movimentos bruscos e não encosta as folhas na pessoa, como outros rezadores costumam proceder.

Para reza de olhado, ela diz as palavras e usa três galhos das folhas de vassourinha, corona e comigo-ninguém-pode. Para criança, usa apenas vassourinha; já para o adulto as folhas melhores são corona e comigo-ninguém-pode. Para pé desmentido, Dona Rosinha usa a folha da corona: “Eu estico os dedos, dizendo as palavras e depois passo as folhas”. Para algumas doenças, ela explica que se trata da mesma reza: “É a mesma reza só muda o nome da doença: cobreiro, caroço, inchação”. Para tratamento de cobreiro, ela reza três vezes fazendo o sinal da cruz, podendo-se utilizar duas folhas, corona ou pimenta, que são mergulhadas num recipiente com água e sal e aspergida no local do problema: “Molho as folhas no copo de água com sal e digo as palavras três vezes, encosto as folhas na pessoa e pronto, durante três dias”. Dona Rosinha também faz chás e xaropes, como ela explica na receita abaixo:

Todas as folhas que eu tenho aí eu boto no xarope pra fazer. O alumiã, a folha do araquá, maria preta, alfavaca, o mel da abelha, canela, capim santo, folha de laranja da terra, folha da costa, tudo eu boto na panela depois ponho açúcar, deixa ferver, cozinhar bem e as folhas escorre pronto. Agora as folhas que não mata ninguém.

.....

Esses carocinhos miudinhos que sai em criança, as pessoas ficam dizendo que é isso, aquilo, mas é cobreiro. Veste roupa sem passar, põe roupa de criança no chão e qualquer pessoa passa e senta no lugar, passa barata e lagartixa, teia de aranha pronto. Aquilo se não rezar, não tem pomada que sare, quanto mais o senhor passar a pomada, mas ele cresce e toma o corpo todo.

.....

• BREJO DA GUAÍBA

Dona Dete

Dona Dete, apelido de Valdelíce dos Santos, tem 78 anos. Nascida no município de Serrinha, ela integra a comunidade de Brejo da Guaiíba há mais de 40 anos. É rezadeira e já foi parteira. Mas, para “remédio de folha”, como ela se refere às folhas e às rezas, diz que ainda consegue fazer, embora com limitações. Como ela descreve:

Que tiver uma dor de barriga e não tiver o carro pra ir pra Cachoeira eu faço chá, rezo a barriga. Se é uma dor de cabeça eu rezo, pois bem... se é um engasgo, de gente ou de animal, tudo isso eu fazia. Agora eu não faço mais porque não tenho mais possibilidade de fazer, porque desse olho eu enxergo, mas enxergo pouquinho desse. Eu tô vendo vsmecês tudo turvo. Então eu não faço mais não. E menino eu já peguei muito e já tão tudo pai de família e mãe de família.

Ela diz que não gosta de remédio de médico – embora faça uso em algumas situações, como para diabetes –, pois ela mesma faz seus remédios, os chás de folhas e outras possibilidades, como, por exemplo: chá de berinjela, que ela toma para diminuir o colesterol; para dor nas pernas, uso de banho de folhas de fruta-pão com cacau; e chá da raiz da caiçara, para diabetes. Dona Dete começou a se interessar pelo conhecimento das folhas e do parto

quando morava em Governador Mangabeira e acompanhava uma senhora conhecida por “Miudinha”, que era do candomblé e parteira.

[...] aí ela ia fazer o toque pra ver se tava longe ou perto, ela fazia e depois ela me dava a luva e mandava eu fazer, aí eu fazia, quando eu fazia ela perguntava: ‘como é que está aí?’, eu dizia a ela: ‘tá longe ainda, não alcancei’, ela disse: ‘tá bom’. Aí passava, quando a dor apertava mesmo aí ela ia fazer o toque e depois mandava eu ir, eu dizia: ‘alcancei, tá aqui assim’, ela: ‘não vai demorar mais’. Aí pronto, aprendi.

Depois de várias mudanças de cidade, em outra ocasião, Dona Dete foi trabalhar em Cachoeira, na casa de uma mulher chamada Licinha, enfermeira. Esse encontro foi decisivo: *“[...] e ainda me ensinou melhor que ela pegava menino do hospital. Com a Licinha eu ia com a luva, ela me dava luva”*. O



aprendizado das rezas, por sua vez, foi feito com sua mãe, Maria Domingas de Jesus, também conhecida por “Dete”, que “rezava de tudo”:

Eu via ela fazer, se ela fosse rezar o menino de vento caído eu tava junto com ela, ela rezando e eu aprendendo. Todas rezas que ela rezava... as pessoas vinha na porta pra ela rezar. Todos ela rezava pra eu ver, olhado, dor de cabeça, dor de barriga, de dente, dor de barriga de animal, engasgo de animal, engasgo de uma pessoa... eu via. Tudo isso eu sei.

Já residindo na Guaíba, o primeiro parto que ela fez foi da irmã de seu marido e, ao longo dos anos, fez muitos partos na região, mas aos poucos foi parando de fazer, especialmente depois de um parto complicado de sua comadre. Ela destaca alguns cuidados com o parto, como banho de algodão ou de mentrasto, para intensificar as contrações. Além do banho, também é eficaz o chá da “palha” da cebola roxa.

Algumas rezas e chás indicados por Dona Dete: para “vento caído”, chá da maçã do algodão; para gripe, chá das folhas do sabugueiro, cécé, carro-santo, capim-santo, hortelã. Para “olhado”, além da reza com três galhos da vassourinha, também são bons o chá (três pés) e o banho da raiz da vassourinha. Ela pronuncia a reza, que depois deve ser acompanhada do Pai Nosso e da Ave Maria:

[...] a gente chama o nome do fulano, vamos botar José. ‘José, mau olho te olhou, com Deus eu tiro. Com os poder de Deus e da Virgem Maria. José se botaram em teu olhos, na tua cor, em teu cabelo, em tua sobrançelha, em teu vestir, no teu calçar, no teu comer, eu tiro, quebrante, olhado, moleza no corpo de José, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Se foi teu pai, se foi tua mãe, se foi teus tios, se foi tuas tias, sai, vai inveja e usura de cima do corpo de José, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Vai pro lado da maré vazante ou não canta galo e nem galinha ou não vem o filho do homem chorar’.

Para engasgo, pronuncia-se a reza seguida de leves batidas sobre o peito: “casa velha, homem mau, mulher boa, engasgo ou sobe ou desce com os poder de Deus e de São Frutuoso, casa velha, homem mau, mulher boa, engasgo ou sobe ou desce com os poder de Deus e de São Frutuoso”. Para “pé desmentido”, a reza pode ser feita para pessoas, ovelhas e bois, cavalos e jegues, não servindo para porcos,

cabras e galinhas. Dona Dete esclarece que também se pode rezar com agulha ou com três torrões de argila: “[...] eu rezo com três torrão da parede ou uma agulha. Eu pego, dobro o pano, boto a linha na agulha, vou rezando e costurando [...]”. Na reza com agulha, segue explicando: “É costurando, a gente se benze e vai enfiando a agulha. ‘Eu te cozo carne quebrada, nervo mordido, junta descolocada, nervo machucado e veia torcida. Chegar pro lugar com os poder de Deus e da Virgem Maria’, a gente reza. E reza o padre nosso”. Na reza com os torrões, fazem-se movimentos em cruz no local do machucado.

Para dor de cabeça não é necessário ter folhas acompanhando a reza, apenas as mãos que pressionam a testa e a nuca. A reza é indicada para dor “de sol” e de “sereno”: “Jesus é sol, Jesus é sereno, Jesus é caridade, tirando dor de cabeça com dor de pontada, dor de xuxada e ventosidade. Tirai-me da carne, tirai-me dos ossos, tirai-me dos nervos, tirai-me da veia, com os poder de Deus e da Virgem Maria”. Outra possibilidade é utilizar pano e garrafa de água, como ela explica:

E rezo também com o pano, pego a garrafa. Uma garrafinha assim de vidro, boto água, quando acabar eu pego uma toalha, dobro bem dobrada e boto na cabeça e viro a garrafa, ali as bocas sobem, se for de sol, sobe aquelas bolhas graúdas e se for de sereno, sobe tudo miudinha [...]. Se a dor de cabeça tá forte eu rezo com a garrafa. O fundo pra cima e a boca pra baixo. Aqui em cima da moleira. Aí também aquela água vai... Quando eu tiro a pessoa já tá melhor da dor de cabeça.

.....

Dona Dete não reza espinhela caída, embora sua mãe rezasse: “[ela] disse que não me ensinava não, porque é muito forte. Tinha que ter alho pra passar em cruz... minha mãe mesmo parou de rezar, que ela rezou uma criatura e caiu. É muito forte”.

.....

Dona Lourdes

Parteira, rezadeira e moradora do Sítio de Santo Antônio, localidade que faz parte da comunidade do Brejo da Guaíba, Maria de Lourdes dos Santos

é uma senhora de 88 anos. Como parteira, há anos que não “pega menino”, como ela explica: “Eu rezo... já peguei muitos meninos, mas só que não continuei. Mas já peguei muitos meninos mesmo”.

Dona Lourdes aprendeu a partejar com uma parteira chamada Evangelina, que fez o parto dos seus filhos (seis filhos). Começou a aprender depois dos filhos nascidos, inicialmente amparando a parturiente até a chegada da parteira – que muitas vezes não conseguia chegar a tempo –, em seguida, passou a cortar o umbigo, tratando até cair, cuidando da mãe e filho: “[...] cuidava do umbigo, dava banho, fazia tudo pra elas, fazia até comida... ensinava folha pra tomar banho. Ensinava essa. Botava no fogo pra elas tomar banho, se banhar. A malva branca”. Atualmente as parteiras existentes já estão idosas, conforme atesta. A vitalidade do ofício de partejar está associada ao modo de vida do passado: “Nesse tempo que a gente fazia não tinha carro pra levar pra Cachoeira. Tinha assim... mas demorava pra... não esperava, né? Tinha dentro de casa mesmo”. Ela explica os procedimentos para o parto:

A dor do parto a gente cozinha é algodão. Cozinha o algodão [folhas] pra esquentar a dor. Cozinha o algodão e aí dá o banho. Dá o banho pra dor esquentar. A gente dá um golinho pra beber e aí a dor esquenta. A dor esquenta e o menino nasce. [...] Uma folha que chama mentrasto também é boa pra dar banho. O mentrasto tem muito, agora só tem mais no inverno. No verão é difícil, mas no inverno tem muito. É bom.

Os cuidados com o umbigo implicam em cortar, passar o azeite doce e o óleo de amêndoa ao seu redor.

Pra cicatrizar... ele cai ali mesmo. O algodão no banhozinho... a gente não deixa molhar pra não ficar aquela murrinha. Que ele morrinha muito quando tá secando, aí a gente dá o banho, não molha. Dá o banho todo no menino com jeito pra não molhar o umbigo, a gente tira aquele paninho que a gente bota, depois a gente vai, tira. Quando acabar passa o óleo da amêndoa e torna botar aquele paninho e dobrou aquele umbigo e deixou ali, com três dias ele cai. Se o menino tiver a cabeça boa, com três dias ele cai. Se a cabeça dura, com quatro ou cinco dias cai.

Para a mulher no puerpério, ela sugere banho de folha de malva branca, aroeira ou a entrecasca do cajueiro. Dona Lourdes afirma que ainda acontecem situações de parto em casa ou a caminho do hospital: “Aqui mesmo tem

uma vizinha que teve no carro. Eu falei com ela: ‘não vá pra Cachoeira que você vai ter no carro’, quando chegou ali na Pedra [local próximo] teve. [...] Enrolou o menino e foi pra Cachoeira, chegou lá os médicos veio tirar do carro”. Ela esclarece que nem sempre é possível prever o tempo de trabalho de parto, especialmente no caso de meninos que, segundo ela, são mais rápidos de nascer e com dores mais intensas: “A menina fêmea ainda dá tempo de sair, panhar uma coisa ali... mas o menino macho não, a dor é uma em cima da outra, uma em cima da outra. É a dor quente”.

O parto realizado no hospital, segundo Dona Lourdes, também oferece garantias adicionais às mulheres: “Ainda que elas queiram ter em casa, mas elas têm que ir pra lá. Porque lá já sai com aqueles papéis, né?”

Dona Lourdes faz chás e xaropes: “[...] pra puxamento, pra puxar cansaço... de cansaço... eu faço tudo de tudo quanto é folha. De tudo quanto é folha eu faço”. Raízes de lírio, da carqueja e da orelha da onça; capim-santo, folha santa; velame;



folha do agrião; “bagunço” da banana e mel de abelha; gengibre; pena de galinha preta torrada “fazer aquele pó pra jogar dentro do xarope”. Ela faz chá de quiôô, boldo, tapete de oxalá, para indigestão.

.....

As pessoas a procuram para pedir folhas e ensinar os chás. Aprendeu no cotidiano, com os pais: “As folhas eu via minha mãe fazer. O pessoal trazia, meu pai trazia as folhas, onde tinha as folhas ele trazia pra dentro de casa, cada qual ele ia trazendo e mostrando qual era a folha”.

.....

Maria

Maria da Conceição Santos da Silva, ou apenas Maria, tem 41 anos e é mãe de quatro filhos, é presidente da Associação de Moradores do Brejo da Guaíba e rezadeira. Ela aprendeu com sua mãe a rezar para São Cosme e São Roque, o “ofício” para benzer a casa, além das rezas para vários problemas. O aprendizado se deu na prática, como ela conta, “prestando atenção” ao que sua mãe fazia. Ela foi a única filha de 14 irmãos a aprender as rezas, o início do interesse pelo ofício seu deu na adolescência.

Minha mãe sabia rezar dor de cabeça, rezar de olhado, quando tem um ferido, que aquele ferido inflama e fica vermelho, que chama de azipela [erisipela]. O pessoal chama que deu o mal da praia. Eu sei rezar isso também. Sei rezar de desmentido, quando toma uma pancada que desmentiu assim numa junta. E também sei rezar, assim... Devoção que o pessoal tem com São Cosme. Como hoje, que é o dia de São Cosme, o pessoal reza, dá o caruru. [...] É, eu sei rezar São Cosme, São Roque eu também sei. Sei rezar também o ofício.

Maria não escrevia as rezas, apenas prestava atenção ao que sua mãe fazia. Mas o interesse, ela conta, veio se construindo ao longo do processo em que se entrelaçam a reza e a cura: “Eu achava bonito ela rezando. Por exemplo, vinha uma pessoa com um ferido, hoje ela rezava e amanhã já vinha sequinho. Aí eu



achava aquilo interessante. De ver ela curando aquilo que a pessoa tava e aí me interessei. E fui aprendendo”.

Ela ensina como reconhecer o “olhado” e o procedimento para a reza: “O *olhado* é tipo assim, tem gente que tá sentindo o corpo mole... tá achando que tá com *olhado*. Aí a gente reza com folha de vassourinha ou uma folha que chama malmequer, a gente reza de *olhado*”.

Ao final da reza, corta a folha em três partes e faz a dispensa sempre em direção ao pôr do sol, ou “*pro lado que o sol se escrava*”. A reza para “*olhado*” deve ser recitada por três dias seguidos:

[o nome da pessoa], se te botaram olhado, se foi no teu comer, se foi no teu beber, se foi no teu vestir, se foi no teu calçar, se foi na tua cor, se foi nos teus olhos, se foi na tua beleza, se foi na convivência com a tua família, [o nome da pessoa]. Eu tiro com os poderes de Deus e da Virgem Maria”.

Em seguida a esta primeira reza, deve-se finalizar com uma outra cujas palavras são:

A lua antes de ser nova, [o nome da pessoa], primeiro foi ao poente perguntar Jesus Cristo com que cura os inocentes. Te curara e com nome de Deus Pai, Filho e Divino Espírito Santo. Sai mal, sai desse inocente, vai para o poente, onde não canta galo e nem galinha, onde não berra boi e não ouve o filho do homem chorando.

Com referência às restrições temporais, ela afirma que não se deve rezar à noite e nem aos domingos. Em sua concepção, as rezas devem ser feitas exclusivamente com as folhas da vassourinha ou do malmequer. “Pé desmentido” se reza com três pedrinhas (torrãozinho) de barro (de casa de taipa). Com as pedrinhas, ela vai fazendo a cruz no local desejado e rezando: “‘Carne quebrada, nervo rendido, osso desconjuntado, veia torcida, chega pro lugar’, diz três vezes assim e no final diz: ‘com os poderes de Deus e da Virgem Maria’”. Depois da reza, puxa-se três vezes o local atingido. Para erisipela, que Maria chama de “mal da praia”, pronuncia-se a reza e vai molhando o local com azeite de oliva com a ajuda de uma pena de galinha. Para dor de cabeça, a reza não necessita de folhas, pois se faz o procedimento com os dedos cruzando na testa e ao finalizar a reza, dá-se um leve sopro em cada ouvido. A reza é a seguinte:

‘Jesus é o sol, Jesus é sereno, Jesus é caridade, Jesus é as três pessoas da Santíssima Trindade. Tirei essa dor de cabeça, com dor de chuchada e ventosidade. Tirei da carne e tirei dos ossos, tirei da veia, tirei da cabeça de...’, da pessoa que a gente tá rezando, com os poderes de Deus e da Virgem Maria.

Maria não sabe rezar “ar do vento”, pois sua mãe a retirava do local quando havia esse problema. A razão, ela explica: “Ar do vento eu já ouvi o pessoal falar, mas eu não aprendi essa não, minha mãe dizia que não me ensinava essa porque essa reza é muito forte”. Também não aprendeu a reza de “vento caído”, mas por outro motivo, que explica: “[...] quando eu pedi a ela pra ela rezar pra eu poder ouvir, ela me disse assim: ‘não aprenda não, que fica um monte de gente vindo pra sua casa com menino pequeno pra rezar. Não aprenda essa não. E seus filhos já tá grande’”.

Maria faz xaropes com uso de várias folhas: xarope da flor do sabugueiro, para gripe; de hortelã grosso. Em seu repertório de conhecimentos, chá de trançagem e de purga do campo são bons para combater inflamação; folha da amescla é boa para espinhela caída. Em sua opinião, as folhas ou ervas

medicinais, como ela também as chama, são melhores que remédio. Ela afirma que o uso dos chás é disseminado na comunidade, mesmo entre os mais jovens, e que a procura de um médico se dá apenas quando as folhas não resolveram o problema.

.....

Eu mesma prefiro a folha. E meus filhos também é assim. Meus filhos... eles também não vai pegar o remédio pra tomar, eles primeiro vai fazer um chá. E eles todos já são ensinados, tal folha serve pra tal coisa. Aí se eu não tiver em casa pra eles dizer assim: 'ó, mãe, faz um chá pra mim'. Tem vez que eu chego e vejo o chá feito.

.....

• TABULEIRO DA VITÓRIA

Vandinha

Com 66 anos, casada com Detinho e mãe de 20 filhos, Cizélia Caetano da Cruz, conhecida por Vandinha, é rezadeira nascida e criada na comunidade do Tabuleiro da Vitória. Como ela explica, esse nome não é um apelido, mas uma forma de resolver a divergência entre a mãe e a tia como relação ao seu nome: “[...] minha mãe queria Vandinha e minha madrinha queria Cizélia. Aí pras duas não ficar zangada, aí minha madrinha batizou como Cizélia, que é do batismo e minha mãe botou Vandinha como apelido de dentro de casa, ficou as duas satisfeita”. Criada no catolicismo, ela faz reza para São Cosme e Santa Barbara no mês de janeiro, que incluem a novena, caruru e o samba, festa que reúne muita gente da comunidade.

Vandinha iniciou-se nas rezas aos 11 anos, com seu tio, rezador, que aprendera com o avô e o pai: eram “rezadores de ganho”. Não sabia ler, mas achava muito fácil decorar: “Mas eu tinha uma cabeça tão boa que eu acho que era Deus mesmo que queria que eu aprendesse isso, né? Porque assim que ele me ensinava eu já aprendia tudo”. O aprendizado foi uma alternativa à escola, que ela disse

ser um ambiente hostil: *“Porque a minha vontade que eu tive foi de aprender a reza, que eu não sabia nada de estudo. [...] Eu não sabia nada de estudo e queria alguma coisa que me distraísse coisa, que me ajudasse de meu lado. Fui muito judiada na escola com as professoras”*.

Ela indica os problemas que sabe cuidar: “ar do vento”, dor de dente, dor de cabeça, “desmentidora do pé”, “olhado”, “espinhela caída” e “vento caído”, esse último é um problema de criança, como ela explica: *“É como se fosse olhado, porque ali ele fica obrando desandado, obrando fedendo, a barriga oca, aí já chama vento caído”*. Além de rezar, ela faz chás e xaropes.

Vandinha diz que a chamam também para rezar no hospital, problemas como “ar do vento”, que os médicos definem como derrame, *“que fica assim torto, com a mão torta, com a boca torta...”* Nesse caso, além da reza, é preciso fazer dar o banho e fazer a defumação com as folhas: velame, folha de café, maria preta, folha de palha de alho, alecrim do sertão e fedegoso. Esse



tratamento tem que ser feito três ou sete vezes. Como ela explica, há situações em que vai até a casa da pessoa doente:

Tem as folhas já preparadas, próprias pra isso. Pra fazer o banho e dar o defumador a pessoa. Aí a pessoa toma o banho primeiro... o dono do doente, eu que sou a rezadeira aí vou levar aquelas folhas tudo, chega lá e dou... por exemplo, a senhora que a dona, aí a senhora prepara aquele banho, dá a ele. Eu fico ali esperando, pra depois que ele tomar aquele banho, eu vou defumar ele todo pra depois eu rezar. [...] Chama pra eu rezar lá no hospital e quando vem pra casa eu faço o defumador e o banho.

Segundo ela, outro problema que poucos rezadores sabem cuidar é a espinhela caída.

Espinhelela caída é um ossinho que tem aqui [mostra apontando para o próprio tórax, acima do plexo solar]. E aí se a senhora pegar um peso de mais, que a senhora não aguentar, tomar uma topada de mais, que a senhora volta pra trás, que é a mesma coisa de menino mole que dá jeito nas costas então esse ossinho daqui desce em cima dos figos. Esse ossinho daqui trabalha em cima dos figos e a senhora começa a sentir uma dor aqui e uma dor nas costas. Que chega a arder. Isso aqui assim parece coluna. E aí senhora amanhece com as pernas... quando ela já tá bem passada, que o figo tá bem inflamado a senhora começa até inchar.

A espinhela caída pode ser resolvida com a reza de três dias. Para o procedimento, a pessoa doente deve portar uma pedra na mão, fazendo movimentos para baixo e para cima enquanto Vandinha recita a reza. Após a reza é necessário um tempo de resguardo, que pode ser de três ou nove dias, nesse último caso, com uma toalha amarrada ao corpo. Além da reza, também é recomendado que a pessoa tome chá da folha do louro com a folha da amescla, conforme explica:

Uma pedrinha assim. Qualquer uma pedra. Que seja assim de um quilo, dois quilos. Eu rezo, digo aquelas palavras e aí eu digo assim: 'quando Deus entrou no mundo arcou, a espinhela levantou, peito aberto fecheis, espinhela levantei, com a hóstia do divino Espírito Santo te rezei'... aí já é quase no fim, não é a espinhela... não é a reza toda, entendeu? Aí pego aquela pedra e dou a senhora pra estender. Aí a senhora leva três dias de resguardo sem fazer nada e nove dias de resguardo é com a toalha aqui ó! Amarrada a toalha aqui. [...] Je se quiser nove dias de toalha aí eu pego a toalha aqui, que dê aqui na senhora, e aperto aqui e a senhora amanhece e adormece com aquela

toalha, só tira pra tomar banho e amarra de novo, nove dias de resguardo. Mas hoje em dia como ninguém quer mais esse negócio de ficar amarrado tanto tempo aí eu rezo pra três dias.

No tocante às restrições quanto às atividades, Vandinha destaca as interdições de horário para que possa rezar as pessoas: “Só não doze horas da noite. Meia noite, nem do dia e nem da noite. Deu meio dia eu não rezo [...]. Passou dessas horas qualquer hora e qualquer dia”. Muitas pessoas, inclusive jovens, pedem a Vandinha indicações de folhas para chás, mas as consultas não despertam o interesse dos jovens pelo aprendizado. Sobre as dificuldades na continuidade deste ofício, ela diz que somente uma jovem rezadeira, até o momento, aprendeu as rezas com ela. No seu relato fica claro que as dificuldades de interesse pelo aprendizado também se estendem às responsabilidades a serem assumidas pelo beneficiário do ofício de rezador:

Que a reza tudo é forte. Só [uma] que quis, eu ensinei. Mas as outras menina diz que não quer não, que é uma reza muito forte, muito pesada, que tá em casa daqui a pouco chega pra chamar pra ir rezar uma pessoa... sabe que as meninas hoje tá tudo de boemia, né? [...] [A jovem da comunidade] veio com o caderno, eu fui falando e ela foi escrevendo tudo e ela sabe. Não sabe tudo que nem eu, mas ela sabe, que tem coisa que ela não veio perguntar ainda.

.....

Se eu tô rezando e vejo que tá errado eu paro, peço licença a Deus e volto... pego as palavra na mente pra não errar de novo e começo de novo. É a mesma coisa de quando você escreve uma palavra e sai errado, você apaga pra fazer outra, não é isso? Então a mesma coisa é da gente. Se eu rezar e sair um nome errado aí eu paro e conserto. Peço a Deus perdão por aquela que eu fiz errado e boto aquela na mente e volto a rezar de novo, aí consegue.

.....



• MUTECHO E ACUTINGA

Seu Erasmo

Erasmo Costa, conhecido por Seu Erasmo, é um antigo praticante terapêutico da comunidade Mutecho e Acutinga e, conforme ele afirma, apesar de já ter curado de mordida de cobra – sua especialidade – pessoas e animais, atualmente ele restringe sua prática terapêutica aos familiares. Ele diz que com a chegada da medicina as pessoas não querem mais saber de ervas, mas apenas comprar medicamentos na cidade, por isso ele não faz mais seus remédios, apenas fornece seus conhecimentos a quem os solicita.

Seu Erasmo explica como faz seu remédio mais famoso, para mordida de cobra, a partir de raízes e folhas de tira-teima e vence-tudo, que ele aprendeu aos 18 anos de idade com seu avô Alípio Costa.

[...] tem que rançar, sacode o pé pra tirar a terra ou areia, só não pode lavar, agora, tem a raiz do mata-pasto, tira três raízes de cada, agora se não achar as três [...], tem o anel da cabaça. [...] tira os anéis para misturar tudo ali e alho. [...] Agora, essa folha, essa raiz se rançava, fazia pingar, machucava bem machucado com uma pedra, bota-

va dentro de um litro de cachaça com alho. [...] depois de pisada agita bem, aí deixa aquele remédio ali assentar um pouco. Depois que assentar pega um copo de 200 ml, se for um adulto bota dois dedos, se for um jovem pode botar um dedo.

Além do remédio para a mordida de cobra, é preciso cuidados adicionais, como alimentação, massagem no local e resguardo.

A alimentação é a carne de sertão tirada bem o sal, com aquele angu, não pode comer feijão, não pode tomar café nem beber leite, ele só pode usar o chá mate. Então o resguardo é quarenta dias, agora quando tiver oito dias, ele já pode comer o feijão. Faz um machucado com o machucador passa na peneira para tirar a palha do feijão, mas hoje com liquidificador, desaparece tudo. Outra coisa: ele só pode ter relações quando não estiver sentindo mais dor no pé e o pé estiver desinchado, se por acaso a inchação estiver subindo, ele tem que ter um cordão com um botão branco e virgem que amarra acima da inchação. Se não tiver o botão virgem, tira de uma camisa de homem, do paletó, de uma camisa, uma calça. Amarra porque a inchação pode subi demais, quando chegar no cordão, ela para. Dentro de três ou quatro dias, ela vai, a inchação.

As orientações no uso do remédio se estendem àquele que vem retirar o remédio pronto, “se você está com o corpo sujo, não pegue. Se você teve relações com alguém não pega no remédio”.

Além do remédio acima descrito, Seu Erasmo também reza para engasgo e bicheira. Ele diz que só não faz mais seu remédio porque se chateou com uma situação com um médico de Salvador que desdenhou de seu trabalho e o ofendeu, mas segundo ele, todas as ervas usadas ainda estão amplamente disponíveis na região. Ele apresenta muitas indicações de folhas e seus usos. A terramicina, “não pode usar o chá quente, tem que ser morno”. O anador “faz o chá usa umas três folhas. Cozinha as folhas com o vaso tampado. Pode usar três vezes”. A aroeira “tem um preceito com ela, não deve usar quando tiver tomando outro medicamento e usar com cuidado em pouca quantidade”. A laranja da terra faz “chá da folha dela é um tranquilizante, usa três vezes”. A melissa e o capim estrela: [...] é tranquilizante, pressão alta, insônia, usa as folhas para fazer chá mais de oito folhas. O boldo “usa as folhas, se der pra tirar três olhos dele pra botar no fogo. Toma três ou quatro vezes ao dia”.

O capim santo deve ser “cozido pode cozinhar um litro das folhas para fazer o chá e usar ele como café”. Cana de macaco “é pra diabetes, faz o chá e usa a cana

dele para cozinhar. Ele parece do tipo de uma cana mesmo. Usa três vezes por dia”. As folhas de papanicolau: “usa as folhas faz o chá três vezes por dia e usa pra estomago quando a comida faz mal”. Água de levante, usa “as folhas para chás três vezes ao dia com leite. É tranquilizante, pra pressão alta. Um pedaço da folha dá pra fazer até dois chás”. O cajueiro branco “é pra inflamação serve também pra quem tem “intimidade”, torrar a folha fica aquele pozinho põe no lugar da intimidade, serve também para coloca dentro da água e banhar o local [...] A folha chamada costa branca serve pra puxar muita maldade”. Da amescla “tem que tirar a folha do meio, aquela veia do meio... [...] agora, no que for tirar pra fazer o chá tem que abrir ela pra tirar aquelas veias do meio, se for pra chá, tirar o meio, abre ela em duas bandas... [...] E aí faz o chá, e não serve quente não, é morno”.

A posologia e duração do tratamento com as ervas também são especificadas dependendo da situação:

[...] é mesmo que remédio de médico, às vezes tá usando e ainda não se deu bem com aquela quantia de remédio e torna ao médico pra passar novamente aquele remédio e quando se dá bem é só aquele que ele passou. Para ele ‘todos os remédios que nós usamos na farmácia o produto é medicinal daqui dos matos que nós temos aqui, vai pra cidade e lá eles fazem aqueles coisa pra poder então mandar pra cá’.

.....

A cura é uma coisa. O chá é outra. A cura são as palavras, porque não adianta, por exemplo, o senhor chegar aqui me aqueixando de dor de cabeça... eu vou perguntar se quer que eu diga umas palavras confiada em Deus aí pra ver se alivia. Se o senhor acredita em Deus e tá com a fé eu posso ficar aqui batendo a boca sem dizer nada, mas se o senhor tá com a fé... entendeu? O que cura é a fé.

.....

Seu Nuca

Aginaldo de Souza Vieira, ou Seu Nuca, é um rezador bem conhecido na região. Segundo ele, são os seus fregueses que o colocam “bem na figura”, confiando em suas rezas e remédios. Ele realiza benzeções, defumações e também orienta sobre o uso de ervas medicinais, mas, segundo ele, seu forte são as orações. Sua vinculação religiosa é com o catolicismo e a umbanda. Ele começou bem jovem, aos 13 anos: “Achava bonito, eu invoquei que ia aprender também pra rezar as pessoas [...] achava bonito quando chegava um pessoal que rezou e ficou bom, eu quis aprender pra fazer o mesmo”. Seu aprendizado se deu pela observação de outros rezadores, hoje já falecidos, como Dona Mariquinha, Zé Rufino, Seu Joviano e sua mãe, assim, “de junto tomando aula, os outros fazendo e eu escutando”:



As orações que ia dizendo eu não precisava perguntar: ‘me ensine’. Eu com o ouvido alerta ali. Passava com dois três dias, eu ia lá conversava com aquela pessoa: ‘aquela oração que você tava fazendo?’, ‘que oração, menino?’, eu dizia: ‘aquela, Seu Fulano. Aquela assim, assim, assim, assim, assim... que o senhor rezou a pessoa’, ele disse: ‘benza Deus, menino. Isso que é uma cabeça, tá certinho’, e explicava pra que era.

Essa aptidão ao aprendizado, para Seu Nuca é “mérito da mente”, já que “quando a cadência é boa aprende qualquer oração”. Ele afirma que gostaria de repassar seu conhecimento para outras pessoas, mas ainda não encontrou quem quisesse aprender. As enfermidades que ele mais atende são “peito aberto”, “ar do vento”, dor de cabeça e “desmentidora”. Ele não relata grandes dificuldades no acesso às ervas medicinais, a não ser algumas que estão mais difíceis de se encontrar – e que antigamente eram abundantes – como o capim de caboclo. Algumas das ervas que ele conhece e menciona são quarana, aroeira, maricotinha, fedegoso, folha da costa, mastruz, vence-tudo, folha do velho, vassourinha de mofina, vassourinha de relógio, pata de burro, capim de raposa, comigo-ninguém-pode, concha de Ogum, suspiro branco, mata-pasto, guiné, espada de Ogum.

Para tratar “ar do vento”, além da reza, chá de quarana, defumação e restrições alimentares, o procedimento é iniciado: “[...] rezando a pessoa, e com três olhinhos faz o chá e dá pra pessoa. Uma colher de sopa, uma vez só por dia. Depois da reza não pode comer o feijão de rama, não come marisco, carne verde, não pode comer sem moquear [...]”. Seguindo o tratamento, para o chá, a quantidade de folhas utilizadas: “vai depender da força que o malvado pegar, porque tem sete. Com seis folhas, com sete ramos, até oito ramos”. O melhor horário para beber o chá é ao deitar para dormir, porque associado ao chá é também utilizado a defumação e, “com o defumador a pessoa não pode sair fora pra tomar vento, tem que ficar no quarto, só vai levantar depois de oito, nove, quando o sol já tá quente, pra não pegar resfriadagem”. Para a defumação ele mistura “espinho dos caxeiro, pedra de abelha, palha de alho, caroço de girassol, e eu uso muito botar misturado os cachos do [uma fruta], é um fruto pretinho que dá”.

.....

Essa aptidão ao aprendizado, para Seu Nuca, é “mérito da mente”, já que “quando a cadência é boa aprende qualquer oração”. Ele afirma que gostaria de repassar seu conhecimento para outras pessoas, mas ainda não encontrou quem quisesse aprender.

.....

MODOS DE FAZER, MODOS DE SABER, MODOS DE SER

As ervas medicinais constituem um recurso terapêutico amplamente utilizado pela população. (CATÁLOGO DE PLANTAS E FUNGOS DO BRASIL, 2010) Mas a despeito de sua importância para os cuidados em saúde, estas apresentam fraca integração com o sistema de saúde nacional. Os praticantes terapêuticos são os agentes que propiciam a preservação, readaptação, transformação e circulação desses conhecimentos, e não apenas a sua manutenção “entesourada”, contudo não são reconhecidos pelos serviços de saúde, ainda que instrumentos políticos como a *WHO Traditional Medicine Strategy 2014-2023* – e suas versões anteriores – e a Política e Programa Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico (BRASIL, 2016) reconheçam a validade e contribuição das práticas tradicionais para a ampliação das opções terapêuticas em saúde.

Com foco no fortalecimento das medicinas tradicionais, esses documentos se posicionam de maneira a encorajar tanto a cooperação entre os profissionais de saúde convencionais e os terapeutas tradicionais, quanto um maior diálogo por parte dos pacientes sobre os produtos tradicionais em

uso. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013) No entanto, essas intenções não têm se transformado em ações de larga escala no território brasileiro. Como mais uma entre as práticas terapêuticas encontradas no país, as terapêuticas quilombolas arroladas por meio do presente estudo não constituem um exemplo isolado de exceção a esse desprestígio. Em busca de contribuir para a reversão desse quadro, este capítulo busca justamente visibilizar a riqueza das ervas e outros elementos no cuidado terapêutico presente nessas comunidades.

Partimos de uma visão crítica aos estudos que tratam estas questões a partir de referenciais que reproduzem as argumentações conceituais de saberes etnocientíficos, tais como etnomedicinas, etnobotânicas, etnofarmacologias etc. Propomos considerar as classificações quilombolas como uma forma de saber peculiar de suas culturas, que se comunicam, transitam, se renovam e se reinterpretam, a partir de referenciais mais amplos com os quais se relacionam intensamente no cotidiano. No caso particular dos grupos quilombolas com os quais estudamos, os saberes em saúde não apenas respondem às suas várias “necessidades terapêuticas” – muitas das quais não teriam atendimento adequado por meio do sistema oficial de saúde – mas visibilizam outras formas de eficácia terapêutica, das pessoas, dos animais e vegetais, do ambiente, por meio das quais reafirmam sua identidade de quilombolas.

ERVAS, REZAS E OUTROS ELEMENTOS E PROCEDIMENTOS TERAPÊUTICOS

O resultado da busca de compreender como se compõe, organiza e atua o sistema terapêutico quilombola nas comunidades localizadas no distrito de São Francisco do Paraguaçu, município de Cachoeira, na região da Baía do Iguaçu e Vale do Rio Paraguaçu, por questões analíticas levou-nos a identificar diversos tipos de ação das ervas na manutenção do equilíbrio da saúde e no alívio das várias formas de sofrimento, vicissitudes que afetam as pessoas em todas as etapas da vida e idades. Na feitura de remédios e dos procedimentos curativos em geral, podem ser observados materiais de

origem diversas: vegetais, animais, minerais, além de produtos industrializados, a exemplo de gasolina, álcool, vinho, vinagre, óleos. As raízes, cascas, entrecascas, folhas, flores, frutos dos vegetais – as “ervas” como são denominadas – compreendem usos e conhecimentos amplamente disseminados nas comunidades. Seu repertório e indicação terapêutica se encontram relacionados à sua origem geográfica, apresentando especificidades, tanto na nomenclatura das plantas, quanto nos usos terapêuticos, em relação a outras regiões brasileiras.

Mas estas ações sobre a pessoa não envolvem uma distinção da eficácia de ações materiais e diretas – quando ervas atuam sobre corpos por ingestão ou contato – e ações imateriais e indiretas, por meio de rezas, defumadores e banhos de descarrego.¹ Estes não são procedimentos estanques e excludentes, ou indicados para problemas diferentes, problemas orgânicos *versus* problemas emocionais ou espirituais. Muito pelo contrário, as ervas são postas em conexões heterogêneas, misturando-se a elementos e procedimentos variados para a resolução dos problemas. Da mesma forma, é comum que a mesma erva ou elemento seja usado para mais de um tipo de procedimento.

Os Quadros 2, 3 e 4 – ao final deste capítulo – apresentam os elementos medicinais citados pelos praticantes terapêuticos, em ordem alfabética, segundo suas denominações populares, descritos por nossos interlocutores de acordo com categorias êmicas (nativas) de classificação. Ainda que não tenhamos realizado um estudo botânico dessas plantas, que incluísse documentação fotográfica para melhor identificação do material, produzimos a identificação taxonômica a partir de uma revisão da bibliografia de referência em etnobotânica a fim de identificar as espécies mencionadas.²

1 Referindo-se aos tratamentos de saúde no Candomblé, Serra afirma que “além de valer-se da eficácia química de princípios ativos detectáveis em muitos itens do seu repertório, os *babalossain* com certeza alcançam êxito em muitas de suas terapias em virtude da ‘eficácia simbólica’ de seus ritos”. (SERRA, 2008, p. 111)

2 Embora essa estratégia possa gerar alguma imprecisão na identificação botânica, é preciso destacar que as classificações nativas não são “espelhadas” nas classificações da etnobotânica, como adverte Frasnão-Moreira (2001, p. 132): “[...] a pertença dos seres naturais a determinadas categorias ordenadoras do mundo nem sempre é óbvia e estática, ao contrário do que podem aparentar certas descrições do campo das etnociências. Pode ser motivo de desacordos, incertezas e, como espero mostrar, de configurações contextuais”.

A diversidade nominal, de usos, práticas e efeitos terapêuticos de uma mesma planta, observadas não apenas no território estudado, mas também em outras regiões geográficas, revela não apenas o seu repertório terapêutico, mas a pluralidade de experiências possíveis, mas que nem sempre são representadas na bibliografia biomédica ou farmacopeias. Isto implica em: a) reconhecer a multiplicidade de relações que os praticantes terapêuticos estabelecem com as espécies vegetais; b) identificar certa limitação dos estudos que priorizam os aspectos fitoquímicos e de farmacognosia, uma vez que recaem sobre estas plantas as condições ambientais e socioculturais que sustentam seus agenciamentos e eficácia.³ A intensa diversidade botânica do espectro terapêutico – acrescida de outros elementos, conforme indicados nos Quadros 3 e 4 – sustenta as práticas de cuidado, visibilizando as necessidades e contingências cotidianas frente às dificuldades de acesso e oferta de serviços de saúde, mas também as especificidades curativas, ancoradas nas tradições étnicas e religiosas dessas comunidades.

Um primeiro ponto de interesse a ser destacado se refere à atenção com a puericultura e nos demais anos de desenvolvimento infantil, em que são bastante comuns situações como febres, diarreias, verminoses, anemia, gripes e problemas das vias respiratórias que encontram alívio em chás, xaropes e lambedores produzidos pelas próprias mães ou vizinhos e familiares.⁴ Para crianças menores – até cerca de sete anos –, rezas são necessárias para o cuidado com “vento caído”, cujos sintomas são moleza, perda de apetite e fezes esverdeadas. Sendo estas situações clínicas de menor gravidade e por seu elevado grau de repetição, associados às dificuldades de acesso aos

3 A escassez de dados específicos para os territórios quilombolas dificulta uma problematização epidemiológica mais consistente, gerando uma invisibilidade demográfica e epidemiológica. (COIMBRA JUNIOR; SANTOS, 2000) Estudos como o de Tavares, Caroso e Teles (2018b) e Guerrero e demais autores (2007) demonstram como estimativas de taxas de natalidade, morbimortalidade e assistência à saúde de povos indígenas e quilombolas são discrepantes em comparação aos dados nacionais.

4 As plantas e seus efeitos estabelecem dinâmicas que são expressas e compartilhadas nas comunidades quilombolas. No entanto, algumas indicações são clássicas, tanto popularmente quanto na literatura científica, como, por exemplo, o capim santo e a erva cidreira que, por seu potencial espasmódico e calmante, são largamente utilizados em cólicas de bebês e nas erupções dentárias.

serviços médicos, as populações tradicionais alcançaram larga experiência no seu manejo.

O período gestacional e pós-parto também se caracteriza como uma situação bastante conturbada para as mulheres, especialmente devido à insegurança assistencial. Ainda que as regiões Norte e Nordeste concentrem maiores índices de partos domiciliares (MENEZES et al., 2012), é dominante a substituição das parteiras pelo serviço obstétrico. Essa mudança, ao tempo que desestimulou a formação das parteiras, reforçou as práticas tradicionais de cuidado pós-parto. É extenso o corpo de conhecimentos sobre o cuidado com corpo feminino, especialmente no período gestacional. Uma variedade de ervas foi associada a este período, usadas em banhos terapêuticos (algodão), banhos de assento (aroeira) e ervas que são estimuladores da contração uterina (mentrasto e algodão), banhos para o pós-parto (entrecasca do cajueiro). Também rezas e procedimentos são aplicados no curso do parto e pós-parto, além de interdições sociais e alimentares. Os cuidados com os recém-nascidos também são presentes nos banhos, nas roupas, no tratamento e “descarte” do umbigo. Essa integração feminina no parto dá lugar a uma maternidade ampliada, gerando também novas relações de parentesco, dada a relação dinâmica e integrada entre as mulheres.

Ao mesmo tempo, temos muitas ervas para a população adulta, com os chás, xaropes, lambedores, garrafadas, incensos e banhos. O uso sistemático como calmantes, a necessidade de tônicos estimulantes, antirreumáticos e de alívio para dores variadas: dores de cabeça (“dor de sol”, “dor de sereno”), de dente, pescoço, estômago/barriga, de pontada; e outros mal-estares que evidenciam as dificuldades do trabalho rural exaustivo, tanto na maré como na roça. O ambiente doméstico pouco salubre torna os indivíduos mais suscetíveis a verminoses, diarreias, doenças dermatológicas. Problemas digestivos e hepáticos, que acometem com regularidade a população adulta, também apresentam um amplo espectro de possibilidades, sendo a alfavaca, quioiô, alumã, boldo e tapete de oxalá as mais reconhecidas.

A convivência e o uso laboral de animais fazem com que o cuidado destinado àqueles também seja fonte de preocupação e especialização da parte das populações tradicionais. As ervas são utilizadas na feitura de remédios para picada de cobra, que, dado ao interdito de ser pronunciar o nome, aquelas são referidas como “bicha do chão”, que podem ser encontrados

em várias comunidades. Na comunidade do Kaimbongo foram identificados vários praticantes que tratam deste agravo à pessoa e à saúde, além do Tombo/Palmeira e do Mutecho. Existem cuidados para “engasgo de animal”, além de rezas de bicheira, como indicados por interlocutores do Kaonge do Tombo/Palmeira e de São Francisco do Paraguaçu, que são outros exemplos de cuidados e atenção destinados ao trato com os animais. Essas rezas de bichos e remédios para picada de cobra – destinados para homens e animais – implicam não apenas práticas curativas, mas uma capacidade de se afetar e ser afetado por eles na convivência nesse ambiente. (SOUZA, 2017)

Até aqui, vimos os cuidados com parturientes e crianças, com as condições de moradia e trabalho, com os animais, e que podem ser compreendidos no contexto das condições ecológicas dessas comunidades. Mas as diferenças não se esgotam no plano dessas “especialidades” terapêuticas que, conforme destacamos no Capítulo 2, não podem ser reduzidas aos “efeitos” sociológicos das condições de existência. Ao relacionar as ervas e suas indicações e uso, interessou-nos reconhecer as variedades das experiências nas quais as ervas estão implicadas: diferentes ervas para situações similares, diferentes situações para a mesma erva. Não se tratou, portanto, de estabelecer tipologias, mas de apontar os pontos de interesse por meio dos quais as ervas e outros elementos são ativados em movimentos de redundância para a resolução de aflições diversas e que são especificadas no Quadro 5, ao final deste capítulo. São diferenças que abrem para outros entendimentos das agências curativas que possibilitam a eficácia dos procedimentos e podem ser compreendidas nos seguintes termos: a) a eficácia das ervas nem sempre coincide com as “espécies” botânicas e; b) a eficácia vai para além das ervas e outros elementos, atravessando as afecções dos sujeitos envolvidos.

Assim, a valorização desses conhecimentos não se faz apenas nos termos do reconhecimento das qualidades fitoterápicas, garantidas pelos princípios ativos das plantas, como visibilizadas nas abordagens das etnociências. Seguindo as observações de Oliveira (2012, p. 19), a compreensão dos conhecimentos tradicionais não pode ser feita tendo como “fundo silencioso” as classificações etnobotânicas, que surgem como um parâmetro para a classificação dos praticantes terapêuticos quilombolas. Trata-se, portanto, de conhecer e experimentar outras formas de saber e de fazer que não espelham equivalências perfeitas com as classificações científicas. Sempre haverá

algum ônus nas “passagens” de um sistema a outro, mas as “ausências” de correspondência de ervas e taxonomias científicas ou as diferenças nos usos terapêuticos não podem ser relegadas à vala comum das “crenças populares”. Considerando essas advertências, podemos sugerir que o cuidado terapêutico não está circunscrito ou isolado nas “propriedades intrínsecas” – os princípios ativos – de ervas, animais e outros elementos. Essas competências são estranhas às abordagens das *folk taxonomies* fundamentadas em princípios que estabilizam propriedades nas “espécies”.

As ervas e outros elementos também podem ser implicados nas “palavras”, nas rezas, que podem afastar ou atrair energias, fechar corpos. É preciso ter cuidado com as palavras, que combinam observância e inventividade: pode-se rezar baixinho, para que ninguém ouça, ou falar em voz alta as palavras aprendidas; pode-se deixar vir do coração pequenas diferenças nas palavras, ou até novas palavras e novas rezas. Em todas as possibilidades, são as palavras das rezas e das lembranças e esquecimentos que precisam ser cuidadas em sua potência num mundo que, como sugere Sauma (2016, p. 150), “[...] as palavras já são coisas que adentram a carne, o corpo, a pessoa, transformando-na”.

As aberturas para outras conexões curativas também são tornadas visíveis nas doenças como “ar do vento” e “espinhela caída” – ou “peito aberto” –, de imprecisa “correspondência médica”, que são consideradas graves, sendo que apenas alguns dos praticantes entrevistados afirmaram ter competência para realizar o tratamento, que é demorado, perigoso e complexo. É por essa razão que a “correspondência” entre as doenças biomédicas – processos que surgem como “entidades” – e as doenças nativas – processos que produzem conexões instáveis – resultam temerárias. (MOL, 2012) Rezas, chás, defumadores e banhos aparecem combinados nas situações de aflição, mas também nos cuidados com o fortalecimento e descarrego da pessoa, para o amor e a paz. Assim é que rezas e conhecimentos das ervas constituem os agenciamentos da cura, não sendo possível apartá-los e nem os reduzir a técnicas terapêuticas. São repertórios, como no estudo de Renshaw (2006, p. 415), no que se refere a sua análise dos cantos de cura dos Ayoreo, os *sarode*. Compreender a eficácia dos *sarode* nos leva, como sugere o autor, ao “contexto epistemológico ou ‘mítico’ em que são utilizados”. A eficácia dos *sarode* não é proveniente de uma relação metafórica entre animais/

plantas e as doenças que são evocadas na cura, numa espécie de sugestionamento. Os pássaros, animais e plantas nos cantos eram gente; os cantos chamam esse poder, ao invés de expressar ou refletir. Da mesma forma que os Ayoreo, os praticantes terapêuticos com os quais interagimos no presente estudo evocam o poder das palavras (nas rezas), assim como das ervas e outros elementos em combinações variadas, mas que não coincidem com o dualismo do senso comum “esclarecido” que separa a eficácia simbólica, a fé nas rezas, da empírica, o princípio ativo dos elementos utilizados.

Enfim, valendo-nos das sugestões de Tsing, (2015, p. 185) podemos arriscar dizer que os praticantes terapêuticos estão implicados num “modo inter-específico de ser das espécies”. Aqueles suspeitam de demarcações rígidas entre espécies “selvagens” e “domesticadas”, ambas as situações podem ser consideradas como de “vulnerabilidade ambiental” de vegetais, e prestam atenção à interdependência e coprodução de humanos, vegetais, animais e “ambiente”, fomentando, assim, uma “paisagem multiespécie” nos territórios quilombolas.

Quadro 2. Elementos citados e nomes botânicos

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Abacate / Abacateiro branco	Folha	Chá ou suco	<i>Persea americana</i> Mill
Abre caminho	Folha	Reza e banho	<i>Lygodium volubile</i> Sw.
Acerola	Folha e olho	Suco e xarope	<i>Malpighia puniceifolia</i> DC.
Agrião	Folha	Xarope	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.
Água de levante	Folha	Chá e banho	<i>Renealmia occidentalis</i> Sweet

5 Os nomes botânicos que constam nesta coluna foram baseados nas fontes da bibliografia etnobotânica: Borges; Noblick; Lemos (1986); Barros (1993); Albuquerque e demais autores (2007); Lorenzi; Matos (2008); Almeida (2011); Lisboa e demais autores (2017); Catálogo..., (2010); Couto (2006); Grandi e demais autores (1989); Marinho; Silva; Andrade (2011). Em algumas situações, no entanto, “optamos” dentre várias identificações botânicas. Nesses casos, a escolha se deu segundo os seguintes critérios: a) foram priorizados os nomes botânicos com uma referência regional (no Nordeste brasileiro e/ou no litoral) e; b) com referência aos efeitos terapêuticos que tenham aproximação com os referentes nativos. Nos casos em que as designações botânicas recobrem os dois critérios indicados, optamos por manter mais de um nome botânico.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Alecrim	Folha	Reza e chá	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.
Alecrim branco	Folha	Banho e defumação	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.
Alecrim do sertão	Folha	Banho	<i>Lippia sidoides</i> Cham.
Alfavaca / Alfavaca africana	Folha e raiz	Chá e xarope	<i>Ocimum tenuiflorum</i> L.; <i>Ocimum basilicum</i> L.
Alfavaquinha	Folha e raiz	Chá	<i>Ocimum minimum</i>
Alfavaquinha de cobra	Folha, talo, raiz	Chá	<i>Peperomia ampestr</i> L. <i>kunth</i> , <i>Ertela trifolia</i> L.
Alfazema	Folha	Chá, banho e defumador	<i>Lavandula ampestresa</i> Mill.
Alfazema de caboclo	Folha	Chá, banho e defumador	<i>Hyptis suaveolens</i> L. poit.
Algodão	Folha e Fruto (maçã)	Banho e chá	<i>Gossypium hirsutum</i> L.
Algodão de seda	Folha	Banho	<i>Calotropis procera</i> (Aiton)
Alho	Folha e Palha	Inalação e defumação	<i>Allium sativum</i>
Alumã	Folha	Chá e xarope	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.
Amália branca	Folha	Banho pós-parto	<i>Hemerocallis Amália</i>
Amêndoa	Óleo	Massagem e como diluente	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb
Anador	Folha	Chá	<i>Justicia pectoralis</i> .
Andu	Folha	Banho e rezar	<i>Cajanus cajan</i> L. Mill., <i>Cajanus indicus</i> Spreng.
Araçá	Folha, olho e fruta	Chá, mastigar e comer	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine
Araçá mirim	Folha, olho, fruto	Chá, mastigar e comer	<i>Psidium</i> sp.; <i>Psidium guineense</i> Swartz.
Arcansu	Fruta	Não especificado	Não identificado
Aroeira	Entrecasca, folha	Chá, banho e lavagem tópica	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Arrozinho	Folha	Chá, xarope, lambedor	<i>Polygala paniculata</i> L.; <i>Zornia diaphylla</i> Pers.
Arruda	Folha	Banho e meladinha	<i>Ruta graveolens</i> L.
Assa-peixe	Folha	Chá	<i>Vernonia polyanthes</i> Less; <i>Eupatorium altissimum</i> L.
Baba de boi	Folha	Tratamento cabelos	<i>Solanum hypocarpiums</i> A. St-Hil
Babatenã (Barbatimão)	Entrecasca álcool	Infusão em água ou álcool	<i>Stryhnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville
Babosa	Polpa interna	Emplastro	<i>Aloe vera</i> Burm. F
Banana verde, Banana da preta (seca)	Fruta, bagunço, maçã (umbigo da bananeira)	Chá e xarope	<i>Musa</i> sp.
Batata de teiú	Tubérculo	Infusão em cachaça ou vinho e emplastro	<i>Cayaponia tayuya</i> (Mart.) Cogn.,
Benzetacil	Folha	Aplicação sobre ferimento	<i>Alternanthera brasiliana</i>
Berinjela	Fruto	Chá	<i>Solanwn melogena</i> L.
Biriba	Folha e entrecasca	Emplastro	<i>Rollinia deliciosa</i>
Boldo	Folha	Chá e rezar	<i>Plectrhanthus</i> sp.; <i>Peumus boldus</i> ; <i>Vernonia condensate</i> Baker
Brilhantina	Folha	Chá	<i>Pilea microphylla</i> Liebm.
Cacau	Folha	Chá e banho	<i>Theobroma cacao</i>
Café	Folha	Xarope e banho	<i>Coffeasp</i>
Caiçara	Raiz e folha	Chá e rezar	<i>Solanum stipulaceum</i> Roem. & Schult.
Cajá	Folha e olho	Chá e misturado com leite	<i>Spondias mombin</i> L.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Cajueiro, cajueiro branco	Entrecasca	Xarope e banho	<i>Anacardium occidentale</i> L.
Camará	Folha e flor	Chá e xarope	<i>Lantana ampes</i> L.
Cana de macaco	Folha e flor	Chá, xarope e vermífugo	<i>Costus spicatus</i> Sw
Candeia branca	Folhas, cascas da raiz, flores	Garrafada	<i>Eremanthus arboreus</i> (Gardner) MacLeish; <i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera
Canela	Casca	Chá, xarope e colutório	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume
Canela de velho	Folha	Chá e banho	<i>Miconia albicans</i> (SW.)
Cansação	Folha e raiz	Chá, banho, xarope, infusão em vinho	<i>Cnidocolus urens</i> L; <i>Laportea aestuans</i> L. Chew.
Cansação branco	Folha e raiz	Xarope	<i>Cnidocolus urens</i> L.
Capeba / Caapeba	Folha	Chá	<i>Piper umbellatum</i> ; <i>Piper umbellata</i> L.; <i>Piper regnelli</i> C.DC.
Capianga	Folha	Banho de descarrego	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Pers.
Capim de burro	Folha	Chá	<i>Aloysia polystachya</i> .
Capim de caboclo	Folha	Indefinido	<i>Aconthospermum</i> sp.
Capim de raposa	Folha	Banho	<i>Setaria parviflora</i>
Capim estrela	Planta, folhas, raiz	Chá, xarope e lambedor	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeckeler
Capim santo	Folha	Chá e xarope	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf
Carambola	Folha e fruta	Chá e comer a fruta	<i>Averrhoa carambola</i> L.
Carro santo (Cardo santo)	Raiz	Chá	<i>Carduus benedictus</i> ;
Carqueja / carquejo	Raiz	Xarope	<i>Baccharis trimera</i>

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Castanha do Pará (Amendoeira da praia)	Folha e castanha	Comer e chá	<i>Terminalia catappa</i>
Catinga de crioulo	Folha	Chá e xarope	<i>Leonotis nepetifolia</i> L. R. Br.; <i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R. Br.
Catinga de porco	Folha	Chá	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.
Cebola branca	Fruto e palha (casca)	Lambedor, garrafada e xarope	<i>Allium cepa</i>
Cebola roxa	Fruto e palha (casca)	Chá, banho, lambedor	<i>Allium cepa</i>
Cecé	Folhas	Banho	<i>Cleome aculeata</i> L.
Chuchu	Folhas	Chá	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.
Cipó caboclo	Caule	Colírio (solução)	<i>Davilla rugosa</i> Poir.
Cipó de Cainana	Caule	Infusão em cachaça	<i>Chiococca alba</i> L. Hitchc
Coentro / Coentro da Índia	Folha	Lambedor	<i>Coriandrum sativum</i> L.
Coentro de boi	Folha	Chá e solução antifúngica ou antimicótica	<i>Eryngium foetidum</i> L.
Comigo-ninguém-pode / Tira teima	Folha	Banho de descarrego	<i>Dieffenbachia</i> sp.
Cordão de São Francisco	Folha	Banho, chá e amuleto	<i>Leonotis nepetifolia</i> L. R. Br., <i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R. Br.
Corona	Galhos	Rezar e em solução salina	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.)
Cravo / Cravo da Índia	Botão floral	Lambedor e xarope	<i>Syzygium aromaticum</i> L. Merr. & L.M. Perry

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Cupim (pedaço do cupinzeiro)	Cupinzeiro	Garrafada	<i>Heterotermes tenuis</i> e <i>H. longiceps</i>
Dandá	Folha	Banho de descarrego	<i>Cyperus rotundus</i> L.
Doril	Folha	Banho	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze
Erva cidreira	Folha	Chá	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.
Erva de Santa Maria	Folha	Xarope, chá, lambedor, banho, unguento	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.
Erva doce	Folha	Chá	<i>Pimpinella anisum</i> L.
Espada de Ogum	Palma	Banho	<i>Sansevieria trifasciata</i>
Eucalipto	Folha	Chá e banho	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.
Fedegoso	Folha, planta e raiz	Chá, lambedor, xarope, defumador, banho e emplastro	<i>Senna occidentalis</i> L.; Link <i>Heliotropium indicum</i> DC.
Folha da Costa	Folha	Chá, banho, solução em água	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken; <i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.; <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb
Folha de Santa Rita / Casadinha / Concha de Ogum	Folha	Banho de descarrego	<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H.Bailey
Folha do mangue	Folha	Masticiação	<i>Laguncularia racemosa</i>
Folha santa	Folha	Xarope	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.
Fruta pão	Folha	Chá e banho	<i>Artocarpus communis</i> J.R Forst & G. Forst
Fumo (tabaco)	Folha	Pó torrado	<i>Nicotiana tabacum</i> L.
Fumo bravo / Fumo da mata	Folha	Chá e xarope	<i>Elephantopus scaber</i> L.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Cameleira	Folha	Banho	<i>Ficus adhatodifolia</i>
Gengibre	Raiz	Xarope e lambedor	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>
Girassol	Semente	Defumador	<i>Helianthus annuus</i>
Gramucena	Folha	Chá	<i>Não identificado</i>
Gravatá	Folha	Banho	<i>Bromelia antiacantha Bertol.</i>
Gravatá de cana	Folha e	Banho	<i>Eryngium horridum</i>
Graviola	Folha	Chá e banho	<i>Annona muricata L.</i>
Guarda sereno	Folha	Chá e banho de assento	<i>Não identificado</i>
Guiné	Folha e galho	Chá, garrafada, banho de descarrego e rezar	<i>Petiveria alliacea L.</i>
Hortelã grosso	Folha	Chá, xarope e temperar comida	<i>Plectranthus amboinicus</i>
Hortelã miúdo	Folha	Chá, xarope e suco	<i>Mentha pulegium L.</i>
Jaca de pobre	Folha e fruta	Garrafada e chá	<i>Annona muricata L.</i>
Jamelão	Folha	Chá	<i>Syzygium cumini L. Skeels.</i>
Jatobá	Entrecasca e raiz	Infusão em vinho branco	<i>Hymenaea courbaril L.</i>
Jilózinho do mato	Fruta	Chá	<i>Solanum aethiopicum L.</i>
Juá (Juazeiro)	Entrecasca	Chá e infusão em água	<i>Physalis angulata L., Ziziphus joazeiro Mart.</i>
Jurema	Entrecasca	Infusão em água	<i>Mimosa hostilis; Mimosa verrucosa</i>
Jurubeba	Raiz, folha e fruta	Xarope e lambedor	<i>Solanum paniculatum L.</i>
Laranja	Folha e fruta	Chá e para comer	<i>Citrus sinensis L.</i>

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Laranja amargosa / Laranja da terra	Folha	Chá	<i>Citrus aurantium</i> L.
Licuri	Palha	Rezar	<i>Syagrus coronat</i> Mart.
Limão (limão verdadeiro)	Folha e fruta	Chá e lambedor	<i>Citrus limon</i> L. Burm. F.
Limão taiti	Fruta	Chá e lambedor	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle
Lírio (lírio branco)	Raiz	Lambedor	<i>Lilium pumilum</i> híbrido;
Sangue de lavor / Lírio de Santa Bárbara	Folha e Flor	Chá, xarope e vermífugo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.
Louro	Folha	Chá	<i>Laurus nobilis</i> L.
Mãe-boia	Folha e caule	Chá e banho de assento	<i>Cissus alata</i> Jacquin
Malmequer / Mendororó (Calêndula)	Folha	Chá	<i>Calendula officinalis</i> L.
Malva	Folha	Chá e rezar	<i>Malva sylvestris</i> L.
Malva branca	Folha	Chá e rezar	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.
Mamão, mamão macho	Fruto e flor	Comer e chá da flor	<i>Carica papaya</i> L.
Mandioca do mangue	Folha	Chá	Nãoidentificada
Manga espada	Folha	Xarope	<i>Mangifera indica</i> L.
Manjerição	Folha	Chá, macerada, banho de descarrego e rezar	<i>Ocimum basilicum</i> L.
Manjerição branco	Folha	Xarope	<i>Ocimum gratissimum</i> L.
Maracujá	Folha e caule	Chá e garrafada	<i>Passiflora edulis</i> Sims

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Maria preta	Folha e raiz	Chá, infusão, xarope e rezer	<i>Solanum americanum</i> ;
Maricutinha / Maricotinha	Planta inteira	Chá e lambedor	<i>Monnieria trifolia</i> L.
Mastruz	Folha	Chá, bebida com leite e emplastro	<i>Dysphania ambrosioides</i> L. Mosyakin & Clemants
Mata-pasto	Raiz	Lambedor	<i>Senna obtusifolia</i> L. H.S. Irwin & Barneby; <i>Cassia sericea</i> Sw.
Maxixe	Rama e fruto	Chá, banho e comer cru	<i>Datura stramonium var tatula</i> (L)
Melissa	Folha e raiz	Chá	<i>Melissa officinalis</i> L.
Mentrasto	Folha	Banho e chá	<i>Ageratum conyzoides</i> L.
Mescla / Mescla de pau / Mescla de rama	Folha e Resina	Chá, defumador e infusão	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand
Milho / Milho branco	Grãos e sabugo	Chá, infusão e proteção do corpo	<i>Zea mays</i> L.
Milho de pipoca	Grãos	Banho de descarrego	<i>Zea ys</i> L. everta (Sturtev.) L.H. Bailey.
Mirra	Folhas	Banho	<i>Tetradenia riparia</i>
Muringa	Folhas	Uso não especificado	<i>Moringa oleifera</i>
Murungu (Mulungu)	Folha	Banho de descarrego	<i>Erytrina mulungu</i> Mart. Ex. Benth
Mutamba	Folha e entrecasca	Tratamento cabelo e coro cabeludo	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.
Neve cheirosa	Folhas	Torrada e triturada para pó	<i>Hyptis pectinata</i> Poit.
Noni	Fruta	Infusão em água	<i>Morinda citrifolia</i>
Novalgina	Folha	Chá	<i>Achillea millefolium</i> L.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Orelha da onça	Raiz	Xarope	<i>Tibouchina grandifolia</i> Cogn
Orelha de vaca	Fungo	Uso não especificado	<i>Symphytum officinale</i> L.
Palma da Rainha	Folha	Banho de descarrego	<i>Circinalis do Cyrcas</i>
Papanicolau (Fel da terra)	Folha	Chá	<i>Centaurium erythraea</i> ; <i>Acanthospermum brasiliun</i> Schrank
Pata de burro	Planta	Chá	<i>Centella ampestr</i> L. Urb.
Pata de vaca	Folha	Chá	<i>Bauhinia candicans</i> Benth., <i>Bauhinia forficata</i> Link
Patchouli	Folha	Banho	<i>Pogostemon cablin</i> (Blanco) Benth.
Pau de leite	Folha e entrecasca	Aplicação sobre ferimento	<i>Euphorbia phosphorea</i> Mat.; <i>Sapium</i> sp.
Pau-ferro	Pedaço do galho	Chá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.
Pega-pegas	Indefinido	Banho	<i>Arctium minus</i> , <i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.
Pinhão branco	Fruta	Infusão	<i>Jatropha curcas</i> L.
Pinhão roxo	Folhas	Infusão	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.
Pimenta	Folha	Rezar	<i>Capsicum</i> sp.
Pitanga	Folha	Chá	<i>Eugenia</i> sp.
Purga do campo / Batata de purga	Raiz tuberosa, folha e flor	Chá e bebida com leite	<i>Pombalia calceolaria</i> L. Paula-Souza
Quarana	Folha e olho	Rezar e chá	<i>Cestrum laevigatum</i> Schlecht.
Quebra-pedra	Folha e planta	Chá e infusão	<i>Phyllanthus niuri</i> L.
Quioiô / Quioiô branco	Folha	Chá, banho e amuleto	<i>Ocimum gratissimum</i> L.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Quioiô caboclo	Folha	Banho de descarrego	<i>Ocimum gratissimum</i> L.
Quioiô preto	Folha	Chá	<i>Ocimum gratissimum</i> L.
Quitoco	Folha	Chá e rezar	<i>Pluchea quitoc</i> DC. <i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera
Romã	Folhas e fruta	Chá e comer a fruta	<i>Punica granatum</i> L.
Rompe gibão	Folha	Banho	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. Ex Roem & Schult.) T.D. Penn.; <i>Sideroxylon obtusifolium</i>
Rosa branca	Pétalas	Incenso	<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.
Rosa vermelha	Pétalas	Banho de descarrego	<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.
Sabugueiro	Folha	Chá, xarope e banho	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl., <i>Sambucus nigra</i> L.
São Gonçalinho / São Gonçalinho branco	Folha e galho da planta	Rezar	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.
Suspiro branco	Folha	Banho de descarrego	<i>Gomphrena dersertorum</i> Mart.
Suspiro de cachorro	Folha	Garrafada	<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl, Pl
Tabaco	Folhas	Torrado e moído para pó	<i>Nicotiana tabacum</i>
Tamarindo	Folha	Chá e colutório	<i>Tamarindus indica</i> L.
Transagem	Folha	Chá e banho de assento	<i>Plantago major</i> L.
Tapete de Oxalá	Folha	Chá e banho de descarrego	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.; <i>Coleus forskohlii</i> (Willd.) Brig.; <i>Peltodon tormentosa</i> Pohl.

DENOMINAÇÃO NATIVA	PARTE UTILIZADA	FORMAS DE USO / PROCEDIMENTOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA ⁵
Terramicina	Folha	Chá	<i>Alternanthera brasiliana</i> L. Kuntze
Tetrex	Folha	Chá e banhar local inflamado	<i>Alternanthera brasiliana</i>
Timeró	Fruta	Unguento para animal	<i>Não identificado</i>
Tira teima	Folha	Banho e infusão em água e sal	<i>Polyscias guilfoylei</i> Bailey; <i>Polyscias guilfoylei</i> L.H.Bailey.
Tira-feitiço	Folha	Defumador	<i>Não identificado</i>
Tira-quizanga	Folha	Defumador	<i>Não identificado</i>
Titara (Atitara)	Folha	Infusão em vinho branco	<i>Desmoncus polyacanthos</i> Mart
Ubá	Folha	Não especificado	<i>Mangifera indica</i> L.
Vassourinha	Raiz	Chá	<i>Sida sp.</i> ; <i>Scoparia dulcis</i> L.
Vassourinha de alecrim	Folha	Rezar	<i>Baccharis dracunculifolia</i>
Vassourinha de relógio	Folha	Banho e rezar	<i>Sida Carpinifolia</i> L.; <i>Malvastrum coromendelianum</i> L.
Vassourinha mofina / Vassourinha santa	Folha e olho da planta	Reza	<i>Scoparia dulcis</i> L.
Velaminho	Folha	Infusão em cachaça e defumador	<i>Macrosyphonia velame</i> (St. Hil.) Muell Arg
Vence-tudo (quebra-demanda, abre-caminho, erva-de-Ogum)	Folha e raiz	Chá e banho	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. F.
Xoxô (Dendê)	Óleo do dendê	Limpeza da pele	<i>Elaeis guineensis</i>

Fonte: trabalho de campo (2018).

Quadro 3. Elementos citados, partes, usos e nome zoologia

ELEMENTOS	PARTES	USOS	DENOMINAÇÃO CIENTÍFICA
Cavalinho do mar	Animal	Xarope	<i>Fucus vesiculosus</i>
Cupim branco	Inseto	Xarope	<i>Coptotermes formosanus</i>
Estrelinha do mar	Animal	Xarope	<i>Strepelia flavopurpurea</i>
Gema do ovo de galinha e asa de galinha preta (torrada)	Ovo e asa	Lambedor e xarope	<i>Gallus gallus</i>
Paca	Bucho	Garrafada	<i>Cuniculus paca</i>
Cacheiro (ouriço-terrestre)	Espinho	Defumador	<i>Coendou prehensilis</i>
Maça do boi	Pedra da vesícula	Pó com sucos, leite e mingau	<i>Bos taurus</i>
Lagartixa	Animal	Emplastro	<i>Hemidactylus mabouia</i>
Teiú	Banha frita	Unguento de aplicação local	<i>Salvator merianae</i> (teiú-comum ou teiú-gigante)

Fonte: trabalho de campo (2018).

Quadro 4. Outros elementos, agentes e seus usos

ELEMENTOS E AGENTES	USOS
Água	Agente / veículo diluente de uso geral
Mel de abelha da verdadeira / Mel de abelha da italiana	Na composição de xaropes e lambedores
Pedra de abelha (própolis)	Na composição de xaropes e lambedores
Açúcar	Na composição de xaropes e lambedores
Rapadura	Na composição de xaropes e lambedores
Aguardente de cana (cachaça)	Na composição de remédio para picada de cobra
Vinho branco	Na composição de garrafadas

ELEMENTOS E AGENTES	USOS
Vinagre	Na composição de garrafadas, colutórios e agente nas rezas
Óleo de Amêndoa	Na composição de remédio anti-inflamatório
Gasolina	Na composição de remédio para picada de cobra
Cocô de cachorro (seco)	Na composição de emplastro
Cocô de boi / bosta de boi (seco)	Na composição de emplastro
Lama de pote (argila)	Na composição de emplastro
Bambu (Bambusa vulgaris l.)	Tala para intervenção ortopédica
Carvão vegetal (carvão vivo, brasa virgem)	Para rezar
Torrão de barro	Para rezar
Agulha	Para “costurar” durante a reza
Pano (tecido)	Para “costurar” durante a reza
Folha	Para “costurar” durante a reza

Fonte: trabalho de campo (2018).

Quadro 5. Aflições, Doenças, Mal-estares, Problemas

“Miúda” (inchaço nas pernas)	Ar do vento	Artrose
Bicheira de animal	Cansaço	Cansaço / asma
Catarro	Caxumba / papeira	Cobreiro
Colesterol	Cólica	Corpo doendo
Cortes	Desmentidura / Pé desmentido	Diabetes
Dor de barriga	Dor de cabeça	Dor de cabeça de sol e sereno
Dor de dente	Dor de estômago	Dor de garganta
Dor de pescoço	Dor de pontada	Dor nas pernas

Engasgo com espinha de peixe	Engasgo de animal	Engasgo de gente
Epilepsia	Erisipela	Espinhela caída
Febre	Feridas (variadas)	Fogo selvagem
Fogo selvagem	Frieira	Gases
Gripe	Impingem	Inflamação
Nervoso	Olhado / mau-olhado	“Peito aberto”
Pedra nos rins	Picada de cobra	Pressão alta
Pressão baixa	Problema renal	“Puxamento” / cansaço
Parto (contrações)	Queimadura	Rouquidão
Sarampo	Soluço	Tosse
“Valente”	Vento	“Vento caído”
“Ventosidade” (dor)	Vermes	

Fonte: trabalho de campo (2018).

INVENTÁRIO ETNOBOTÂNICO DAS ERVAS MAIS CITADAS



CAPIM SANTO

Poaceae

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf



Erva com rizomas, folhas longas, estreitas e com um aroma que lembra cheiro de limão. As folhas são utilizadas para fazer chá que é indicado como calmante, para gripe, cansaço, falta de ar, “puxamento”, tosse, dor estomacal e pressão alta.



CAPIM SANTO

Lamiaceae

Ocimum tenuiflorum L.

Erva ereta e com um período de vida longo. Mede até 90 cm de altura, é pouco ramificada e tem aroma. As folhas, medindo até cinco centímetros, são elípticas ou quase arredondadas. Das folhas se faz o chá, que é indicado como expectorante, aliviando a febre, tosse, gripe, cansaço, falta de ar e cansa-seira. Além disso, a erva também é usada na culinária.





ALUMÃ

Asteraceae

Gymnanthemum amygdalinum (Delile) Sch.
Bip. ex Walp.

Esta planta é um arbusto que chega a ter entre dois e quatro metros de altura e apresenta poucas ramificações. As folhas são moles e com sabor amargo. O chá das folhas é indicado para problemas estomacais, fígado, garganta, tosse e cansaço.



MARIA PRETA

Solanum

Solanum americanum

Planta herbácea (pequeno porte e mole), ereta, de florescimento anual e com presença de aroma. Flores de cor lilás a branca. O chá das folhas é indicado como anti-inflamatório, e alivia “ar de vento”, gripe, problemas estomacais, tosse, cansaço e febre. Para “olhado”, cozinha-se as folhas na água para tomar banho.





PITANGA

Myrtaceae

Eugenia sp.



Em geral são arbustos ou árvores de quatro a dez metros de altura. Tronco liso e folhas brilhosas com três a sete centímetros de comprimento e com aroma característico, quando amassadas. O fruto, quando maduro, apresenta cor vermelha. O chá das folhas é indicado para gripe, cansaço, falta de ar, febre e viroses.



MASTRUZ

Amaranthaceae

Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin

& Clemants

Erva anual ou de longa duração, pode alcançar até um metro de altura e com ramificações. As plantas apresentam odor forte bem característico e a tonalidade das flores é esverdeada. Entre as indicações apresentadas nas comunidades, o chá é utilizado para problemas estomacais, tosse, tuberculose, verme, ossos e “pé desmentido”. Muitos indicam seu uso com o leite e mel para gripe.





QUIOIOÔ

Lamiaceae

Ocimum gratissimum L.

Erva aromática, medindo até um metro de altura, com folhas longas, borda serreada e flores bem pequenas. As folhas podem medir de quatro a oito centímetros. O uso do chá é indicando para problemas estomacais, redução do colesterol e como anti-inflamatório, além do uso culinário.



AROEIRA

Anacardiaceae

Schinus terebinthifolia Raddi

Árvore com altura que pode chegar a dez metros, suas folhas são aromáticas lembrando cheiro de manga; seus frutos são de cor vermelha quando estão maduros. É indicado fazer o chá das folhas como anti-inflamatório e, para função cicatrizante, deve-se cozinhar a entrecasca e depois lavar o local ferido.





ERVA CIDREIRA

Verbenaceae

Lippia alba (Mill.) N.E.Br.



Erva que pode ter até 1,5 metros de altura, com folhas serreadas e flores de cor azul a roxa. O chá das folhas é indicado como calmante, podendo ser cozidas com folhas de alfavaca, servindo, também, como laxante.



FOLHA DA COSTA

Crassulaceae

Bryophyllum pinnatum

(Lam.) Oken

Planta herbácea de pequeno porte, com até um metro de altura, suas folhas apresentam as bordas serreadas e brotam com facilidade, se plantadas. As informações sobre a planta são bem diversificadas, sendo seu uso indicado para várias finalidades. No caso do chá da folha e do xarope/lambedor, estes são indicados para curar gripe, tosse e cansaço. Para uso em frieiras ou cortes, pode-se cozinhar as folhas em água e fazer uma lavagem do local ou até mesmo tirar o sumo das folhas e aplicar diretamente sobre o local ferido.





VASSOURINHA

Malvaceae

Sida sp.



Essa erva é pequena, atinge até meio metro de altura e suas flores são amarelas. É uma planta encontrada em todos os tipos de solo durante todo o ano. Entretanto, é no período chuvoso que ela mais se desenvolve. Nas comunidades foi indicado o galho da planta ou as folhas para reza ou para preparar banho contra “mau-olhado”.



ALGODÃO

Malvaceae

Gossypium hirsutum L.

Planta arbustiva que pode atingir cinco metros de altura. Pouco ramificada, suas flores são amarelas e o fruto maduro se abre e solta uma pluma branca. Suas sementes, folhas e flores foram indicadas para curar dor nos ossos e inchaço nas pernas. O chá das folhas serve para dores na barriga e também foi indicado, na forma de banho, para mulheres em trabalho de parto. Já a maçã do algodão, cozida em água, é excelente para “vento caído”.





BOLDO

Lamiaceae

Plectranthus sp.

O boldo é uma planta herbácea pequena (até um metro de altura) e de longa duração. Suas folhas são pilosas, mais ou menos de quatro a seis centímetros de comprimento e com bordas serreadas. O chá das folhas foi indicado para curar indigestão, inchaço na barriga, problemas no fígado e como anti-inflamatório.



ÁGUA DE LEVANTE

Cannaceae

Canna paniculata Ruiz & Pav.

Planta herbácea de longa duração, folhas compridas e flores vistosas. O chá das folhas e flores foi indicado como calmante e para curar problemas respiratórios, gripe, dor de cabeça e dores no corpo. As folhas são usadas para preparar banho contra “mau-olhado”.





ARAÇÁ MIRIM

Myrtaceae

Psidium sp.



É uma árvore que pode atingir três metros de altura, de folhas aromáticas, frequentemente referidas como “Benzetacil”, e que produz um fruto comestível. O chá das folhas é indicado para alívio da tosse, cansaço e para inflamações ou infecções.



FEDEGOSO

Fabaceae

Senna occidentalis (L.) Link

Planta subarbustiva que atinge um metro de altura. Com flores amarelas, seus frutos são do tipo vagem, lembrando a vagem do feijão. O fedegoso foi indicado para se fazer chá com suas raízes, no alívio da gripe, cansaço, falta de ar, tosse e “ar de vento”.





LARANJA DA TERRA

Rutaceae

Citrus x aurantium L



Essa é uma planta arbórea e perene, comum em quintais. As flores são brancas e exalam perfume característico, as folhas são aromatizadas e a casca dos frutos contem ácido. O chá das folhas é indicado para acalmar, combater o cansaço e a falta de ar, além de curar a gripe. O fruto é usado para fazer lambedor e a casca para fazer doce.



MANJERICÃO

Lamiaceae

Ocimum basilicum L.

O manjerição é um subarbusto anual com altura de 50 a 60 cm, com flores brancas. É uma planta aromática que tem uso condimentar na alimentação. Suas folhas são usadas para “banho de axé” e para “firmar o corpo” após o “banho de descarrego”.





PURGA DO CAMPO

Violaceae

C Pombalia calceolaria (L.) Paula-Souza

Planta herbácea perene, ereta e pouco ramificada. A flor é de cor branca e o fruto aparenta ser recoberto por espinhos. O chá das folhas é indicado para alívio da gripe, como anti-inflamatório e para a melhora do sistema nervoso. Além das folhas, a semente é usada para fazer o chá que serve para limpeza uterina após parto. Para usá-la, é necessário um grande resguardo, inclusive com alimentação.



TAPETE DE OXALÁ

Lamiaceae

Plectranthus barbatus Andr.

Planta herbácea, de longa duração, aromática e com sabor amargo. As folhas são pilosas e com bordas serreadas. As flores são roxas. O chá das folhas foi indicado para dores em geral, problemas estomacais, fígado, rim e baço. Também é usada para banhos, sozinha, ou acompanhada de folha da costa.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; RAMOS, M. A. *et al.* Medicinal and magic plants from a public Market in northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, [Ireland], v. 110, n. 1, p. 79-91, 2007.
- ARRUTI, J. M. Políticas públicas para quilombos: um ensaio de conjuntura a partir do exemplo da saúde. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 11, p. 6-10, 2008.
- ALMEIDA, M. Z. *Plantas medicinais*. Salvador: Edufba, 2011.
- BARROS, J. F. P. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.
- BAYTELMAN, B.; ALBALA, E. *Acerca de plantas y de curandeiros: etnobotânica y antropologia médica em el estado de Morelos*. Cidade do México: Instituto Nacional de Antropologia e História, 1993.
- BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. *Ecological Applications*, [Columbus], v. 10, n. 5, p. 1251-1262, 2000.
- BONET, O. A. R.; TAVARES, F. R. G. O usuário como mediador: em busca de uma perspectiva ecológica sobre os condicionantes de saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (org.). *Cuidar do cuidado: responsabilidade com a integralidade das ações*. Rio de Janeiro: CEPESQ, 2008. p. 191-201.
- BONET, O. A. R.; TAVARES, F. R. G. Redes em redes: dimensões intersticiais no sistema de cuidados à saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (org.). *Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: CEPESQ, 2006. p. 385-399.
- BORGES, K. N.; NOBLICK, L. R.; LEMOS, M. J. S. Contribuição ao estudo da flora medicinal da microrregião de Feira de Santana (BA). *Sitientibus*, Feira de Santana, v. 3, n. 5, p. 101-116, 1986.
- BRASIL. Decreto nº 11.850, de 23 de novembro de 2009. Institui a Política Estadual para Comunidades Remanescentes de Quilombos e dispõe sobre a identificação, delimitação e titulação das terras devolutas do Estado da Bahia por essas

comunidades, de que tratam o art. 51 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado da Bahia de 1989. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 nov. 2009.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1º, a alínea j do Artigo 8º, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto no 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória no 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 21 maio. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política e programa nacional de plantas medicinais e fitoterápicos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de saúde integral da população negra: uma política do SUS*. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de saúde integral das populações do campo e da floresta*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. “Ministério da Saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS”. Portal do Governo Brasileiro, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>. Acesso em: 21 set. 2019.

CATÁLOGO de plantas e fungos do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010. v. 1.

COIMBRA JUNIOR, C. E. A.; SANTOS, R. V. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 125-132, 2000.

COUTO, M. E. *Coleção de plantas medicinais aromáticas e condimentares*. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2006.

DUARTE, L. F. Pessoa e dor no ocidente: o “holismo metodológico” na antropologia da saúde e da doença. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 13-28, 1998.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRAZÃO-MOREIRA, A. As classificações botânicas Nalu (Guiné-Bissau): consensos e variabilidades. *Etnográfica*, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 131-155, 2001.

- GRANDI, T. S. M.; TRINDADE, J. A.; PINTO, M. J. F. *et al.* Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. *Acta Botanica Brasileira*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 181-224, 1989.
- GUERRERO, A. F. H.; SILVA, D. O.; TOLEDO, L. M. *et al.* Mortalidade infantil em remanescentes de quilombos dos municípios de Santarém-Pará, Brasil. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 16, n. 12, p. 103-110, 2007.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- LATOUR, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EdUSC, 2002.
- LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LISBOA, M. D. S.; PINTO, A. S.; BARRETO, P. A. *et al.* Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-118, 2017.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto plantarum, 2008.
- MACHADO, C. Agenciamentos da benzedura: o sistema de cura no Quilombo da Casca/RS. *Revista de antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 3, n. 6, p. 87-102, 2017.
- MAIO, M.; MONTEIRO, S. Tempos de racialização: o caso da “saúde da população negra” no Brasil. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 419-446, 2005.
- MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas. *Revista brasileira de plantas medicinais*, Paraíba, v. 13, n. 12, p. 170-185, 2011.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EdUSP, 1974. v. 2. p. 37-184.
- MENEZES, P. F. A.; PORTELLA, S. D. C.; BISPO, T. C. F. A situação do parto domiciliar no Brasil. *Revista Enfermagem Contemporânea*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 3-43, 2012.
- MOL, A. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. Abingdon: Routledge, 2008.
- MOL, A. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham: Duke University Press, 2002.
- NEVES, N. M. *Como as avós ou entre os doutores: memórias de parto e identidade, corpos e territórios em disputa no quilombo do Kaonge, Recôncavo da Bahia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

- OLIVEIRA, J. C. *Entre plantas e palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- PINA-CABRAL, J.; SILVA, V. *Gente livre: consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.
- RENSHAW, J. A “eficácia simbólica” revisitada: cantos de cura Ayoreo. *Revista de antropologia*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 393-427, 2006.
- RICHARDSON R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas S.A.: São Paulo, 1999.
- RODRIGUES, N.; CAROSO, C. A sina de curar: a palavra de um terapeuta religioso. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 183-212, 1999.
- SAUMA, J. Palavras carnaís: sobre re-lembrar e re-esquecer, ser e não ser, entre os Filhos do Erepecuru. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 150-173, 2016.
- SCHWARTZ, S. B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- SERRA, O. O encanto das folhas. In: CAROSO, C. (org.). *Cultura, tecnologias em saúde e medicina: perspectiva antropológica*. Salvador: Edufba, 2008. p. 103-118.
- SERRA, O.; VELOSO, E.; BANDEIRA, F. et al. (org.). *O mundo das folhas*. Salvador: UFBA, 2002.
- SOUZA, I. M. A. Afeto entre humanos e animais não humanos no biotério. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-21, 2017.
- TAUSSIG, M. T. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Paz e terra, 1993.
- TAVARES, F.; BASSI, F. Efeitos, símbolos e crenças: considerações para um começo de conversa. In: TAVARES, F.; BASSI, F. (org.). *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: Edufba, 2012. p. 17-28.
- TAVARES, F.; CAROSO, C. Therapeutic diversity and public health policies among vulnerable populations: a study in Bahia, Brazil. In: SAIZAR, M.; BORDES, M. (org.). *Alternative therapies in Latin America: policies, practices and beliefs*. New York: Hauppauge, 2018a. p. 59-75.
- TAVARES, F.; CAROSO, C.; TELES, C. Indicadores socioambientais e vulnerabilidades das populações e povos da Baía de Todos os Santos. In: HATJE, V.; VINHAES, L.; ANDRADE, J. (org.). *Baía de Todos os Santos: avanços nos estudos de longo prazo*. Salvador: Edufba, 2018b. p. 61-94.
- TSING, A. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; LIN, C. M.; SILVA, S. M. P. (org.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 11-29.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO traditional medicine strategy: 2014-2023*. Geneva: World health organization, 2013.

COLOFÃO

<i>Formato</i>	170 x 240 mm
<i>Tipologia</i>	Swift e ScalaSans
<i>Papel</i>	Alcalino 75 g/m ² (Miolo) Cartão Supremo 300 g/m ² (Capa)
<i>Impressão</i>	Edufba
<i>Capa e Acabamento</i>	Cartograf
<i>Tiragem</i>	400 exemplares



NESTE LIVRO, tomamos como ponto de partida a questão de saber como podemos “acessar” a diversidade de conhecimentos e práticas de cuidado em saúde que historicamente tem sido objeto de preconceitos e de políticas de sistemático combate por parte dos poderes instituídos, e, que ainda hoje, são fortemente marginalizados. Mas como fazer isso sem contribuir para sua transformação em exotividade, em saberes etnicamente situados que deveriam ser “preservados” em defesa da diversidade cultural contemporânea? Intenções desse tipo podem ser honestas, contudo, devemos ir além de abordagens que restringem outras experiências terapêuticas ao domínio da cultura para situá-las nos corpos e no mundo repovoado de novas possibilidades de vida e cuidado.